



**Edição e Propriedade**

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÁ

Contribuinte: 501104038

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Telef.: 21 885 12 85 / 21 886 35 11 Fax: 21 885 13 55

E-Mail: snec@snec.pt; educacao-crista@sapo.pt

**Diretor**

Acácio José Pereira Lopes

**Conselho de Redacção**

Anacleto Oliveira, António Francisco dos Santos, António Marcelino,  
Maria Helena Pereira, Cristina Sá Carvalho.

**Sede da Redacção**

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

**Paginação e Montagem**

Ângela Baptista

**Tiragem**

600 exemplares

**Condições de assinatura**

Número Avulso: 6 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

**Ideografia**

Aristides Dourado

**Nº de Registo**

124627

**Impressão**

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354-909 Torres Novas

**Depósito legal**

221 724/05

*Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas*

# Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

# 26

## **Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica «Descobrir a solidez da fé: Testemunho e missão do professor de EMRC»**

**Sobre a Educação Integral do Ser Humano** [11-21]

JOÃO MANUEL DUQUE

**A Evangelização em Meio Escolar** [23-32]

ELISA URBANO

**Evangelizar na Escola** [33-36]

FÁTIMA LOPES

**Evangelização em Meio Escolar:  
3 verbos transitivos e 3 advérbios de modo** [37-52]

ANTÓNIO MADUREIRA / AMARO GONÇALO LOPES

**A Missão do Professor de EMRC  
no Contexto da Escola Atual** [53-74]

FERNANDO MOITA

**A Missão do Professor de EMRC no Contexto Atual.  
Testemunho pessoal, enquanto professor de EMRC**

[75-82]

ADRIANO MOURA E SILVA

**A Missão do Professor de EMRC  
no Contexto da Escola Atual [83-88]**

JAIME MILTON

**A Missão do Professor de EMRC  
no Contexto da Escola Atual [89-95]**

ROSA RALO

**Relação Pedagógica [97-104]**

ANTÓNIO ESTANQUEIRO

**Relação Pedagógica [105-107]**

JOÃO MENDES

**Notas sobre Relação Pedagógica,  
após leitura do texto de António Estanqueiro [109-120]**

TERESA GRANCHO

**Inovação e Relação Pedagógica [121-127]**

HÉLDER PIRES

**Metas Curriculares de Educação Moral  
e Religiosa Católica [131-143]**

## Editorial

DIÁC. ACÁCIO JOSÉ PEREIRA LOPES (\*)

Dedicamos este número da revista Pastoral Catequética, quase exclusivamente, à apresentação das comunicações do Fórum da Educação Moral e Religiosa Católica, que teve lugar em Fátima nos passados dias 25 a 27 de janeiro, subordinado ao tema “Descobrir a solidez da fé: Testemunho e missão do professor de EMRC”.

No referido Fórum estava em causa e foi objeto de debate a problemática da evangelização em meio escolar, ou seja, uma das finalidades essenciais, porventura a mais fundamental, que a Igreja Católica atribui à dinâmica curricular da disciplina nas nossas escolas.

A primeira comunicação, feita pelo Prof. João Duque, constitui como que o “pano de fundo” sobre o qual se vieram a desenhar as restantes comunicações, de caráter mais contextualizado, tendo em conta as circunstâncias educativas do nosso ambiente escolar e a experiência concreta vivida pelos professores de EMRC nessa realidade contextualizada. O texto do Prof. João Duque centra-nos na essência da relação educativa, atendendo à natureza identitária do ato educativo concreto na procura da construção da identidade da pessoa humana, o que passa pela consideração das dimensões do humano que constituem o objeto da construção dessa identidade. Terminando por selecionar três áreas educativas estratégicas sobre as quais pode e deve incidir, hoje, a ação educacional, em geral, e a educação moral e religiosa católica, em particular.

Seguem-se três comunicações sobre a problemática da evangelização em meio escolar.

Elisa Urbano parte dos desafios que se levantam à Igreja em matéria da “nova evangelização” para as colocar no contexto do meio escolar, defendendo

---

(\*) Diretor.

a conceção de que o ensino religioso escolar constitui uma forma “original”, específica e legítima do exercício do ministério da Palavra, que apresenta dificuldades acrescidas nos dias de hoje, mas que abre horizontes novos e esperançosos à missão evangelizadora da Igreja.

Fátima Lopes relata-nos as dificuldades e os sucessos obtidos na sua experiência concreta, enquanto professora de EMRC, com alunos do ensino secundário numa determinada escola de Lisboa.

António Madureira e Amaro Lopes apresentam numa comunicação original, na sua estrutura formal, o percurso estratégico para que a EMRC se constitua, cada vez mais, como um caminho de autêntica evangelização em meio escolar.

As quatro comunicações seguintes procuram identificar a missão do professor de EMRC no contexto da escola atual.

A primeira, apresentada por Fernando Moita, constitui um ensaio conceptualmente elaborado e desenvolvido do tema em questão. Partindo do conceito de educação, respetivas finalidades e problemáticas nos dias de hoje, legitima o lugar da educação moral e religiosa católica, define o perfil do professor de EMRC, enquadra a sua missão na escola e traça o percurso estratégico para a eficácia da sua ação educativa.

Adriano Moura e Silva, Jaime Milton e Rosa Ralo apresentam-nos os respetivos testemunhos pessoais enquanto professores de EMRC e, a partir deles, propõem-nos a grandeza da missão que lhes está confiada no contexto das exigências educativas e curriculares atuais, tendo em conta as finalidades da disciplina em meio escolar.

O último conjunto de comunicações do Fórum desenvolve o tema da relação pedagógica.

António Estanqueiro aborda, a partir da sua já longa experiência docente, a qualidade das relações do professor com os alunos, cujas características essenciais sustentam a eficácia do processo de ensino e aprendizagem.

João Mendes relata-nos de forma muito concreta como gere o espaço-tempo das aulas e o modo como, nelas, constrói as suas relações com os alunos.

Teresa Grancho reflete e desenvolve, em estilo pessoal, os diversos tópicos apresentados por António Estanqueiro na sua comunicação.

Hélder Pires elabora uma reflexão crítica sobre o conceito de “inovação” e a sua incidência na prática letiva, direcionando a inovação educativa sobretudo

para a qualidade da relação pedagógica estabelecida no interior da sala de aula entre o professor, os alunos e o saber, e exemplificando como, na sua prática docente quotidiana, constrói essa mesma inovação educativa e desenvolve, com coerência, a relação pedagógica consequente.

A finalizar este número da “Pastoral Catequética” apresentamos o texto introdutório de fundamentação das metas curriculares de EMRC construídas por uma equipa de professores dos Ensinos Básico, Secundário e Superior, a convite do SNEC, e apresentadas ao Ministério da Educação, no final do ano letivo 2012/13, para homologação. Representam uma releitura do programa de EMRC e consequente adaptação às estratégias do desenvolvimento didático da disciplina no âmbito dos critérios curriculares atualmente estabelecidos pelo Ministério da Educação.

Temos a certeza que os textos que incluímos nesta edição merecem uma reflexão atenta de todos os professores de EMRC e de outros agentes e responsáveis educativos, e que não deixarão de contribuir para a construção de uma cada vez maior e melhor estrutura identitária da disciplina e sua consequente e progressiva afirmação e indispensabilidade no seio do nosso Sistema Educativo.



# **FÓRUM DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA**

**«DESCOBRIR A SOLIDEZ DA FÉ: TESTEMUNHO E MISSÃO  
DO PROFESSOR DE EMRC»**

**Fátima - 25, 26 e 27 de janeiro de 2013**



# Sobre a educação integral do ser humano

JOÃO MANUEL DUQUE (\*)

A reflexão que nos é proposta no título evoca âmbitos vastíssimos, seja na perspectiva da filosofia da educação seja na perspectiva da antropologia. Terei, por isso, que limitar a minha abordagem, para que se torne suficientemente compreensível e realizável. A minha perspectiva será essencialmente antropológica – no sentido mais fundamental de reflexão sobre a identidade humana – mesmo que explore as consequências educativas da antropologia pressuposta. Nesse sentido, iniciarei com algumas considerações livres sobre o conceito de educação, nos dinamismos da construção da identidade. Passarei explicitamente à consideração de algumas dimensões do humano que me parecem fundamentais, no contexto do tema trabalhado. Por último, adianto uma reflexão sobre a importância de alguns contextos educativos particulares. Estes últimos são escolhidos, claramente, tendo em conta a relação que com eles pode ter a disciplina de EMRC.

## 1. Educar

1. Segundo a boa tradição reflexiva, é fundamental iniciar-se com alguma clarificação dos conceitos utilizados. Neste caso, coloca-se-nos de imediato a questão: o que é a “educação” afinal?

Evitando a definição etimológica, que já implica certa opção interpretativa relativamente ao modo como é realizada, optarei por uma definição muito genérica, que ainda não toma posição quanto aos caminhos a percorrer. Poderíamos, nesse sentido mais vasto e fundamental, definir educação como *processo de construção da identidade de uma pessoa humana*. Enquanto tal, implica o percurso de toda a existência, pois a construção da identidade só termina, propriamente, com a morte, qual ponto final no texto narrativo

---

(\*) Professor Catedrático na Universidade Católica Portuguesa. Diretor adjunto do núcleo de Braga da Faculdade de Teologia. Doutorado em Teologia Fundamental.

identificador que é a vida mesma e a sua história. Ao mesmo tempo, quando falamos de identidade falamos de uma forma de ser, que envolve todos os elementos que a constituem, e não apenas alguns. Ou seja, é o próprio ser da pessoa que é educado, na medida em que é *sujeito de* e *sujeito a* um processo de construção de identidade.

A pergunta seguinte surge-nos então: *quem* constrói essa identidade? Cada sujeito humano, que no seu percurso histórico se faz a si mesmo? Ou outros, que nele vão moldado um modo de ser que o torna naquilo que é? A interação de ambos – ou seja, a nossa identidade é só nossa, ou resulta da interação com outros?

Em realidade, não será possível separar a componente “interna” e a componente “externa” da formação da identidade, pois, por um lado, não existe nenhum sujeito em “estado puro”, cuja identidade pudesse ser isolada do resto do mundo. Qualquer ser humano é sempre já marcado pelo seu mundo, pelo leque das relações em que vive. Por isso, o seu “interior” nunca é simplesmente seu, mas já sempre o resultado de relações múltiplas e complexas.

Por outro lado, o modo como o mundo (sobretudo determinado culturalmente) marca a identidade da pessoa não permite pensar em termos determinísticos, completamente alienadores da liberdade individual. Em realidade, nenhuma conjuntura cultural tem os mesmos efeitos sobre cada um dos indivíduos que a constituem. Cada sujeito recebe o efeito do seu mundo de modo único e sempre diferente dos outros. Mesmo que esse modo de recepção seja, por si mesmo, já marcado culturalmente, é-o de modo único, constituindo essa unicidade precisamente o que constitui a diferença de uma identidade pessoal em relação a outra – o que nos torna seres únicos e irrepetíveis, ao mesmo tempo livres e responsáveis.

Em resposta à nossa primeira questão, diríamos então que a educação acontece na complexa reciprocidade entre sujeito e cultura, do que resulta a permanente construção de identidade. Esta é, antes de tudo, identidade pessoal; mas também resulta em construção de identidades coletivas ou culturais, o que faz com que se trate de um processo interminável. A educação corresponde, pois, ao dinamismo das identidades, que não atinge, nunca, um ponto final estático, completo. Os humanos fazem-se e são feitos – enquanto seres unos e únicos – nesse processo histórico sem fim, a que chamamos processo educativo.

2. Mas não constitui o específico dos humanos, como seres livres, a capacidade de fazer opções individuais e conscientes? E não se opõe essa

característica, a que chamamos liberdade, precisamente ao processo educativo, no qual seríamos envolvidos apesar de nós mesmos, numa limitação ou mesmo numa eliminação das opções livres? Ou seja, faz sentido educar ou não será isso a violação daquilo que realmente somos? Não exigiria o respeito pela liberdade de cada um a recusa do processo educativo, para que cada sujeito pudesse ser simplesmente aquilo que é?

Voltamos, assim, à noção de identidade. Ou seja, mesmo que aceitemos a noção de liberdade como adequação de cada um com aquilo que é, sobra o problema da definição desse ser identitário. Como chegamos nós a ser aquilo que somos? Como vimos acima, o processo é complexo e relacional, não sendo possível isolar completamente as diversas fontes da identidade.

Mas, mesmo que nos concentremos na noção de liberdade, a questão não é simples. Significará a liberdade simplesmente a adequação da ação e das opções à vontade individual? E mesmo que assim seja, como se constitui essa vontade? Será o desejo individual apenas um fator inato, que habita de modo estático cada sujeito, ou será sempre já o resultado de uma experiência histórica, em permanente permuta entre sujeito e mundo envolvente?

Se ser livre não significa, apenas, a correspondência a uma vontade individual – que é, aliás, uma ficção – então não existe liberdade absoluta nem absolutamente individual. E não existindo a liberdade desse modo, então não há oposição entre liberdade e educação. Porque o exercício da liberdade implica a relação aos outros e ao mundo, numa interação com implicações na identidade pessoal. O outros e o mundo não são limitação da liberdade pessoal, mas condição dessa liberdade, na medida em que são condição da sua identidade e condição do exercício livre das opções.

Ser educado por alguém diferente de si não significa, portanto e necessariamente, manipulação da liberdade pessoal, mas precisamente a construção das condições de possibilidade do seu exercício. Verdadeira educação é sempre, pois, educação para a liberdade, sem o que esta não seria possível.

**3.** Surge-nos, então, uma terceira questão: se a educação da identidade e da liberdade dos sujeitos individuais implica sempre uma intervenção do outro, quem é esse *outro* que educa?

É claro que, antes de tudo, os outros são pessoas concretas, cuja história se cruza com a história do educando – e vice-versa. Mas as pessoas nunca são ilhas isoladas. Desempenham papéis e, por isso, as suas histórias e o seu papel educativo está sempre ligado a realidades (eventualmente

denominadas instituições) mais vastas e envolventes, que se tornam, elas mesmas educativas.

É incontestado o facto de o primeiro contexto educativo em que um sujeito humano recebe os efeitos de uma relação de alteridade, é a família. Embora estando atualmente esse papel mais diluído, tradicionalmente compete à família a tarefa da socialização primária. Trata-se do desenvolvimento básico da capacidade de relação pessoal concreta, com efeitos sobre comportamentos; trata-se, também, do desenvolvimento básico da afetividade, que inclui a capacidade de confiar nos outros e de amar – a partir da experiência de ser amado/a.

A modernidade aprofundou e alargou o papel da escola como contexto educativo. Durante muito tempo coube-lhe a socialização secundária, criando competências de convivência cívica e desenvolvendo conhecimentos que permitem o exercício da participação na sociedade.

Entre escola e família instaurou-se, entretanto, certa ambiguidade: na primeira fase, a escola assumiu tarefas que tradicionalmente eram da família. Mas, depois de algum tempo, essas tarefas ficaram relativamente bem distribuídas. Com a diminuição do peso da família na socialização primária, a escola é chamada, muitas vezes, a desempenhar essa função, substituindo a família e, por vezes, sobrepondo-se-lhe. A relação entre estas duas instâncias educativas é hoje ainda muito ambígua.

A aumentar essa ambiguidade encontra-se uma outra instância que, de modo mais ou menos aleatório, assume muitas vezes todos os papéis, quase com exclusividade: trata-se do mundo dos *media*, inicialmente mais marcado pela divulgação em massa da televisão e mais recentemente pelo progresso veloz da sociedade em rede. As características deste meio permitem constatar que o seu efeito sobre os comportamentos e as capacidades é imenso e, ao mesmo tempo, que o seu projeto educativo é aleatório, o que não permite definir que efeito concreto tem sobre os “educandos” (que aqui não são assumidos como tal, mas apenas como consumidores). Daí poder perguntar-se se os *media* educam, ou deseducam ou nem uma coisa nem outra – embora influenciem muito.

Se é verdade que os três contextos anteriormente referidos continuam a ser os mais marcantes no processo educativo de cada sujeito, há outras relações que não deixam de ter muito peso. Entre elas conta-se a relação aos amigos. Trata-se de uma relação interpares, importante para o desenvolvimento afetivo e também para o desenvolvimento da capacidade de gerir conflitos de interesse. Tem, normalmente, uma influência determinante em certas idades. Entregue a

si mesmo, este processo corre o risco de desenvolver uma educação selvática, com aplicação da lei do mais forte.

Num alargamento das relações de amizade, mas de modo mais institucionalizado, encontra-se a inserção no grupo, que é determinante sobretudo na denominada adolescência. O grupo funciona como espaço de identidade, como local de apoio e de segurança, que permite o desenvolvimento da cidadania e do sentimento de pertença. Corre, contudo e se entregue a si mesmo, o perigo da manipulação das liberdades pessoais, por obediência a estruturas ou a líderes.

A partir desta breve passagem pela dinâmica educativa, já podemos deduzir a complexidade dos elementos em jogo, que correspondem, em geral, à complexidade de cada sujeito humano e das suas relações. Isso leva-nos à consideração de algumas das dimensões mais marcantes do humano.

## **2. Dimensões do humano**

1. Cada ser humano é marcado, na sua diferença pessoal, antes de tudo pela sua constituição corpórea, que o distingue de todos os outros animais e objetos, assim como de todos os outros sujeitos. Essa constituição corpórea, segundo a antropologia bíblica única e irrepitível, é a base da identidade pessoal, constituindo uma dimensão fundamental do humano, nunca prescindível. A identidade de cada sujeito gera-se como corpo, ao longo do que denominamos “vida terrena”, ou seja, durante a vida considerada biologicamente. Pensar uma identidade pessoal ao lado dessa constituição corporal da mesma, é abstrair do humano, dissolvendo cada sujeito numa dimensão impessoal: eventualmente uma alma universal, uma energia cósmica global, uma ideia, etc.

Como tal, a dimensão espiritual do humano não corresponde a algo exterior ou diferente do corpo, mas precisamente a uma dimensão da existência corpórea. A dimensão espiritual do sujeito corpóreo é a sua capacidade de se abrir ao outro, em relação, para o acolhimento e para a dádiva, abrindo-se assim a uma dimensão transcendente em relação a si mesmo, e até em relação ao mundo. Mas essa capacidade espiritual, que constitui cada sujeito como humano e como pessoa única e irrepitível, realiza-se corporeamente, constituindo desse modo a base do que podemos considerar “vida eterna” da pessoa, enquanto permanência e plenificação de uma identidade construída corporeamente.

2. Em certa medida – embora não exclusivamente – como extensão ou aplicação da estrutura corpóreo-espiritual do humano, é habitual considerar duas dimensões da vida pessoal: a dimensão racional (num sentido bastante estrito) e a dimensão emocional. A primeira costuma situar-se no âmbito da dimensão espiritual do humano, aplicando-a sobretudo ao pensamento lógico que implica o desenvolvimento do espírito crítico; a segunda é habitualmente ligada ao sentimento e, por isso, aos sentidos que marcam a existência corpórea. É claro que essa divisão é muito artificial, pois não há elaboração lógica sem ancoragem em elementos corpóreos, a começar pelo cérebro humano; e, ao mesmo tempo, o mundo das emoções possui uma racionalidade própria, que impede de o contrapor à razão, como se apenas se tratasse de um âmbito irracional. De qualquer modo, não deixa de fazer sentido considerar os aspetos específicos do que é a experiência humana enquanto articulada como pensamento estritamente lógico-racional, encaminhado para uma leitura científica do real, e a experiência enquanto percepção emocional da realidade. A verdade – ou a perversão – do humano articula-se de igual modo numa e noutra dimensões, não podendo efetuar-se reduções a apenas uma delas, sob pena de se reduzir a pessoa na sua integralidade.

3. Mas a definição do humano não se limita aos fatores ou dimensões imanentes a cada sujeito. Aliás, se a dimensão denominada espiritual da pessoa é, precisamente, a sua capacidade de abertura ao transcendente em relação a si mesmo, isso significa que não há pessoa humana em que essa abertura não esteja presente (mesmo nos casos em que isso parece não acontecer). Por isso mesmo, sendo cada sujeito humano único e irrepetível e, por isso, com uma identidade inconfundível com qualquer outra, isso não significa que essa identidade possa ser pensada na pura imanência do sujeito. A relação ao outro é constituinte da identidade de cada sujeito. O si-mesmo de cada um só é possível numa constelação de relações. O facto de, dessas relações, não resultar necessariamente uma noção coletivista de identidade, não invalida o facto mais básico de que cada identidade pessoal ou individual só pode surgir e manifestar-se no leque das relações a outras identidades. Essas relações implicam, fundamentalmente, a experiência de existir a partir de outros, de existir com outros e de existir para outros. Sem essa articulação plural, não há possibilidade de identidade pessoal e, como tal, de verdadeira humanidade.

4. Ora, todos estes elementos constitutivos do humano – e outros que poderiam ser acrescentados – terão que ser considerados, quando se pensa a

educação dos sujeitos como processo de constituição da sua identidade pessoal. Só assim a educação será verdadeiramente humana e humanizadora, porque só assim terá em conta a pessoa em causa, na sua identidade inconfundível e no leque das relações que a constituem. Por isso, no ponto que se segue, tocarei em alguns âmbitos educativos que me parecem fundamentais nessa educação integral. Trata-se claramente de uma escolha, tendo em conta que serão apresentados âmbitos menos frequentemente trabalhados nos habituais processos educativos, sobretudo em contexto escolar; e serão apresentados âmbitos educativos mais estreitamente relacionados com a disciplina de EMRC.

### **3. Algumas áreas educativas**

#### *1. Educação dos valores*

1. A educação para os valores é, antes de tudo, um processo que conduz à identificação do sujeito – racional e afetivamente – com determinados parâmetros avaliativos, sobretudo relativamente às relações interpessoais. Dada a complexidade do processo – que é necessariamente integral, pela sua própria definição – essa educação implica o envolvimento de vários factores, entres os quais sobressaem os seguintes: o *conhecimento* de valores; o *reconhecimento* ou *convicção* da sua validade; orientação do *desejo* para esses valores; *hábito* da prática desses valores. O conhecimento constitui o primeiro passo, sem o qual nada seria possível, mas não é suficiente, pois a identificação do sujeito passa pela adesão pessoal, na convicção; esta convicção, contudo, poderia ser ainda demasiado intelectualista, se não afetasse claramente o âmbito do desejo, que torna o valor de algo atrativo para o sujeito; atingido este nível, já a identificação dos sujeitos com certos valores – que servem de critério para a avaliação de todas as situações existenciais – é profunda e livre. De qualquer modo, a identificação com valores tem por finalidade a conformidade da existência prática com os critérios de avaliação do real. Essa conformidade não é imediata, em muitos casos, não bastando muitas vezes a identificação do desejo. O hábito da prática, em acordo com a convicção e o desejo, é também necessário à verdadeira construção da identidade pessoal na identificação com alguns valores.

A sociedade contemporânea, enquanto sociedade da informação, parece não manifestar qualquer défice quanto ao conhecimento de valores – que é acompanhado pelo conhecimento da sua pluralidade, por vezes até contraditória. Já revela, contudo, mais dificuldades na construção de convicções,

mas sobretudo na educação do desejo (seja para desejar determinados valores, seja para «controlar» o desejo em relação à sua violação) e na educação dos hábitos. As convicções estão muito abaladas por certo relativismo geral; o desejo encontra-se bombardeado por inúmeros lados (sobretudo pela publicidade) e a criação de hábitos sucumbe a certa educação denominada «liberal» ou demissionária.

2. No sentido de debater possibilidades contemporâneas na educação para os valores, proponho – talvez com estranheza para muitos – o recurso aos três transcendentais clássicos: verdade, bondade e beleza.

a) A educação para a *verdade* é, sem dúvida, a pedra basilar de qualquer convivência social. Na mentira, desmorona-se qualquer relação. A verdade – que implica a honestidade, a transparência, a exigência e rigor – aprende-se vivendo em contexto verdadeiro.

Sabemos que certo pragmatismo radical pretende identificar o verdadeiro com o útil e o eficaz, para cada um. Nesse sentido, permite-se e fomenta-se a mentira e a desonestidade, desde que traga proveito (sobretudo economicamente). Por isso, a educação para a verdade é especialmente difícil, polémica, mas necessária. O *hábito* da honestidade – a todo o preço – a ponto de se tornar difícil *desejar* o contrário, será uma das principais metas da educação para os valores.

b) No âmbito da *bondade*, situa-se, sobretudo, a educação ética para o relacionamento com os outros e com toda a comunidade. Praticar o bem significa, antes de tudo, *desejar a justiça, respeitar a liberdade e a dignidade* dos outros, *sentir-se solidário* com todos, sobretudo com os mais desprotegidos, *assumir-se responsável* pelo bem comum, na responsabilidade por cada pessoa concreta. Neste âmbito parece ser onde maior desfasamento existe entre conhecimento, convicção e hábito. De facto, na sociedade atual, todos conhecemos facilmente esses valores; e praticamente todos os reconhecemos como válidos. Mas os mecanismos da convivência social conduzem à sua frequente violação, o que impede que esses valores se tornem o hábito quotidiano. Ora isso cria contextos de vida que irão afectar negativamente a educação dos mais novos.

Na linha da bondade, pode referir-se, ainda, um valor que foi sobretudo implementado por influência cristã: o *amor*, como capacidade de doação da vida pelos outros ou aos outros, gratuitamente, desinteressadamente, para além de

qualquer cálculo ou permuta. Trata-se de um valor exigente mas elevado, que a sociedade ocidental não pode descuidar na educação das gerações vindouras.

c) A educação para a *beleza* parece ser o corpo mais estranho neste contexto. No entanto, numa sociedade marcada por constantes impulsos estéticos, permanentemente banalizados e comercializados, a vivência da beleza pode degradar-se de tal modo que, ocupando todo o nosso quotidiano, nada signifique já. A educação para a beleza – através da educação para a arte, por exemplo – é a educação para um gosto exigente, que se eleva acima da banalidade quotidiana e é capaz de admirar e apreciar as maiores realizações culturais humanas, ganhando impulso para dar continuidade a essa criatividade; para além disso, criará a capacidade de admiração por tudo o que nos envolve, permitindo que a vida seja mais do que o vegetal permanente pela sobrevivência.

## 2. Educação da sexualidade

A educação da sexualidade constitui um dos âmbitos privilegiados da educação integral, pois é onde, de modo mais explícito, se articulam todas as dimensões do humano antes referidas. Por isso mesmo, na sexualidade refletem-se dimensões muito variadas do humano.

As dimensões da sexualidade poderiam concentrar-se nas seguintes: a dimensão *biológica*, que se refere ao ato sexual propriamente dito, no contexto da procriação, como elemento básico à continuidade da espécie, como acontece com qualquer espécie animal; a dimensão *sensual*, referente ao prazer sensível inerente à relação sexual, e que já envolve elementos mais vastos do que o simples dinamismo biológico; a dimensão *psíquica* que, para além da questão do prazer, representa a sexualidade como vivência pessoal, constituinte da identidade própria, ao longo da história de cada um; a dimensão *interpessoal*, tendo em conta que a sexualidade é o âmbito da relação ao outro humano e nunca apenas uma questão imanente ao sujeito. Nesta dimensão é que se articula o amor como comunhão de diferenças; a dimensão *afetiva* que é, em certa medida, a conjugação das duas anteriores, pois significa o modo como o outro afeta a nossa identidade pessoal, através de processos psíquicos; a dimensão *cultural*, menos frequentemente considerada, mas que implica a articulação da experiência sexual num conjunto de normas e visões contextualizadas num espaço ou num momento culturais; a dimensão *ético-moral*, uma vez

que, tratando-se de uma relação interpessoal enquadrada culturalmente, não pode alhear-se de normas éticas básicas que a regulamentam; existe ainda uma dimensão propriamente *erótica*, que corresponde à articulação do desejo humano, na relação problemática com a experiência da finitude e a dificuldade da realização plena desse desejo; essa dimensão atribui à sexualidade humana uma certa dimensão de *inefável*, na medida em que nela se vive a relação paradoxal entre desejo do outro e inacessibilidade do outro, para a satisfação desse desejo.

A educação da sexualidade não será completa se não envolver todas estas dimensões. Por isso mesmo, o processo educativo que pretenda promover a experiência de uma sexualidade madura e equilibrada, como articulação da integralidade do humano, terá que ser um processo que leve em conta todas as dimensões referidas.

### **3. Educação religiosa**

Um importante âmbito da educação integral do ser humano é aquele que poderíamos denominar educação religiosa. Esta pode ser considerada nas dimensões do conhecimento, dos valores, da questão da verdade e no âmbito do desenvolvimento da capacidade crítica. Quanto à dimensão do *conhecimento*, pode considerar-se que é fundamental (mesmo para os não crentes) conhecer a dimensão religiosa do ser humano e o modo como as diversas religiões a articulam. Deste conhecimento faz parte o desenvolvimento do «sentido do mistério», base de toda a atitude religiosa autêntica, e que é da maior importância para o desenvolvimento global da pessoa. Esse sentido pode compreender-se como sentido da realidade como dádiva e como sentido da alteridade fundamental que nos origina. Ora, para o desenvolvimento dessa capacidade ou competência, é necessário conhecer, como base de tudo o resto.

No âmbito do desenvolvimento da identificação com os *valores*, de que acima se falou, também a educação religiosa pode desempenhar um importante papel. De facto, os valores da cidadania democrática contemporânea, articulados nos direitos humanos, possuem uma génese determinada, que é importante conhecer e em relação à qual é necessário desenvolver um fascínio apropriado. Essa génese está ligada, concretamente, à visão judaico-cristã do mundo, que identificamos com a antropologia bíblica. Secando as raízes dos valores, poderão secar também as convicções e as ações correspondentes, pelo que se torna importante a correspondente educação.

Também a questão da *verdade* é central, no contexto da educação religiosa.

Ora, se a escola é o lugar da exigência científica da verdade objectiva, isso reclama a consideração explícita das vivências religiosas dos seus alunos e do meio envolvente, assim como acontece com a língua do respetivo país e com os saberes tecnológicos.

A questão da verdade está intimamente relacionada com o desenvolvimento da capacidade *crítica* de cidadãos conscientes e responsáveis. Precisamente na formação de cidadãos responsáveis e livres é importante o desenvolvimento da atitude (auto)crítica. E esse desenvolvimento é igualmente importante em relação às opções religiosas ou à ausência delas, sobretudo em época de fundamentalismos, seja em nome da religião seja contra ela. Mas isso só se consegue com estudo e debate argumentativo, elemento integrante do que pode considerar-se a educação religiosa, enquanto parte fundamental da educação integral do ser humano.



# A Evangelização em meio escolar

ELISA URBANO (\*)

## INTRODUÇÃO

Pretende este texto ser uma ajuda para refletirmos sobre a especificidade da evangelização em meio escolar, tendo presentes a temática proposta pela Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé para o ano 2012-2013, “Descobrir a solidez da fé: urgência e missão”, e a vivência do *ano da fé*, proclamado pelo Papa Bento XVI.

Parte-se de uma breve análise de alguma doutrina mais recente da Igreja sobre a necessidade de se redescobrirem novos caminhos de evangelização que sejam resposta aos tempos de hoje, na fidelidade à essência da Fé, para de seguida centrarmos o nosso olhar no meio escolar, onde a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica encontra expressão, como uma forma do Ministério da Palavra.

Por fim, colocam-se alguns desafios que nos parecem ser os apelos mais urgentes que a escola de hoje, campo de evangelização, coloca a todo o cristão, membro da comunidade educativa.

## 1. Evangelizar

### 1.1. A Igreja existe para evangelizar

Movida pelo Espírito, a Igreja anuncia e difunde o Evangelho em todo o mundo: “Ide por todo o mundo e anunciai o evangelho” (Mc.15,16). Existe para *«levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e*

---

(\*) Diretora do Secretariado Diocesano do Ensino Religioso, Diocese de Aveiro.

*latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade».*<sup>1</sup>

O núcleo do Evangelho é o anúncio da vitória da vida sobre a morte, após o anúncio da Ressurreição de Cristo. Evangelizar significa testemunhar e propor esta boa notícia. «É a única resposta à “sede” dos homens de todo o tempo e lugar».<sup>2</sup>

### **1.2. Estamos a viver o “Ano da Fé”**

O desafio que Bento XVI fez à Igreja, encontramos-lo, na sua essência, nas palavras que proferiu na Praça de S. Pedro no dia 11 de outubro de 2012: *“Eis aqui o modo como podemos representar este Ano da fé: uma peregrinação nos desertos do mundo contemporâneo, em que se deve levar apenas o que é essencial: nem cajado, nem sacola, nem pão, nem dinheiro, nem duas túnicas - como o Senhor exorta aos Apóstolos ao enviá-los em missão (cf. Lc 9,3), mas sim o Evangelho e a fé da Igreja, dos quais os documentos do Concílio Vaticano II são uma expressão luminosa, assim como é o Catecismo da Igreja Católica, publicado há 20 anos.*<sup>3</sup>

Centrando-nos na Carta Apostólica *“Porta Fidei”*<sup>4</sup>, podemos constatar o repetido apelo à necessidade de renovação, de conversão da Igreja:

- “redescobrir o caminho da fé”;
- “renovado entusiasmo do encontro com Cristo”;
- “reavivar em toda a Igreja aquela tensão positiva, aquele desejo ardente de anunciar novamente Cristo ao homem contemporâneo;
- readquirir o gosto de nos alimentarmos da Palavra de Deus, transmitida fielmente pela Igreja, e do Pão da vida, oferecidos como sustento de quantos são seus discípulos.

### **1.3. A Nova Evangelização**

Como se refere nos *Lineamenta* do Sínodo dos Bispos, de 2012, recorre-se ao conceito de Nova Evangelização para indicar o esforço de renovação que a Igreja é chamada a fazer para estar à altura dos desafios que o contexto social e cultural de hoje coloca à fé cristã, ao seu anúncio e ao seu testemunho, como consequência das profundas mudanças em curso.

---

<sup>1</sup> Paulo VI, (1975), Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Nº18.

<sup>2</sup> Bento XVI, Mensagem final da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização.

<sup>3</sup> Bento XVI, Homília na abertura do Ano da Fé, Praça de São Pedro, 11 de outubro de 2012.

<sup>4</sup> Bento XVI, (2012). Carta Apostólica *Porta Fidei*.

Como levar a fé da Igreja, a fé de Jesus Cristo, a este mundo tão moderno, tão secular e tão complexo? É esta a questão de fundo que hoje se coloca.

“Precisamos de um novo ímpeto apostólico”, como afirmara repetidamente João Paulo II ao referir-se à Nova Evangelização. Precisamos de “uma atitude, um estilo audaz”, que se traduza na “capacidade por parte do cristianismo de ler e decifrar os novos cenários dentro da história dos homens, para habitá-los e transformá-los em lugares de testemunho e anúncio do Evangelho”, tudo isso é a “nova evangelização”. Devemos reviver em nós o sentimento ardente de Paulo que o levava a exclamar: «Ai de mim se não evangelizar!» (1 Cor. 9, 16).<sup>5</sup>

D. António Couto usou palavras fortes e interpelantes, aquando da sua participação no Sínodo dos Bispos sobre a nova Evangelização, que decorreu no passado mês de outubro, apelando a uma fidelidade renovada da Igreja a Jesus Cristo:

“... fidelidade ao seu estilo, ao seu modo de viver, de fazer e de dizer: Dom total de si mesmo num estilo de vida pobre, humilde, despojado, feliz, apaixonado, ousado, próximo e dedicado. «A Igreja de ontem, de hoje e de sempre deverá possuir os traços do rosto de Jesus Cristo». Tudo, no arauto, na mensagem que transmite (kêrygma) e no estilo com que o faz, remete para o seu Senhor.... ..É em Seu Nome que diz o que diz; é em Seu Nome que diz como diz.” Não há maior tesouro que possamos oferecer aos nossos contemporâneos.

A Igreja evangelizadora necessita de ser evangelizada. Necessita de viver em constante conversão. “Sim, temos necessidade de anunciadores do Evangelho sem ouro, nem prata, nem cobre, nem bolsas, nem duas túnicas (Mt 19,9-10; Mc 6,6-8; Lc 9,3-4)... Sim, é de conversão que falo, e pergunto: por que será que os Santos se esforçaram tanto, e com tanta alegria, por ser pobres e humildes, e nós nos esforçamos tanto, e com tristeza (Mt 19,22; Mc 10,22; Lc 18,23), por ser ricos e importantes?”<sup>6</sup>

Esta questão deve levar-nos a refletir, rezar, converter. E um coração convertido é um coração que experimenta o perdão, experimenta profundamente o amor num encontro pessoal com Cristo. A alegria que encontra transforma-se em Paixão pela Missão! Quem verdadeiramente encontrou Cristo, não pode guardá-Lo para si; tem de O anunciar!

---

<sup>5</sup> *Lineamenta* da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, A nova evangelização para a transmissão da fé cristã.

<sup>6</sup> Intervenção no Sínodo dos Bispos de D. António Couto, Bispo de Lamego (2012).

«Eis que o semeador saiu para semear...»(Mt 13), O Semeador sai para semear ... através de nós... e Semear é anunciar Cristo Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6) é gritar “Vimos o Senhor” e resplandecer da alegria de pertencer-Lhe.»<sup>7</sup> Na família, na paróquia, na escola, por todo o mundo...

“O nosso tempo exige cristãos fascinados por Cristo”, diz-nos Bento XVI.

Revela-se na Valentia do evangelizador: “Hoje compete-nos seguir o exemplo dos apóstolos, conhecendo o Senhor cada dia mais e dando um testemunho claro e valente de seu Evangelho.”<sup>8</sup>

Exige Discernimento: Saber ler os sinais dos tempos. À luz da Palavra, interpretar a vontade de Deus, que se revela nas pessoas e nos acontecimentos, e promovê-la.

Exprime-se no Testemunho: O testemunho de uma vida verdadeiramente cristã é o primeiro meio de evangelização. É a primeira coisa que o aluno deve ver no professor: aquele que o ajuda a crescer é, por sua vez, ajudado a crescer por Jesus Cristo: “*O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas.*”<sup>9</sup>

Implica uma vida de Oração: Rezar é criar, em nós, espaço para Deus. Oferecer o nosso tempo e o nosso desejo de estar com Ele, entregar a vida, escutar. Precisamos de venerar Cristo nos nossos corações, estar sempre prontos a dar razões da nossa fé (1 Ped 3,15): “*O mundo de hoje precisa de pessoas que falem com Deus, para poderem falar de Deus.*”<sup>10</sup>

Gestos de solidariedade: “A Igreja sempre foi fiel à sua missão de anunciar a palavra de Cristo, unida a gestos concretos de misericórdia solidária para com os mais humildes, para com os últimos.”<sup>11</sup>

Leva-nos a percorrer o Caminho da Santidade. A adesão a Jesus Cristo inicia um processo de conversão permanente, que dura toda a vida. Eu, em contínuo crescimento para Cristo, quero ser santo, procuro a santidade. Para me dar, preciso de me preparar, em Igreja, crescer na comunidade. Só evangeliza quem foi evangelizado e...quanto mais evangelizamos, mais somos renovados na chama do Amor, no zelo para propagar o evangelho.

---

<sup>7</sup> Papa Paulo VI, *Evangelização do Mundo Moderno*, nºs 41 e 26.

<sup>8</sup> Bento XVI.

<sup>9</sup> Paulo VI.

<sup>10</sup> Bento XVI.

<sup>11</sup> João Paulo II.

## 2. Evangelizar no meio escolar

### 2.1. A escola, campo de evangelização

“A escola é o lugar de aprendizagem, por excelência, dos saberes intelectuais e de experiências de vida, a escola é o espaço do progressivo acesso normal ao património cultural de um povo.”<sup>12</sup>

A escola, prepara homens para a “cidade”. Como se refere no conhecido relatório Delors a escola é um “*lugar de eleição no aprender a viver com e para os outros em comunidade*”. A diversidade tem de se tornar um fator positivo de compreensão mútua, entre indivíduos e grupos humanos. “*Falar de educação é falar do próprio futuro da humanidade*”.<sup>13</sup>

Hoje, a sua missão tornou-se quase impossível: nela se repercutem os problemas sociais mais graves e é ela que muitas vezes realiza a necessária intervenção social de acolhimento, levando ao que António Nóvoa designou de “*transbordamento*” da escola.

Mas, se por um lado o ambiente escolar reflete a crescente secularização e a ditadura do relativismo da verdade, ainda compete à escola um papel decisivo na transformação dos indivíduos e das suas atitudes. E se é verdade que o professor tem, na escola, o lugar de educador por excelência, toda a comunidade educativa é educadora. Nas palavras de P. Peressón “a educação é lugar e mediação por excelência para realizar a missão evangelizadora.” Os destinatários da ação educativa são também destinatários da ação evangelizadora.

### 2.2.O ensino religioso escolar, uma forma “original” do ministério da Palavra

O Diretório Geral da Catequese considera que o ensino religioso escolar é uma forma “original” do ministério da Palavra.<sup>14</sup> A sua originalidade não consiste apenas no tornar possível o diálogo com a cultura em geral, uma vez que isto diz respeito a todas as formas do ministério da Palavra mas tem por finalidade, de uma forma mais direta, promover este diálogo no processo pessoal de iniciação sistemática e crítica, e de encontro com a cultura que a escola promove.<sup>15</sup> João Paulo II

---

<sup>12</sup> Conferência Episcopal Portuguesa (2002). Carta Pastoral Sobre a Educação: «Direito e Dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos».

<sup>13</sup> Delors, J. (Org.) (1996) *Educação, um tesouro a descobrir*, Porto, ASA.

<sup>14</sup> Congregação para o Clero (1998). *Diretório Geral da Catequese*, Lisboa, SNEC.

<sup>15</sup> João Paulo II, Exortação apostólica *Catechesi Tradendae*.

A evangelização em meio escolar, em diálogo com o património cultural das diferentes formas do saber, centra-se na pessoa, procura a sua formação integral valorizando a dimensão religiosa. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica EMRC tem em vista a formação global do aluno. Promove a construção de um projeto pessoal de vida, a partir do diálogo entre a mensagem cristã e a cultura veiculada na escola.<sup>16</sup> “A dimensão religiosa, com efeito, é intrínseca ao facto cultural, contribui para a formação global da pessoa e permite transformar o conhecimento em sabedoria de vida”.<sup>17</sup>

### **2.3. EMRC: Legitimidade nas escolas estatais**

Uma primeira observação ao abordarmos esta questão: hoje, confunde-se muitas vezes o conceito de *laicismo* com o de *laicidade*. Falamos de *laicismo*, quando nos referimos à tendência ideológica para confinar a religião ao plano da consciência individual, sem projeção na vida da sociedade. Considera-se que o Estado deve ser anti-religioso ou pelo menos, a-religioso. Diferente é o conceito de *laicidade*, que entrou na linguagem da Igreja com o Concílio Vaticano II. Significa que o Estado não deve ser confessional, nem interferir na vida interna das Igrejas, mas respeitar e promover a liberdade religiosa como um real valor na vida da sociedade.

Como refere Bento XVI, “longe de constituir uma interferência ou uma limitação da liberdade, a vossa presença [nas escolas estatais] é aliás um exemplo válido daquele espírito positivo de laicidade que permite promover uma convivência civil construtiva, fundada no respeito recíproco e no diálogo leal, valores dos quais o país tem sempre necessidade.”<sup>18</sup>

Sendo a religiosidade uma dimensão fundamental da pessoa humana, compete ao Estado respeitar o direito dos pais a escolherem uma educação para os seus filhos que esteja de acordo com os seus próprios valores e convicções.

“É, pois, necessário que o ensino religioso escolar apareça como uma disciplina escolar, com a mesma exigência de sistematização e rigor que têm as demais disciplinas. Deve apresentar a mensagem e o acontecimento cristão com a mesma seriedade e profundidade com que as outras disciplinas apresentam os seus saberes”<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> Conferência Episcopal Portuguesa (2006) Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade, Lisboa, Ed. Secretariado Geral da CEP, n.5.

<sup>17</sup> Discurso do Papa Bento XVI aos professores de religião católica nas escolas italianas, sala Paulo VI, 25 de abril de 2009.

<sup>18</sup> Bento XVI, *Idem*.

<sup>19</sup> Diretório Geral da Catequese.

A Concordata de 2004 entre a Santa Sé e a República Portuguesa é o suporte jurídico fundamental que legitima a EMRC nos estabelecimentos de ensino estatal não superior.

A disciplina de EMRC faz parte do currículo nacional, com carácter de disciplina obrigatoriamente oferecida pelas escolas e de frequência facultativa.

#### **2.4. O que prejudica e o que facilita a evangelização em meio escolar?**

Sendo que a Palavra “*É o meio de que o Espírito Santo se serve, para continuar o diálogo com a humanidade*”...<sup>20</sup>, é Deus o primeiro protagonista! Temos uma missão específica que a Igreja nos confia, temos um espaço próprio na escola, temos a vontade dos pais e alunos, somos em geral acolhidos e reconhecidos ...

É verdade que a crescente secularização promove o laicismo. Existem “resistências do sistema educativo à lecionação da EMRC: indiferentismo ou hostilidade, dificuldade na definição de horários, tentativas de diluição da natureza curricular desta disciplina”.<sup>21</sup> É verdade que o pluralismo, mais do que enriquecer na partilha da diferença, tem-se tornado em relativismo que leva ao individualismo...mas existe um caminho a percorrer!

Devemos olhar para dentro de nós antes de acusarmos os de “fora”. As principais dificuldades vêm de dentro da própria Igreja: por um lado, existe falta de sentido de comunhão que se manifesta na falta de diálogo entre párcos, professores, escuteiros, catequistas. Por outro lado, constatamos muitas vezes, demasiadas, a falta de carisma e de profissionalismo do professor de EMRC, consequência direta da falta de “paixão pela missão” que vem da falta de fé...

Um exercício que nos pode ajudar a termos mais consciência dos aspetos onde precisamos de crescer é o de colocarmos a nós mesmos a questão: «O que é que um aluno procura na disciplina de EMRC?» Procura a simpatia do professor, o seu profissionalismo, mas procura sobretudo que este lhe “fale” de Deus, por palavras, com a vida! Procura o religioso! E não são as muitas e entusiasmantes atividades que o professor promove que cativam os alunos mas o perceberem que estas são oportunidades para promoverem o encontro com Cristo, sob pena de rapidamente perderem o interesse, como balões que rapidamente se esvaziam.

---

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> Conferência Episcopal Portuguesa. (2006). Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade. Lisboa Ed. Secretariado Geral da CEP, n.5.

### 3. Hoje, o que nos está a ser pedido?

#### 3.1. Amor à Verdade

Olhando para a escola, para os nossos alunos, com os olhos da fé, com os olhos de Jesus, numa sociedade onde “vale tudo e portanto nada tem valor”, sentimos a urgência de transmitir aos nossos alunos o amor à Verdade. “O objetivo do verdadeiro educador é que o educando ouça a voz da verdade falar ao seu coração e a siga num caminho pessoal”.<sup>22</sup>

Vivemos um tempo a que alguns chamam de “cristianismo frágil”. Mas, como refere Joaquim Azevedo, “é imenso o campo de oportunidades para propormos o rosto do autêntico cristianismo e para repensarmos a dimensão religiosa da educação, como capacidade de tudo ligar no homem e em todos os homens e de tudo unir a Deus.”

Para D. António Francisco, perante a insuficiência do pensamento moderno, vítima do relativismo, hoje coloca-se à educação um desafio particular, o da procura da verdade. No entanto, como se reflete nos diplomas legais, essa não está a ser uma preocupação do sistema educativo. Cabe à EMRC, mesmo trazendo muita “incomodidade” no seio de um sistema educativo que “preconiza um quase «não rumo»”, propor “uma busca comprometida de sentido para a existência, para a cultura e para o próprio saber. Tem sido uma constante no pensamento de Bento XVI, a convicção de que “*A razão, iluminada pela fé, é capaz de alargar o seu horizonte para enfrentar, com alegria, os grandes desafios da vida*”. A procura da verdade num mundo em constante mudança, é caminho para “*ajudar o homem a descobrir, juntamente com o sentido da vida, a própria arte de viver*”.

#### 3.2. Fazer-nos próximos

Precisamos de nos aproximar (fazer-nos próximos) com os olhos bem abertos, ouvidos atentos, coração sensível e pés descalços... o outro é “terra sagrada”! Temos que ter presente que “*O rosto é sempre mais do que a face*”, é expressão da pessoa, como refere a professora Isabel Batista.<sup>23</sup> É verdade que o deserto cresce, o relativismo da verdade impera, mas esta é “terra boa” e “este é o tempo favorável”! Onde há deserto há sede!

---

<sup>22</sup> Bento XVI.

<sup>23</sup> Batista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético*. Porto. Profedições.

“Também o homem contemporâneo pode sentir de novo a necessidade de ir como a samaritana ao poço, para ouvir Jesus que convida a crer n'Ele e a beber na sua fonte, donde jorra água viva (cf. Jo 4, 14).<sup>24</sup> Procura-se o “Deus desconhecido” que se quer amar mas não se conhece o nome...

### 3.3. Ser sinal de Esperança

Tudo parece caminhar para o vazio. “*O pior é quando surge a convicção de que não vale a pena alimentar a esperança*”<sup>25</sup>. Existe muito sofrimento na Escola de hoje. Olhando para toda a comunidade educativa que “faz a escola” mas, em especia, para os nossos alunos, podemos também fazer nossas as palavras de Santa Teresinha: “*Algumas almas estão doentes, muitas são fracas, mas todas sofrem... por isso que ternura deveríamos ter por elas*”.

Temos de ser sinal de Esperança! “Só uma esperança fiável pode ser alma da educação, como de toda a vida” afirmou Bento XVI em 2008, “na raiz da crise da educação encontra-se, de facto, uma crise de confiança na vida.”<sup>26</sup>

Evangelizar é ajudar o outro a encontrar o sentido para o sofrimento, a amar a vida. Precisamos de ser testemunhas de que o sofrimento encontra sentido quando, com coragem, por amor, o oferecemos e assim participamos da Paixão de Cristo e com Ele ressuscitamos para a vida! Ninguém cresce sem sofrimento. As dificuldades são sempre oportunidades de crescimento em comunidade.

### 3.4. Promover o Bem

Cultivar uma visão positiva sobre o outro, sobre os acontecimentos, é o desafio constante e necessário que nos é feito. Bento XVI, na mensagem para a celebração do XLVI Dia Mundial da Paz, convida-nos a realizar **o bem comum, propondo e promovendo uma “pedagogia do obreiro da paz” que requer uma pedagogia do perdão:**

“Uma pedagogia da paz implica serviço, compaixão, solidariedade, coragem e perseverança, dizer não à vingança, reconhecer os próprios erros, aceitar as desculpas sem as buscar e, finalmente, perdoar”.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Bento XVI, (2012). Carta Apostólica “Porta Fidei”

<sup>25</sup> Machado de Pais, 2006.

<sup>26</sup> Bento XVI, Carta sobre a tarefa urgente de educação, à diocese e à cidade de Roma, 21/1/2008.

<sup>27</sup> Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XLVI Dia Mundial da Paz - 1 de janeiro de 2013.

Precisamos de uma atitude constante de conversão. O outro não pode ser uma ameaça mas uma soberana ocasião de nos tornarmos mais ricos. A justiça e a paz jogam-se neste nó da relação. Como refere Dimas Pedrinho, *“O anúncio cristão em meio escolar pode propor aos outros a conversão como forma de ponderar acerca de princípios e de procedimentos e de originar uma transformação positiva das realidades.”*<sup>28</sup>

Urgente: criar um “Ano Santo” nas escolas: *“Perdoar as dívidas, libertar os escravos, a terra voltar ao seu dono original”*. As relações humanas estão magoadas, quebradas. É preciso reconhecer as pessoas (voltar a conhecer!). É preciso perdoar e aceitar ser perdoado. Esse é o primeiro sinal: Libertar... para poder construir!

## **CONCLUSÃO**

### **“Relatar o amor”**

A meditação do Evangelho de Lucas 24,13-35, que narra os discípulos a caminho de Emaús, mostra Jesus a aproximar-se e a colocar-se como ouvinte para entender o que se passa no entendimento e no coração dos dois discípulos. Ao ficar entre eles, Jesus dá-lhes atenção, caminha com eles e aquece-lhes o coração. Somente depois, Ele os orienta, evangeliza, e revela-Se durante a ceia, ou seja, no momento de intimidade entre amigos que confiam um no outro.

“A notícia leva o Evangelho. Mas é o relato que constrói a Igreja. O relato é um caminho lento e saboroso. A originalidade da Igreja não é tanto anunciar o Amor. É relatá-lo! Não basta dizer proclamando: “Amai-vos uns aos outros!” Soa a Lei. É necessário relatar o amor. Nova versão: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 13,34;15,12). Mas este “como Eu vos amei” abre para um longo e lento e saboroso relato, que nos atravessa e transfigura e que atravessa e transfigura outra vez e outra vez e outra vez a inteira Escritura até à origem. O que é a Escritura, senão a história dos momentos em que se para e se relata e se faz luz e lume novo? *“Não ardia em nós o coração quando Ele nos falava no caminho, quando nos abria as Escrituras?”* (Lc 24,32). O relato *relata*, põe em relação, une, reúne, enlaça, entrelaça. Pessoas e acontecimentos.”<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Pedrinho, Dimas Oliveira, «A missão evangelizadora em contexto escolar: desafios atuais ao professor de EMRC», Pastoral Catequética, nº 23, Lisboa, SNEC, 2010.

<sup>29</sup> D. António Couto.

## Evangelizar na Escola: comentário

FÁTIMA LOPES (\*)

“O diálogo, encontro de experiências, histórias e concepções, que geram a transformação do mundo. Não um simples intercâmbio de ideias, este diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens.”

Paulo Freire

Em primeiro lugar quero agradecer ao SNEC a oportunidade de participar no Fórum para testemunhar a minha experiência de evangelizar em meio escolar.

Estou envolvida no ensino há trinta como professora de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). A minha escola de iniciação foi a Secundária D. Diniz em Chelas-Lisboa, onde permaneci onze anos. Posteriormente, em 1991 fui colocada na escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho (ESMAVC), por engano de pedido de vagas da escola ao Ministério da Educação.

Trata-se de uma escola situada no meio da cidade de Lisboa com tradição de ser o melhor liceu feminino. Atualmente, como escola exclusivamente secundária, recebe alunos dos colégios e não tem problemas graves de indisciplina.

Com sabemos, no Secundário os alunos é que escolhem a disciplina de EMRC, os pais são permissivos, também relativamente às outras disciplinas, nomeadamente às anulações e às faltas. Deixa de existir um controlo significativo sobre o comportamento dos filhos. Assim, o prosseguimento de estudos no Ensino Secundário revela uma elevada confiança entre pais e filhos, um menor controle parental, não significativo de um total alheamento

---

(\*) Docente de EMRC. Diretora da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, Lisboa. Professora Cooperante no Processo de Supervisão da Prática Pedagógica em EMRC até 2013.

do processo educativo, mas os pais dão maior autonomia responsabilizando os filhos.

O ensino foi para mim uma vocação que se foi constituindo como projeto de vida, daí que ser professora de EMRC é, claramente, ser presença da Igreja na escola, no meu caso, na escola pública. A minha inquietação interior e o desejo de dar visibilidade á disciplina mobilizou-me no sentido de procurar ser reconhecida pela comunidade educativa. Sou membro do Conselho Geral, coordenadora do Projeto Educativo para a Saúde e tenho um núcleo de estágio de professores de EMRC da Universidade Católica Portuguesa.

Porque nunca existiu no ESMAVC uma cultura da disciplina de EMRC, evangelizar em meio escolar tem sido uma experiência difícil, partindo do nada ou de *um resto de alunos* mais ou menos “carolas” que vão incentivando os colegas. Tenho cerca de 20 alunos inscritos no 10º 11º e 12º ano, alguns inscrevem-se por engano, e acabam por ficar. Percebi que tinha que utilizar estratégias para angariar alunos e sustentar a importância da disciplina perante a direção e os demais professores.

Comecei pelo Plano de Atividades da Escola (PAA) que promove, de acordo com o Projeto Educativo, a autonomia e a partilha de experiências. Também fomenta o respeito pelas diferentes culturas e pelos valores democráticos, o voluntariado e os intercâmbios escolares.

Assim, durante o primeiro período realizam-se todas as visitas de estudo, palestras ou debates de temáticas que possam motivar e interessar a todas as áreas disciplinares, que de acordo com o nosso programa se situam na filosofia, economia, voluntariado, música e cultura, visitas de estudo (Sinagoga, templo Hindu, Mesquita, Igrejas de Lisboa), Missa de Natal.

No segundo período, as atividades promovidas pela disciplina entram no âmbito da dinâmica de sala de aula em que os alunos de EMRC percorrem as diferentes turmas e lançam a campanha de solidariedade em parceria com diversas associações (Fundação do Gil, Paróquias, programas de apoio aos Sem Abrigo, Diocese de Setúbal). Os debates realizam-se com um convidado em cada turma, atingindo os alunos não inscritos. Os professores de filosofia, de economia e biologia são os que mais requisitam os contributos de EMRC.

No terceiro período, promovemos um encontro inter-religioso, convidando os vários grupos religiosos que estão mais representados entre nós e com projeção nos meios de comunicação social. Este ano temos no plano de atividades uma apresentação em PowerPoint sobre a história da disciplina, que tem como objetivo fazer campanha de matrículas, intitulada “ Uma Década de EMRC... um resto de histórias”. Também iniciámos com a Sinagoga de Lisboa um projeto a desenvolver no próximo ano letivo sobre o Holocausto, em parceria com as turmas de economia e história.

Este percurso faz-se em articulação com as aulas, introduzindo nas Unidades Letivas quatro conceitos: cooperação, integração, autonomia e cultura, que são os eixos condutores da aprendizagem e das relações professor / aluno / comunidade educativa.

A relação Professor /aluno é de grande importância sendo a qualidade desta interação um dos fatores que condicionam o aluno na hora de optar, ou não, pela disciplina de EMRC. O professor, além do conhecimento, tem como preocupação o processo de construção da cidadania do aluno estabelecendo com cada um uma relação pessoal.

Desenvolvemos vínculos muito estreitos de amizade e respeito mútuo. O professor interfere no destino dos seus alunos. A qualidade das relações interpessoais, na escola pode fazer a diferença.

A escola deve ser criadora de adaptabilidades cognitivas e competências para o encontro com o desconhecido. É necessário intervir e transformar a escola. A sala de aula é o espaço privilegiado de interação social. O professor deve ser um referencial como facilitador da integração social do aluno. A escola é cada vez mais confrontada com uma enorme complexidade de interesses e pressões e o professor de EMRC tem que saber discernir para encontrar novos caminhos, tendo em conta a preservação, a renovação da herança cultural e a sua atitude como cristão.

O professor de EMRC tem que refletir sobre as suas práticas para implementar, dentro do possível o que é mais adequado à caracterização da escola. Pode ter menos alunos na sala de aula mas conseguir atingir todos os outros. Esta percepção é fundamental no Ensino Secundário em que, por um lado, os pais adotam um estilo mais permissivo e por outro nesta fase da sua

formação, os alunos sofrem maior influência da escola e dos amigos do que da respetiva família.

O envolvimento dos alunos está associado ao fascínio que o professor comunica, e a educação é uma comunicação de si, capaz de se relacionar com a realidade. Este diálogo, encontro de experiências gera diálogo, produz conhecimento, provoca mudança e transforma.

Bento XVI dizia que só no encontro entre a realidade transcendente, a fé e a razão, é que o homem se encontra a si mesmo. A tarefa dos professores é a de encontrar este diálogo integrando a fé e a racionalidade moderna numa visão antropológica que completa o ser humano.

Quando pensamos a Educação Moral e Religiosa Católica devemos ter em conta três fatores (presença, desafio, experiência) que possibilitam a conexão ativa da realidade com a experiência do transcendente no contexto da fé.

Assim, a *presença* do professor na escola é estar *dentro*, em comunhão, despertando o interesse dos alunos por aquilo que ensina, tendo em conta que nós, professores de EMRC, somos professores do *encontro* com Cristo o que nos dá uma nova consciência de nós próprios e dos outros.

Quando inicio o ano letivo penso que dar aulas no ensino público é uma oportunidade missionária em que, naquele ambiente cultural, a atividade educativa constitui em mim o *desafio* de viver o cristianismo como acontecimento. A escola é o campo onde se articulam e se trocam, uns com os outros, as vivências, os sonhos, os rumos, onde nos fascinamos com as verdades dos outros e nos reconhecemos.

Como educadora tenho em conta que a abertura à comunicação de *experiências* abre novos horizontes que implica comparações e decisões, daí que, quero todos os alunos que na minha escola se inscrevem por engano, pois é no encontro que nos decidimos e nos transformamos.

Educar nasce de um gosto, de um fascínio capaz de reinventar uma esperança que supera o desencanto de uma escola cada vez mais laica: “Tornai as vossas vidas lugares de beleza”, como referiu Bento XVI no Discurso proferido perante representantes do mundo da cultura, em Lisboa, Centro Cultural de Belém, a 12 de maio de 2010.

**Evangelização em meio escolar**  
***3 verbos transitivos***  
***e 3 advérbios de modo***

ANTÓNIO MADUREIRA (\*)  
PE. AMARO GONÇALO LOPES (\*\*)

**PROPOR**

**@com. alegria**  
**@com. beleza**  
**@com. convicção**

**PROFESSAR**

**@com.a.mente**  
**@com.o.coração**  
**@com.a.vida**

**PERCORRER**

**@com.panhia**  
**@com.passo**  
**@com.promisso**

---

(\*) Docente de EMRC. Diretor do Secretariado Diocesano do Ensino Religioso nas Escolas, diocese do Porto. Diretor do Colégio Nossa Senhora da Bonança.

(\*\*) Sacerdote da diocese do Porto. Pároco da Senhora da Hora. Membro do Conselho Pastoral Diocesano.

## I. PROPOR

“*Propor a fé*” é uma palavra que se tornou muito popular no vocabulário pastoral, desde a década de 90, à medida que a Igreja, sobretudo na Europa, se defronta e confronta com uma espécie de *tsunami secularista*, numa espécie de mundo povoado de muitos deuses, num ambiente de verdadeiro politeísmo de valores, ampliado, em larga escala, pelo fenómeno da globalização.

Disseram corajosamente os bispos franceses, em Carta Pastoral, de 1996:

*“Recusamos qualquer nostalgia das épocas passadas, onde o princípio da autoridade parecia impor-se indiscutivelmente. É no contexto da sociedade atual que entendemos ser necessário pôr em marcha a força da proposta do evangelho”*<sup>1</sup>

E quem não lembra as palavras de Bento XVI, na Avenida dos Aliados, no Porto, em plena Missão 2010:

***Nada impomos, mas sempre propomos***, como Pedro nos recomenda numa das suas cartas: «*Venerai Cristo Senhor em vossos corações, prontos sempre a responder a quem quer que seja sobre a razão da esperança que há em vós*» (1 Ped 3, 15). E todos afinal no-la pedem, mesmo quem pareça que não”<sup>2</sup>.

Estas duas citações são suficientes, para nos situarmos na nossa missão evangelizadora na Escola, estatal ou particular. Estamos num lugar, que não pertence à Igreja, num lugar plural, num lugar onde concorrem muitas modas e modos de pensamento e de vida. Neste campo de missão, só podemos propor. Não podemos supor ou impor. Eu diria, que o nosso primeiro dever é propor. Tal modo de ser e de esta implica uma mudança, no estilo de presença, de atitude pastoral. Trata-se, ao fim e ao cabo de:

---

<sup>1</sup> LES EVÊQUES DE FRANCE, *Proposer la foi dans la société actuelle*, Cerf. Paris 1966, 22 (trad: Carta Pastoral dos Bispos Franceses, *Propor a fé na sociedade atual*, 1996, cit. por DENIS VIKLEPELET, *A proposta da fé em contexto de crise de transmissão* [col. Ferramentas Catequéticas], Ed. SDECIA, Porto, 2005, 5.

<sup>2</sup> BENTO XVI, *Homilia na Avenida dos Aliados*, Porto, 14 maio 2010.

– **Passar da suposição à proposição da fé:** isto é, a fé não pode mais ser suposta; tem de ser continuamente proposta. Adverte-nos o Papa, com grande realismo, na Carta Apostólica para o Ano da Fé:

*“Sucedem não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora um tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado. Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente partilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que já não é assim em grandes sectores da sociedade devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas”<sup>3</sup>.*

– **Passar da imposição à proposta da fé:** Uma proposta não é uma imposição, mas a mediação indispensável de uma escolha. Como decidir-se, por ou contra, sem conhecer minimamente a questão?

– **Passar da transmissão à proposta da fé.** As velhas “correias de transmissão” da fé, a família e a comunidade, têm os seus elos quebrados, por muitas razões. São os pais hoje que transmitem a fé aos filhos, ou são os filhos que ainda podem provocar a fé dos pais? O ambiente cultural não oferece, por osmose, bem pelo contrário, o clima propício ao contágio da fé. É preciso propor continuamente.

– **Passar da manutenção à proposição da fé.** Trata-se de propor a força do evangelho, no que Ele tem de radicalmente novo. O Evangelho só pode ser essa força de proposta, medida e, que for proposto, como força de renovação. Diz-nos Bento XVI na sua Carta Apostólica para o Ano da Fé:

*“Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente partilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que já não é assim em grandes sectores da sociedade devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas!”<sup>4</sup>*

---

<sup>3</sup> BENTO XVI, *Porta Fidei*, 2.

<sup>4</sup> BENTO XVI, *Porta Fidei*, 2.

Propomos na Escola, a nossa fé, não só, nem tanto, porque falamos muito de Deus ou porque trazemos sempre “o credo na boca”, mas porque deixamos Deus falar e manifestar-se. Quem serve e educa, em nome da Igreja, “*nunca procurará impor aos outros a fé. Sabe que o amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos e pelo qual somos impelidos a amar. O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor. Sabe que Deus é amor (cf. 1 Jo 4, 8) e torna-Se presente precisamente nos momentos em que nada mais se faz a não ser amar*”.<sup>5</sup>

O nosso amor, pelos mais fracos, pelos mais frágeis, o excesso da nossa dedicação, a capacidade de dar a vida pelos alunos, deve ser para os alunos, e na Escola, o testemunho autêntico, de que só o amor é digno de fé.

Caros professores: Pode não parecer. Mas as nossas crianças, adolescentes e jovens têm sede no seu coração, e esta sede é uma exigência de significado e de relacionamentos humanos autênticos, que ajudem a não se sentirem abandonados perante os desafios da vida. Trata-se do desejo de um futuro, tornado menos incerto, por uma companhia segura e confiável, que se aproxima de cada um com delicadeza e respeito, propondo valores sólidos a partir dos quais crescer rumo a metas elevadas, mas alcançáveis. A nossa resposta é o anúncio do Deus amigo do homem, que em Jesus se fez próximo de cada um.

*“Por experiência própria e comum, bem sabemos que é por Jesus que todos esperam. De facto, as expectativas mais profundas do mundo e as grandes certezas do Evangelho cruzam-se na irrecusável missão que nos compete, pois «sem Deus, o ser humano não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem seja”.*<sup>6</sup>

### **@com.alegria**

A nova evangelização também é nova não só nas *expressões e métodos*, mas há de ser nova, a começar pelo seu *ardor*, pela sua paixão, pelo seu entusiasmo. Pelo que a primeira coisa a realçar, é que devemos evangelizar,

---

<sup>5</sup> BENTO XVI, *Encíclica Deus Caritas est*, n.31c.

<sup>6</sup> BENTO XVI, *Homília na Avenida dos Aliados, Porto*, 14 maio de 2010.

**com alegria.** Esse é, aliás, um dos propósitos principais, para o Ano da Fé, que o Papa nos recorda:

*“Desde o princípio, lembrei a necessidade de redescobrir o caminho da fé para fazer brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo!”<sup>7</sup>*

E dedicando uma das suas audiências à questão de “*como falar de Deus hoje*”, o Papa insistia, uma vez mais:

*“A comunicação da fé deve ter sempre uma tonalidade de alegria. É a alegria pascal, que não se cala, nem oculta a realidade da dor, do sofrimento, do cansaço, da dificuldade, da incompreensão e da própria morte, mas sabe oferecer os critérios para interpretar tudo na perspectiva da esperança cristã. A vida bela do Evangelho é precisamente este novo olhar, esta capacidade de ver cada situação, com os olhos do próprio Deus. É importante ajudar os alunos a compreender que a fé não é um peso, mas uma fonte de júbilo profundo, é entender a obra de Deus, reconhecer a presença do bem, que não faz ruído; e oferece orientações preciosas para viver bem a própria existência!”<sup>8</sup>*

Eis um tópico, que vem de facto, desde o início do seu ministério petrino:

*“Descobrir a beleza e a alegria da fé é um caminho que cada nova geração deve percorrer pessoalmente, porque na fé é posto em jogo tudo o que sentimos mais como nosso e que nos é mais íntimo, o nosso coração, a nossa inteligência, a nossa liberdade, numa relação profundamente pessoal com o Senhor que age dentro de nós”.<sup>9</sup>*

No seu belo livro “*Nenhum caminho será longo*”, o Padre Tolentino Mendonça interroga-se sobre o que fizemos nós do *evangelho da alegria*, propõe-nos uma conversão pela via do humor e apresenta-nos São Paulo, como mestre da alegria cristã. Vale a pena percorrer os fios com que ele tece a alegria cristã. Eu penso que esta nota da alegria é um distintivo do evangelizador. Se levo uma boa nova, como posso fazê-lo num registo severo ou de mau humor? O

---

<sup>7</sup> BENTO XVI, *Porta Fidei*, 2.

<sup>8</sup> BENTO XVI, *Audiência*, 28-11-2012.

<sup>9</sup> BENTO XVI, *Discurso no Congresso Eclesial de Roma*, 5.06.2006).

povo diz isto de uma forma muito simples: um santo triste é um triste santo. Um evangelizador triste é uma tristeza sem nome.

*“Em vez de crescermos na severidade, na intransigência, na indiferença, no sarcasmo, no lamento, na maledicência, caminhemos suavemente no sentido contrário. Cresçamos na simplicidade, na gratidão e no despojamento e na confiança. A alegria tem a ver com uma essencialidade que só na pobreza espiritual se pode acolher”.*<sup>10</sup>

### **@com. beleza<sup>11</sup>**

Enzo Bianchi tem uma expressão radiosa, sobre a beleza de Cristo. Diz ele: “a vida de Cristo era a vida boa, bela e beata” (feliz). Esta vida conquistou os discípulos. Boa, porque passou fazendo o bem, bela porque cheia de amigos, feliz porque cheia da alegria de viver.

Chegar à fé significa adquirir a beleza do viver, descobrir que é belo viver, é belo amar, criar, gerar, pôr a vida nas mãos de quem põe a sua vida nas tuas.

É belo pertencer a Cristo e ao evangelho porque tudo tem um sentido positivo, tudo se encaminha para a vida e não para a morte. Os cristãos devem ser encaminhados no rasto de Cristo encantador.

Na verdade, é a beleza que abre para o mistério e orienta para a decisão moral de aceitar o mistério. O bem, para atrair, para conservar a sua força de atração, deve igualmente ser belo.

Hoje, ninguém adere a um sentido último, a não ser por uma espécie de fascínio da sua beleza perceptível e antecipável. A forma de adesão à verdade é a da persuasão e esta é sempre esteticamente mediada. A beleza é a expressão da bondade.

É a beleza que persuade o ânimo humano. Por isso, é necessário educar com beleza e para a beleza.

---

<sup>10</sup> JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA, *Nenhum caminho será longo. Para uma teologia da amizade*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2012, 152.

<sup>11</sup> Seguimos aqui ERMES RONCHO, *Os beijos não dados. Tu és Beleza*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2012, 93-103 e 128-130, sobre a Beleza de crer.

Eis a tarefa que nos espera: reanimar o entorpecimento do gosto de Deus, que aflige os nossos sentidos espirituais. Não para ensombrar a razão, mas para dar um suplemente à realidade. A nossa vida não avança por investidas da vontade, mas por atração. Sou cristão por atração: «*Quando for levantado da terra, atrairei todos a mim*» (Jo.12,32).

A vida não avança por injunções, mas por seduções. E a paixão, a atração, a sedução nascem de uma beleza. A paixão por Deus irrompe por se ter descoberto a beleza de Cristo. Deus não atrai por ser Onnipotente, não nos seduz por ser onisciente: por estas coisas pode ser admirado e obedecido, mas não amado.

Deus seduz-nos com o seu rosto de amor e com a vida bela de Cristo. Prefere mais ser amado, que obedecido. Onde nasce o desejo e a busca de Deus? Não nasce de um dever. Nasce, pelo contrário de uma pobreza e de um tesouro; de uma ausência e de uma imprevista beleza. A vida humana não avança por decretos, mas por sedução de tesouros e de pérolas. A vida humana é êxtase. Não é estática. É extática, saída de si, atração por um Outro. A vida cristã não é primariamente ética, mas estética (H. Von Balthasar). Não se move por um conjunto de leis, mas por uma mole de emoções, nas quais é a força que move. A vida não avança por decretos, mas pela moção dos afetos, por atração, que, nascida de uma beleza, acorrenta e fascina. Seduz.

O verdadeiro e o bem, para convencerem e se fazerem amar, devem também ser aprazíveis, belos. Não é suficiente a *Veritas*, é necessário o *Veritatis Splendor*<sup>12</sup> (o esplendor ou o resplandecer da verdade). “*Onde a beleza se dilui, também o bem perde a sua força de atração, a verdade esgota a sua força de conclusão lógica*” (H. Von Baltasar).

A verdade, para se tornar parte da vida, para acorrentar a si, para seduzir (secum – ducere – levar consigo), para prender o coração e criar o apreço fiducial que é a fé, deve ser bela e aprazível, uma verdade amável.

---

<sup>12</sup> “Esplendor da Verdade”, curiosamente, são as primeiras palavras da Encíclica de João Paulo II, sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja, datada de 6 de agosto de 1993.

Como dissemos, Deus não nos seduz com a sua eternidade, mas com a beleza dos gestos de amor de Cristo, Por isso, na fórmula paulina da existência cristã, a verdade anda sempre acompanha do amor, da caridade (Ef.4,15).

Numa sociedade que prefere a verdade à beleza, a estética à ética, a *via pulcritudinis*, a via da beleza, é um caminho seguir. A fé não seria íntegra se não tiver este toque afetivo, que afeta e põe em contacto com o sentido desejado e reconhecido, que é Jesus Cristo. E não despertaria interesse se a reduzirmos a um saber e não a um sabor, a uma experiência que toca a vida.

A educação estética é, pois, uma conquista que não concerne ao sentido do esteticismo, mas às faculdades vitais e genuínas, ao discernimento da vida interior. A fé não deixaria boas marcas na alma, se não investisse o corpo e os seus sentidos (ou o ouvido, que pre-s-sente, o tacto que põe em con-tacto, a vista que entre-vê, o gosto e o olfato que apreciam e geram um ambiente de apreço).

O cristianismo não pode prescindir dos valores da existência que são os sentimentos. Santo Agostinho, na sua experiência sensível de Deus, convoca todos os sentidos, que se tornam como teclados, “*divinos teclados*” onde é tocada uma música que fala de Deus e move o coração, uma melodia real que reconheço, mas não sei transcrever.

*“Nos nossos tempos, já não basta recordar a autoridade de Deus, a sua diversidade, a sua humildade e a sua fraqueza. Temos de redescobrir a beleza de Deus, propor um Deus de forma atraente: que aproxime, que aglutine, que mova e encante. Perante a indiferença que nos rodeia, já não basta dizer que Deus é verdadeiro e bom, importa mostrar ainda que Deus é belo. A força que atrai o homem contemporâneo já não é a da construção lógica da verdade, já não é a da construção ética do bem, mas é a do esplendor do verdadeiro e do bom, isto é, da sua beleza!”*<sup>13</sup>

Há aqui todo um campo a explorar. Tornar bela a nossa mensagem, provocar a experiência da beleza de Deus, educar para a descoberta dessa

---

<sup>13</sup> ERMES RONCHO, *Os beijos não dados. Tu és Beleza*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2012, 130.

beleza, oferecer oportunidades de contacto com a beleza, eis um campo por explorar. A chamada “via da beleza” (via pulchritudinis) está ainda muito por abrir. E, entanto, obras musicais, património construído, experiências de retiro, peregrinações e caminhadas, são ainda veredas por atravessar.

### **@com. convicção**

Trata-se de propor a fé, propondo-se, de algum modo. Isto, não no sentido, de fazermos de nós o centro do anúncio, mas no sentido de o encarnarmos, de sermos nós próprios reflexo, em *carne viva*, dAquele e daquilo que propomos. Precisamos nós próprios de ter bem enraizadas as razões da nossa fé, bem assumidas as nossas opções de vida, para que o evangelho seja também a história da nossa vida com Cristo, que podemos narrar e testemunhar. Os nossos alunos percebem bem se estamos identificados com a mensagem ou se apenas queremos *vender o nosso peixe*... garantir o nosso emprego. A falta de convicção é uma traição à nossa missão. É uma mentira, que nos incomoda, e é uma mentira que anula a eficácia da missão.

## **II. PROFESSAR**

Neste Ano da Fé, destinado precisamente a descobrir e a professar, com renovado entusiasmo a fé, apraz-me recordar isto: «*Professor*» e «*professar*» são palavras da mesma família.

Isso significa, que, em tudo o que diz e em tudo o que faz, o professor “professa”, isto é, veicula uma convicção, é testemunha de uma verdade, com a qual se compromete.

Não há educação neutra, nem professores neutros. Pelo seu modo de ser e de estar, pela sua competência e envolvimento, pelas suas escolhas e atitudes, o professor acaba sempre por *professar* um determinado sentido da vida e por propor um determinado valor para ela. Se os pais só dão verdadeiramente a vida a um filho, se com a vida, lhe dão também um sentido para viver, também o professor só professa, se está comprometido com a verdade que propõe.

Nós professamos a fé em Deus: acreditamos num Deus, “*que ultrapassa infinitamente o Homem*” (Pascal). E temos consciência, de que, sem Deus,

ninguém sabe donde vem, nem para onde vai. Sem Deus, nada antes da vida, nada depois da vida. Queremos propor um Deus, de modo razoável. Na certeza de que esta “Razão” primeira de tudo é também amor pessoal, que me conhece e alcança.

Mas nós professamos igualmente a fé no Deus, feito Homem, em Jesus Cristo; nós acreditamos que o mistério do homem, na sua grandeza e miséria, só no mistério de Cristo se ilumina; por isso, acreditamos e propomos Cristo, como “*medida do homem na sua plenitude*” (Ef 4,13) e, por isso, acreditamos na humanidade de cada um, como lugar da revelação de Deus. Acreditamos no rosto do outro, como expressão do esplendor de Deus. Diz o Concílio: “*aquele que segue Cristo, o Homem perfeito, torna-se também ele mais homem*” (GS 41).

Neste sentido, é preciso olhar com a confiança própria da fé, o futuro que é confiado por Deus, às nossas mãos! Dito de outro modo, precisamos de acreditar nos nossos alunos, nas suas potencialidades e esperanças, na capacidade de superação dos limites e de expansão das qualidades. Não partimos, para esta missão educativa, com a ideia do impossível!

Pela fé, acreditamos na possibilidade do impossível. Acreditamos que é possível o homem novo, que é possível formar homens e mulheres novos, capazes de viver uma vida, com sentido humano e divino, uma vida aberta a Deus e aos demais.

A escola será um espaço do acreditar, se eu próprio fizer um ato de fé, na promessa de vida, que Deus coloca nas minhas mãos, em cada aluno que me confia. Isto é decisivo, para eu acolher com alegria os alunos, para eu poder semear neles a esperança, contra todos os sinais de crise, que nos parecem esmagar todos os dias.

Nós acreditamos num Deus que se quer “revelar o seu Filho em mim, para que o anuncie como Evangelho entre os gentios” (Gal.1,16). E por isso, acreditamos:

**@com. a. boca**

“Professar com a boca indica que a fé implica um testemunho e um compromisso públicos. O cristão não pode jamais pensar que o crer seja um

facto privado. A fé é decidir estar com o Senhor, para viver com Ele. E este «estar com Ele» introduz na compreensão das razões pelas quais se acredita. A fé, precisamente porque é um ato da liberdade, exige também assumir a responsabilidade social daquilo que se acredita”;<sup>14</sup>

### **@com. a. mente**

*“O conhecimento dos conteúdos de fé é essencial para se dar o próprio assentimento, isto é, para aderir plenamente com a inteligência e a vontade a quanto é proposto pela Igreja. Por isso, o assentimento prestado implica que, quando se acredita, se aceita livremente todo o mistério da fé, porque o garante da sua verdade é o próprio Deus, que Se revela e permite conhecer o seu mistério de amor”.*<sup>15</sup>

### **@com. o. coração**

*“Acredita-se com o coração e, com a boca, faz-se a profissão de fé» (Rm 10, 10). O coração indica que o primeiro ato, pelo qual se chega à fé, é dom de Deus e ação da graça que age e transforma a pessoa até ao mais íntimo dela mesma. A este respeito é muito eloquente o exemplo de Lídia. Narra São Lucas que o apóstolo Paulo, encontrando-se em Filipos, num sábado foi anunciar o Evangelho a algumas mulheres; entre elas, estava Lídia. «O Senhor abriu-lhe o coração para aderir ao que Paulo dizia» (At 16, 14). O sentido contido na expressão é importante. São Lucas ensina que o conhecimento dos conteúdos que se deve acreditar não é suficiente, se depois o coração – autêntico sacrário da pessoa – não for aberto pela graça, que consente ter olhos para ver em profundidade e compreender que o que foi anunciado é a Palavra de Deus”.*

### **@com. a .vida**

*“O trabalho educativo passa através da liberdade, mas tem também necessidade de autoridade. Por isso, especialmente quando se trata de educar para a fé, são fulcrais a figura da testemunha e o papel do testemunho. A testemunha de Cristo não transmite simplesmente informações, mas*

---

<sup>14</sup> BENTO XVI, *Porta Fidei*, 10.

<sup>15</sup> *Ibidem*, 10.

*compromete-se de maneira pessoal na verdade que propõe e, através da sua própria vida, torna-se um ponto de referência confiável”;*<sup>16</sup>

*“Para isso, é preciso ter em conta, em primeiro lugar, que o caminho para a verdade completa empenha o ser humano na sua integralidade: é um caminho da inteligência e do amor, da razão e da fé. Não podemos avançar no conhecimento de algo, se não nos mover o amor; nem tampouco amar uma coisa em que não vemos racionalidade; porque «não aparece a inteligência e depois o amor: há o amor rico de inteligência e a inteligência cheia de amor» (CV, 30). Se estão unidos a verdade e o bem, estão-no igualmente o conhecimento e o amor. Desta unidade deriva a coerência de vida e pensamento, a exemplaridade que se exige de todo o bom educador”.*<sup>17</sup>

Em conclusão:

*“Aquilo de que o mundo tem hoje particular necessidade é o testemunho credível de quantos, iluminados na mente e no coração pela Palavra do Senhor, são capazes de abrir o coração e a mente de muitos outros ao desejo de Deus e da vida verdadeira, aquela que não tem fim”.*<sup>18</sup>

Neste sentido, para guiar os outros, para educar os outros, o mesmo é dizer, para conduzir os outros para fora de si mesmos até Cristo, em quem a nossa humanidade se completa,

***“já não bastam meros dispensadores de regras e informações; são necessárias testemunhas autênticas, que saibam ver mais longe do que os outros, porque a sua vida abraça espaços mais amplos. A testemunha é alguém que vive primeiro o caminho que propõe!”***<sup>19</sup>

### III. PERCORRER

A fé, tal como a vida, não é um curso, nem um discurso. É um percurso, que dura a vida inteira. Neste ano da Fé, o Papa relembra-nos a necessidade de

---

<sup>16</sup> BENTO XVI, *Discurso*, 11.06.2007.

<sup>17</sup> BENTO XVI, *Discurso aos jovens professores universitários*, Madrid, 19-08.2011.

<sup>18</sup> BENTO XVI, *Porta Fidei*, 15.

<sup>19</sup> cf. BENTO XVI, *Mensagem no Dia Mundial da Paz* 2012.

*redescobrir o caminho da fé para fazer brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo.*

A evangelização no meio escolar deve servir este desígnio: *fazer da vida um percurso com sentido, um caminho com saída, uma corrida orientada para uma meta.* Trata-se, para o educador de percorrer o caminho da fé, que propõe aos outros.

Nós sentimo-nos, muitas vezes, no meio escolar, a pregar no deserto. *“Nos últimos decênios, - reafirmava há dias o Papa - tem-se visto o avanço de uma “desertificação” espiritual. Vemo-lo, ao nosso redor, todos os dias. É o vazio que se espalhou”.*

Na verdade, e pensando bem, há hoje tantas formas de deserto: *“há o deserto da pobreza, o deserto da fome e da sede; mas há também o deserto do abandono, da solidão, do amor destruído. Há o deserto da obscuridade de Deus, do esvaziamento das almas. Os desertos exteriores multiplicaram-se no nosso mundo, porque os desertos interiores se tornaram cada vez mais amplos”<sup>20</sup>.*

E, por isso mesmo, esta é hoje, de modo tão especial, a nossa missão: *“pomo-nos a caminho, para conduzir os jovens, para fora do deserto, para os lugares da vida, da amizade com o Filho de Deus, para Aquele que dá a vida e a vida na sua plenitude”<sup>21</sup>.*

No entanto, *“é precisamente a partir da experiência deste deserto, deste vazio, que podemos redescobrir a alegria de crer, a sua importância vital, para nós, homens e mulheres. No deserto é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial, para a vida.*

Eu apontaria três itens importantes, neste percurso com sentido:

**@com.panhia**

**Primeiro: a companhia:** *“No deserto há, sobretudo, necessidade de pessoas de fé, que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra*

---

<sup>20</sup> BENTO XVI, *Homilia no início do Pontificado*, 24-05-2005.

<sup>21</sup> cf. BENTO XVI, *Porta Fide*, 2.

*Prometida, mantendo assim viva a esperança” da meta. Hoje, mais do que nunca, evangelizar significa testemunhar uma vida nova, transformada por Deus, indicando assim o caminho”<sup>22</sup>, para fora do deserto, não com o dedo em riste, mas indo à frente, percorrendo-o, com a própria vida! Não nos limitar a apontar um caminho. Mas oferecermo-nos como companheiros de viagem, como interlocutores das alegrias e esperanças, dos sofrimento e angústias dos nossos alunos, tal como Jesus, que se atravessa no caminho dos discípulos de Emaús. De modo, que seguindo-os e seguindo-nos eles possam encontrar as referências seguras do seu caminhar. Diz o Papa, quase a concluir a sua Carta Apostólica para o Ano da Fé:*

*“A fé é companheira de vida, que permite perceber, com um olhar sempre novo, as maravilhas que Deus realiza por nós. Solícita a identificar os sinais dos tempos no hoje da história, a fé obriga cada um de nós a tornar-se sinal vivo da presença do Ressuscitado no mundo”<sup>23</sup>.*

### **@com.passo**

**Segundo: o compasso.** Isto significa fazer percorrer o caminho, na paciência, na persistência, segundo o ritmo de cada um, de cada pessoa, de cada turma, de cada escola. Não adiante avançar no programa, se deixamos para trás as pessoas. No caminho de Emaús (cf. Lc. 24, 13-35), Jesus demora-se numa conversa familiar, até ao anoitecer. Conquista a confiança dos seus discípulos descrentes, interroga-os sobre as suas desilusões, propõe-lhes chaves de leitura para tudo o que sucedeu e acaba mesmo por lhes provocar o desejo de que permaneça entre eles. É preciso ir devagar, com tempo, com passo, com medida, à medida de cada um, num amor sem medida.

### **@com.promisso**

**Terceiro: o compromisso.** Não somos “vendedores” de um produto, que deixam o «cliente» na primeira avaria. Estamos comprometidos, com aqueles que cativámos, não para nós, mas para Cristo. A nossa missão não se esgota na aula, na escola, durante o curso. O percurso continua e a nossa presença

---

<sup>22</sup> BENTO XVI, *Homília*, 11-10-2012.

<sup>23</sup> BENTO XVI, *Porta Fidei*, 15.

à vida de cada um deve perpetuar-se, nem que seja como uma marca que ficou, uma luz que não se apagou. Oxalá os nossos adolescentes e jovens encontrem, ao longo do seu caminho, verdadeiras “estrelas”, que os guiem para fora de si mesmos, “*rumo a uma plenitude que os faça crescer*” e que só o Deus feito Homem lhes pode dar! Procurai, ser para os vossos alunos, as “estrelas” que guiam e apontam para o verdadeiro “Sol Nascente”, para a Luz do mundo, que é Cristo (cf. Jo.8,12).

*“Nisto nos ajudará o Senhor, que nos propõe ser simples e eficazes como o sal, ou como a lâmpada que dá luz, sem fazer ruído<sup>24</sup>”.*

### **Conclusão:**

**Propor** com alegria, beleza e convicção, **professar** com a mente, o coração, a vida, **e percorrer**, com passo e companhia, o caminho que se propõe, eis o compromisso, que ganha particular fôlego e oportunidade neste Ano da Fé. Agradeço-vos a paciência da escuta e peço a Deus que a todos nos aumente a nossa fé e faça de nós portadores felizes do evangelho às novas gerações, que Deus põe nas nossas mãos.

---

<sup>24</sup> BENTO XVI, *Discurso*, 19.08.2011.



# **A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual**

FERNANDO MOITA (\*)

## **1. EDUCAÇÃO: O APELO DE SEMPRE**

A educação surge, sempre, como a preocupação fundamental do mundo (das nações, dos grupos, dos indivíduos) a respeito do seu próprio futuro. Educar a criança e o jovem foi, e, continua a ser, um objetivo prioritário de qualquer sociedade.

Desde o “princípio” a educação se apresentou com a dupla dimensão, do real e do ideal, do ser e do dever-ser, onde todo o saber humano é convocado para a educação. Do modesto saber empírico, ao altivo saber científico, do saber artístico ao técnico, do religioso ao filosófico, nada do que é humano saber é alheio à educação dos homens. O ato educativo mais simples é o herdeiro universal da experiência humana. Esse ato é também, o ponto de partida para uma entrega dessa experiência, e do que a ela o presente da vida pode acrescentar, à humanidade futura, e ao futuro da humanidade.

A revolução das comunicações e da informação, em curso, aumenta a necessidade de recursos e de empenho(s). As novas tecnologias, a mundialização da cultura e a globalização da economia estão a unir os diferentes povos do mundo, ajudando-os a tomar consciência da sua natureza humana comum, e das suas idênticas preocupações e esperanças quanto ao futuro. Simultaneamente, estas tecnologias vêm acentuar as desigualdades, dentro,

---

(\*) Docente de EMRC, diocese de Lisboa. Professor Cooperante no Processo de Supervisão da Prática Pedagógica em EMRC com a Faculdade de Teologia da UCP. Docente na Escola Superior de Educação João de Deus.

e entre as sociedades. Entre as que são capazes de as utilizar para o seu enriquecimento cultural, social, económico e político, e as que o não são devido à pobreza ou à escassez de conhecimentos e de competência. E estas desigualdades acentuar-se-ão se não houver, da parte dos governos, uma maior entrega à causa da educação.

Todo o processo cultural, social e educativo está intrinsecamente plasmado na esfera dos valores. Os valores estão relacionados com as contradições criadas pelas pessoas, e com os conflitos sociais que marcam o desenrolar da história humana. É nos momentos difíceis que se intensifica o sentir da crise de valores.

Quando a sociedade experimenta formas de ansiedade e ganha consciência dos problemas responsabiliza, quase sempre, a escola e exige dela respostas e “soluções” adequadas para o desenvolvimento das dimensões intelectuais, morais e cívicas na personalidade dos alunos.

Educar é desenvolver o sentido da responsabilidade pessoal e formar para a cidadania (ética ativa). Educar é receber os conhecimentos (a memória) de uma comunidade, interpretar o quotidiano e projetar o futuro pessoal e social.

A formação para a cidadania ativa aliada ao desenvolvimento da própria personalidade são os dois eixos estruturantes da Lei de Bases do Sistema Educativo: “O sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho” (Lei nº46/86 de 14 de outubro art. 2, nº 4).

A educação para a cidadania/em cidadania – pilar de uma sociedade verdadeiramente democrática – é uma exigência para a harmonização pessoal e social, de toda a pessoa que vive no mundo, em contínuas, rápidas e radicais transformações onde, quase sempre, se conjugam interesses contraditórios.

A Escola tem, entre outras, a missão de ajudar a criança e o jovem a desenvolver-se plena e harmoniosamente e a integrar-se na sociedade de forma a intervir activa e conscientemente na construção do seu futuro pessoal e coletivo.

## 1.1. As inquietações dos jovens e da sociedade

Se algo caracteriza o ser humano e a sociedade contemporânea é a contínua mudança ou, seja como se estivéssemos perante, “a aceleração da história”. Esta mudança traz progressos que a todos interessam, mas logicamente traz inquietações nos jovens, nas famílias e na sociedade.

O jovem vive num mundo sujeito a transformações rápidas e radicais. A ciência e a técnica melhoraram as condições de vida; no entanto, continuam conflitos e dramas sociais e interiores que provocam desilusão, medo e dificuldades.

Isto provoca no jovem, na família (e não só!) insegurança e instabilidade:

**Instabilidade profissional:** são muitos os jovens que se confrontam com grandes dificuldades escolares; com fracassos ou sonhos desfeitos que os obrigam, com frequência, a orientarem-se para uma via profissional quando ainda não estão suficientemente amadurecidos para o fazerem; com tentativas de opções profissionais muitas vezes sem futuro.

**Instabilidade afetiva:** a liberdade nas relações amorosas conduz muitos jovens a aventuras de diferentes tipos, algumas das quais destroem e comprometem o seu equilíbrio afetivo.

**Instabilidade filosófica e religiosa:** o pluralismo filosófico e religioso é tal que os jovens se confundem e “não sabem a que santo recorrer,”. Os meios de comunicação social e a própria vida refletem este pluralismo e empurram o jovem em todas as direções de pensamento filosófico, ético, político e religioso.

**Instabilidade moral:** despontando para a maturidade e para a autonomia moral, o jovem desconhece, por vezes, os limites do seu agir; e, não raro, opções feitas na linha da afirmação de si e do relativismo ético e moral, conduzem à delinquência, ao laxismo, à não solidariedade, ao não compromisso.

Procurando uma motivação racional para os seus comportamentos o jovem começa, lentamente e com esforço, a descobrir o valor profundo do esforço gratuito. É a fase da descoberta do eu e da alteridade. Tendo-se descoberto a si mesmo, descobre o outro como sujeito de relações interpessoais.

É neste processo de aspiração pela liberdade e pela autonomia que o jovem deve encontrar na Educação (família, escola, comunidade eclesial, sociedade) uma atitude criativa e libertadora.

Hoje, diante dos múltiplos desafios perante o futuro, a educação aparece como tesouro que permite à humanidade progredir na direção dos ideais de paz, de liberdade e de justiça social.

A educação toca o homem não só na sua superfície, mas entra no profundo da sua interioridade. A ação educativa tem o objetivo de fazer emergir o melhor de cada um e levá-lo à maturação plena. A experiência de vida confirma-nos que o homem não nasce como uma realidade já completa, é uma existência que acontece progressivamente. Neste caminho o ser humano tem a necessidade e o direito de ser ajudado.

Falar de educação significa, então, falar de uma arte que tem como sujeito a pessoa e como mestres uma comunidade múltipla: família, escola, paróquia, sociedade, mass média.

Neste mundo em acelerada mudança, onde a mobilidade se acentua e em que a complexidade é a tônica dominante, a educação assume uma importância acrescida. Trata-se, no fundo, de conhecer melhor a realidade que nos cerca, com especial incidência para o sistema educativo no contexto de transformações sociais, económicas, culturais e científicas.

A sociedade, em que vivemos, exige uma enorme flexibilidade mental e uma contínua reflexão e sistematização de pensamentos. A informação nasce e circula a uma velocidade vertiginosa. O conhecimento científico e todo o conhecimento socialmente válido, têm um ciclo vital curtíssimo. Vivemos, também, num período tipicamente de transição cultural e civilizacional, onde abundam os problemas de convivência social e as aparentes perdas de valores, o que leva a alguns a caracterizar o nosso tempo de um tempo de incertezas e de ameaça.

Toda esta realidade que é, um desafio e uma grande oportunidade, repercute-se, necessariamente, na educação.

Educação que quer responder aos desafios do terceiro milénio, dando o seu contributo para um contínuo desenvolvimento e aperfeiçoamento do saber, criando e dinamizando projetos que correspondam às necessidades de modernização, de desenvolvimento científico e humanização da sociedade.

Em tudo isto, para ajudar especialmente as gerações mais jovens, assume particular relevância o lugar educativo a que vulgarmente chamamos Escola.

## **1.2. As inquietações do Hoje na Escola**

A educação, entendida como um processo contínuo, permanente e global, consiste no desenvolvimento da capacidade de produzir ou construir o conhecimento, no confronto direto com as realidades, ordenando-se para a formação de personalidades unas e não fragmentadas. Quer ser, também, multidimensional: atende aos domínios do cognitivo, do afetivo e do volitivo; atende à teoria e à prática, ao vital e ao lógico, ao estético e ao ético, ao universal e ao particular, ao imanente e ao transcendente.

O fim último da educação é, assim, a formação de homens integrados. Homens integrados que são, necessariamente, homens cultos.

Vivemos, numa época conturbada e de incertezas na qual o racismo, a xenofobia, os nacionalismos exacerbados, a violência, a fome, o fanatismo religioso, aparecem por toda a parte. Parece não haver lugar para a convivência e tolerância, valores que necessitam ser consolidados, interiorizados e vividos individual e coletivamente.

A diversidade de opções, de modelos de vida e pluralismo de ideias não implica um relativismo acentuado ou uma desnormalização global. Implica sim, e cada vez mais, um respeito profundo e ativo pelas opções dos outros sem, no entanto, abdicar das suas próprias convicções... e isto acontece no quotidiano escolar.

Porque educar é uma tarefa de todos, a educação, está chamada a ser “salvação e exaltação da pessoa perante o peso da massa; formação da liberdade contra toda a escravidão; guia na desorientação; apelo à ética na desordem e na decadência; voz do espírito sobre a gritaria materialista” (MAGALLI, A. 1986: 317).

## **2. AS FINALIDADES DA EDUCAÇÃO**

Tarefa primordial de qualquer sociedade, educar visa, essencialmente, preparar as pessoas para a sua inserção na sociedade e habilitá-las com os necessários conhecimentos teóricos e operativos para o desempenho de funções necessárias para a mesma sociedade. Na sua circularidade intrínseca,

a educação constitui uma tarefa da própria sociedade e a ela se destina. A integração social, a preservação da memória e a formação técnico-operativa são, no fundo, os objetivos da ação educativa. Educar é, pois, o maior ato de sociabilização e de humanização.

Neste sentido, alguns filósofos contemporâneos têm-se pronunciado sobre o sentido e a finalidade da educação numa sociedade pluralista e complexa como a nossa. Para Robert Misrahi, filósofo francês de tradição judia, a tarefa da educação consiste precisamente em detetar o caminho que permita às consciências dominar o seu desejo, fazendo intervir a reflexão para o informar, o tornar consciente de si mesmo e lhe poupar os falsos passos”. E, precisando o seu raciocínio, o autor acrescenta: “A educação consiste em desenvolver as personalidades concretas, de tal modo que, pouco a pouco, elas despertem para a alegria e compreendam que esta não pode realizar-se, por exemplo, sem os conhecimentos” (KECHIKIAN, A. 1993:15). Aspeto curioso da reflexão deste autor é o facto de apresentar a alegria e a felicidade da pessoa como finalidades da educação, mediante um processo evolutivo, desenvolvimentista e gradual de formação da personalidade. Acrescentamos ainda que, para este autor, educar não visa apenas a inserção social; consiste, antes de mais, em desenvolver o sentido pessoal das responsabilidades, para que a pessoa [o jovem] descubra o seu poder de agir sobre si próprio. Nesta perspetiva personalista, educar não se pode limitar à formação para a cidadania ou para a eficácia produtiva; é sobretudo uma formação para a autonomia e para a responsabilidade pessoais.

Referimos, ainda, um filósofo cristão, igualmente francês de tradição protestante: Paul Ricouer. Este autor assenta a sua reflexão sobre a educação no carácter conflituoso da nossa sociedade contemporânea, pluralista e problemática. “Preparar as pessoas para entrar nesse universo problemático parece-me ser a tarefa da educação moderna. Esta já não tem que transmitir conteúdos autoritários, mas deve ajudar os indivíduos a orientar-se em situações conflituosas, e a dominar com coragem certo número de antinomias (...). É preciso iniciar o jovem simultaneamente à solidão e à vida pública. Entendo com isso iniciar a uma capacidade para a autonomia pessoal, assim como a aptidão para entrar num espaço público de discussão: a cidadania” (KECHIKIAN, A. 1993:71). Mas isto implica a inserção da pessoa numa certa tradição viva, o que se torna difícil numa época de pluralidade. Daí a necessidade de ter convicções e de se manter firme nelas, aliada à abertura compreensiva de outras posições diferentes da sua. A educação numa sociedade pluralista passa pela

fidelidade a uma tradição (identidade cultural e de valores) e pela tolerância, sendo simultaneamente formação para a autonomia pessoal e para o exercício da ética na comunidade. Salientamos, pois, nesta reflexão o enraizamento de qualquer projeto educativo numa herança cultural ou axiológica própria, pois o juízo crítico não pode funcionar no vazio.

O espaço educativo da escola não é outro senão este: o de ajudar crianças, jovens e adultos a compreender a matriz possível e conhecida deste nosso mundo, que inclui aquilo com que trabalhamos e aquilo que nos transcende. O estudo da Física, da Matemática, da Literatura, da História, da Arte, da Religião, não pode ter outra finalidade na escola que a da construção, melhor ainda, que a da transformação deste nosso mundo, em algo melhor. Um processo de transformação não é um processo de reforma, não é um processo de melhoramento, não é uma tentativa revisionista, mas aproxima-se mais de outros conceitos, como o da invenção, da criação, da conceção global das coisas. Não é um mapa, mas uma visão, uma visão tão irresistível que nos compromete com uma vida de ação e reflexão, de procura dos outros e suas visões, do encontro conjunto de caminhos; estimulantes e aparentemente prometedores.

Só através de uma tal abertura à vida, será possível a transformação do mundo que conhecemos no mundo em que cada pessoa se sinta gente (não há outro propósito para a democracia), no mundo em que cada pessoa saiba racionar, saiba agir moralmente (como buscar melhor a justiça), no mundo em que o conceito de liberdade não acaba onde começa a liberdade dos outros, mas que seja compreendida como um processo de desenvolvimento social: “afinal a minha liberdade começa onde começa a liberdade de todos os outros, e não tem fim” (CABRAL, R. 1993:52).

Uma educação para o século XXI tem que centrar-se não só no aluno, não só no professor, mas na prossecução do conhecimento. Uma escola não existe só por causa dos alunos, nem só por causa dos professores, nem só por causa de um curriculum qualquer. Uma escola existe como um espaço de penetração no desconhecido. Uma escola existe como a possibilidade de se aprender o que não se conhece. Uma escola existe como a oportunidade, o direito e o dever que temos de conhecer o mundo para o transformar. “O mundo físico, por muito que exista e não existe, só adquire vida porque a pessoa humana existe. Somos nós que damos nome ao mundo, na expressão feliz de Paulo Freire” (CABRAL, R. 1993:40).

Daí estarmos convencidos que a nossa presença, no areópago cultural e acadêmico que é a Escola, neste momento da história mundial e lusa é essencial para que a afirmação da dignidade do ser humano seja uma realidade. Afirmamos uma humanização dos espaços, das organizações e das relações interpessoais. A esperança, de que somos portadores, tem algo de extraordinariamente grande, porque permite encarar o presente e o futuro com um olhar de confiança.

Ler e interpretar o atual momento histórico leva-nos a abandonar uma visão romântica e dourada do passado escolar, onde tudo corria bem e todos eram muito educados e responsáveis, para abraçarmos o desafio de, no tecido educativo, propor e contemplar (porque já está presente) a bondade e ternura de Deus.

### **3. A EDUCAÇÃO MORAL E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA**

Toda a educação, para ser consistente, precisa de um enraizamento numa tradição de valores que lhe confira identidade e projeto. A formação das pessoas, a começar pelas crianças, não se faz no vazio; precisa de ser, ela própria, enformada por um corpo ético e axiológico.

“A escola tem a tarefa de promover todos os autênticos e perenes valores da civilização nas novas formas do nosso tempo (...) o que é primeiramente importante para a escola é a formação do homem, em totalidade e em plena maturidade das suas faculdades” (MAGALLI, A. 1986:317). No horizonte desses valores perenes da civilização, integra-se a própria tradição cristã, criadora de cultura, portadora duma mundividência própria, apontando um caminho preciso de realização humana. Por isso mesmo, o Cristianismo, quer por razões históricas quer por razões de atualidade (o seu projeto permanente de uma humanidade nova em Cristo, Homem-Novo) não pode ser alheado, nem marginalizado da escola.

A abertura à dimensão religiosa e por conseguinte, à transcendência é uma constante em todas as culturas e civilizações. Toda a pessoa transporta essa abertura ao Outro, à verdade, à beleza ao mistério, onde se justifica e se reconhece portadora de destino e de sentido. Por isso mesmo afirma João Paulo II que “a educação integral do homem não pode fazer abstração da dimensão religiosa, que é constitutiva da pessoa e da sua plena liberdade”. Essa dimensão religiosa na tradição judaico-cristã concretiza-se numa história de salvação, onde Deus se torna companheiro dos seres humanos,

indicando-lhes o sentido da sua existência mediante uma relação de confiança (aliança). A revelação judaico-cristã, na sua originalidade de um Deus-encarnado, apresenta um sentido próprio da vida, da história e do próprio universo. Criado à imagem do próprio Deus, o cristão encontra em Cristo, na sua morte e ressurreição, a plenitude do seu destino: viver em comunhão filial com o Pai e fraterna com os irmãos. Por isso a visão cristã da educação possui uma centralidade cristológica e visa um sentido comunitário, de plena realização da pessoa humana.

A Escola é, pois, convidada a oferecer aos jovens os diversos elementos de conhecimento quanto à significação do mundo e da pessoa humana. Por isso, é importante que na própria Escola os jovens recebam a ajuda necessária e completa para poderem refletir sobre as interrogações fundamentais da existência humana (Qual é o sentido da vida? Quais são as leis morais da consciência e da sociedade? Quais são os verdadeiros valores?) e assim decidir do seu futuro com um maior sentido de responsabilidade. Só a posse de um conhecimento consciente e amadurecido destas realidades dá aos jovens uma capacidade de discernimento (para decidir entre o que é preciso aceitar e o que é necessário recusar).

Acreditando no valor da pessoa humana e que a pessoalidade é uma alteridade, uma relação de solidariedade com o “outro”, com todo e qualquer outro porque todo e qualquer outro é pessoalidade e alteridade, a uma educação moral quer ajudar o jovem a ser, isto é, rasgar os caminhos e proporcionar os recursos para que cada um, em liberdade, se possa descobrir a si mesmo, descobrir os outros, realizar-se e continuamente desenvolver-se.

Sendo um espaço de liberdade criadora, a educação moral proporciona ao adolescente e ao jovem um espaço e um tempo de descoberta e de exercício da mútua compreensão, cooperação e entreatuda, lançando o desafio para a participação na construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

O valor integrador de todos os valores é a dignidade absoluta da pessoa humana. A dignidade inalienável da pessoa é a referência primeira e última e o fio condutor de todo o processo de educação moral. É assim, a educação para o respeito dos direitos do ser humano, o que significa o respeito absoluto por cada um, tanto para com os outros, como para consigo mesmo.

Ao fazer uma educação à identidade, a educação moral oferece ao jovem um contributo para a descoberta da própria identidade - esforço permanente

- e para o crescimento e afirmação das suas potencialidades, expressas em responsabilidade social e cívica, espírito crítico e criativo percorrendo um processo de contínua resposta às perguntas fundamentais: Quem sou eu? Qual o meu papel na sociedade?

A educação moral ao dirigir-se ao desenvolvimento global do jovem, permitindo-lhe um raciocínio e uma atitude valorativos, tem em conta os níveis de desenvolvimento psicológico e procura contribuir para a formação da consciência do jovem ajudando-o no seu desenvolvimento sócio-moral.

### **3.1. A Formação da Consciência**

Toda a ação educativa assenta na formação da consciência do sujeito, ajudando-o a estruturar a sua personalidade e a agir responsabilmente. Razão tem o filósofo Robert Misrahi ao definir a educação, como desenvolvimento das personalidades concretas, a formação para a autonomia. Por isso mesmo, a consciência pode-se definir como aquela categoria subjetiva, suporte de todo o agir moral, constituindo o vetor decisivo da existência única e histórica da pessoa. Por ela afirma e testemunha a pessoa a sua dignidade ontológica e a sua capacidade relacional; por ela concretiza, em condição de liberdade e de responsabilidade, as razões das suas opções e escolhas (cf. KECHIKIAN, A. 1993:16).

O concílio Vaticano II, na constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, *Gaudium et Spes*, dedicou um número à dignidade da consciência moral: “No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impõe a si próprio, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e à fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faz isto, evita aquilo. O homem tem no seu coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe e por ela é que será julgado. A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser.” (GS 16)

O juízo da nossa consciência constitui a norma interiorizada de moralidade, pois nenhuma ação humana em concreto pode ser considerada boa ou má se não referida à consciência. A consciência manifesta, assim, a objetividade dos valores perante as situações concretas e possui uma força própria de obrigatoriedade. Não só clarifica a situação pessoal à luz do valor objetivo,

mas também obriga e compromete a própria pessoa na realização desse valor (cf. VIDAL, M. 1983).

A educação moral parte do princípio de que a consciência da pessoa é a instância da sua própria moralidade e de que esta precisa de ser retamente formada. A educação moral, em contexto escolar, visa a formação da consciência dos adolescentes e dos jovens, pois é nestas idades que a personalidade se vai estruturando e a consciência se vai formando.

Deste modo, a educação moral pretende desenvolver nos jovens, um conjunto de atitudes essenciais que estruturem a sua personalidade moral (a capacidade de alcançar um julgamento moral; a capacidade de se referirem a normas, a princípios, a valores e a interiorizá-los; a capacidade de tomar uma decisão livre; a capacidade de se assumir e de orientar a sua afetividade; a capacidade de agir em conformidade com as suas orientações e escolhas).

### **3.2. A Disciplina de EMRC**

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pretende ser uma ajuda significativa na construção, por parte dos alunos, de uma consciência livre, madura e responsável, e de os guiar em caminhos de maturidade. É, assim, uma proposta de libertação, quer face às pressões sociais, quer face às leis, onde o jovem se vai estruturando a si próprio na verdade, no amor e na capacidade relacional perante si, perante os outros e perante o absoluto.

É necessário que a EMRC seja um espaço sério e sereno de diálogo entre a cultura contemporânea e a fé, de colocação da questão de Deus a partir da mundividência da tradição cristã, no local sociológico, que é a escola, plural e democrático.

A EMRC contribui, pois, à formação da consciência, ajudando o jovem a estruturar-se e a orientar-se por valores interiormente aceites. É um trabalho contínuo na formação da consciência, que assenta, necessariamente, num itinerário progressivo e evolutivo de passagem da heteronomia para a autonomia, contribuindo para a evolução da consciência moral dos jovens, tornando-os cada vez mais conscientes, responsáveis e livres nas escolhas éticas. É o desejo que o jovem se torne apto a definir e assumir valores e princípios morais que tenham validade e aplicação universal. O jovem prepara-se, com o contributo da EMRC, para exercer a liderança e viver o seu compromisso na sociedade e ao serviço dos outros.

A nossa sociedade tende a sublinhar a laicidade do Estado e a defender a privatização da religião, remetendo as suas expressões, para os espaços internos aos recantos religiosos. Há uma justa laicidade do Estado, que consiste na sua neutralidade religiosa (CEP 2002, nº11). “Mas neutralidade religiosa não pode significar que o Estado seja anti-religião, fazendo da laicidade uma espécie de credo. (...) A prática da laicidade do Estado não deve supor a laicidade da sociedade”. Àquela tendência anda geralmente associada uma assinalável ignorância religiosa de que resultam resistências, no sistema educativo, à lecionação da EMRC: indiferentismo, hostilidade, tentativas de diluição da natureza curricular desta disciplina (“*Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo para a formação da personalidade*”, nº2) (CEP 2006, nº2).

A EMRC apresenta-se como um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das várias dimensões e abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir.

### **3.3. Especificidade da educação moral religiosa católica**

O ethos cultural europeu está fortemente marcado pela cultura judaico-cristã. O seu património humano, artístico e simbólico tem a sua matriz cultural inscrita na religião cristã. Ao ser apresentado o cristianismo na realidade escolar, a Igreja ajuda os alunos a compreender a cultura em que vivem (cf. MARTINI, C. 1996).

A importância da EMRC assenta no facto de a problemática religiosa levantar as questões essenciais da existência humana e oferecer grelhas de leitura em profundidade da vida e da história. O facto religioso apresenta-se, assim, como portador de respostas sobre o sentido último da realidade e assim, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é, para o jovem estudante, o lugar da procura religiosa existencial e moral, inerente ao crescimento humano em ordem ao desenvolvimento harmonioso e integral, sendo uma autêntica cultura humanista (cf. SERRALHEIRO, D. 1996).

Se a educação tem por meta formar cidadãos que sejam responsáveis, “a educação moral e religiosa presta um valioso contributo na formação da personalidade, pois ajuda a descobrir o projeto divino sobre a pessoa, sobre a vida humana e sobre a sociedade. Longe de prejudicar a liberdade pessoal e a inserção social, a EMRC propõe aos educandos uma interpretação integral da existência pessoal, do compromisso social e orienta-os na definição e de

um projeto de vida enriquecido pelos valores humanizantes do Evangelho que dão conteúdo à liberdade, à dignidade e à responsabilidade pessoais” (CEP 2006, nº 5).

Face às necessidades educativas dos alunos, face aos valores sociais e educacionais da escola e da família, a EMRC ajuda a encontrar razões de existir e de estar no mundo. É um processo de educação da dimensão religiosa do ser humano, usando um vocabulário científico próprio que permite uma conceção integral e global da vida, justificando razões e relações perante questões importantes da vida, facilitando uma qualificada interpretação do mundo, através de uma apropriada hermenêutica religiosa-teológica. E isso tem, naturalmente repercussões no estilo de vida, nas atitudes, nas relações, nas escolhas profissionais e nos comportamentos. Trata-se, na prática, de desenvolver a competência religiosa. Isto significa que a religiosidade, como competência de interpretação da realidade, pertence ao próprio homem, é tarefa sua. Pode-se interpretar religiosamente a realidade, apenas e tão somente se se tem oportunidade de contactar e conhecer estas interpretações. Assim a competência religiosa constitui-se claramente, na “aprendizagem” nuclear e estruturante da disciplina de EMRC. É o horizonte onde se encontra, em última análise, a especificidade e a originalidade da proposta cristã veiculada pela EMRC, numa releitura da existência à luz do acontecimento de Jesus Cristo (cf AMBRÓSIO, J. 2005).

Exige-se então na EMRC uma abordagem dos conteúdos bíblico-teológicos para além da informação factual que exige quase exclusivamente a memorização e está pouco relacionado com as experiências e desafios do quotidiano juvenil. Mas, exige-se um nível de profundidade que acentua a relação da mensagem cristã com o que os alunos estão a aprender e os seus valores pessoais, ou seja, com o seu projeto de vida. Tornam-se aprendizagens ativas, experiências, significativas, funcionais e intencionalmente presentes na própria vida dos alunos influenciando o desenvolvimento das suas atitudes e do seu agir.

Apresentando assim, os conteúdos bíblico-teológicos é possível fazer uma leitura crítica da realidade e compreender melhor um determinado comportamento, ou desejar ter outra atitude. A afirmação da essência da mensagem cristã, ou seja, que todo o ser humano, seja fraco ou forte, pobre ou rico, velho ou novo, é portador de dignidade igual (porque igualmente filho de Deus), possui um valor extraordinário e inconfundível e apela ao respeito por cada um (direitos humanos), abre para a alteridade, propondo ações de ajuda fraterna que superem o egoísmo e o egocentrismo e cultivem a relação com os

outros, o encontro com o outro. O desenvolvimento destes comportamentos e atitudes é tanto ou mais importante, quando surgem hoje fortes tendências à individualização e à fragmentação da sociedade.

Neste âmbito, a EMRC procura (dentro e fora da escola) oferecer espaços e momentos que permitam ao aluno o exercício da auto-reflexão, do parar, da interioridade, de modo a que cada um possa encontrar-se consigo próprio (no mais íntimo de si) e abrir-se aos outros e ao totalmente Outro (no horizonte de transcendência) ao menos como possibilidade.

A EMRC não pretende assumir, assim, uma atitude tutelar (não tem o monopólio da verdade), mas procura tornar possíveis, aos alunos, experiências que promovam o juízo, as escolhas, no contexto de uma liberdade responsável.

Por isso, a dimensão religiosa é chamada a desempenhar um papel estruturante na vida do educando; não porque venha acrescentar um peso diferente à sua vida, mas apresentando-se como uma oportunidade de construção, de realização plena da vida. O aluno sente-se através da EMRC interpelado por Deus a viver a sua vida em plenitude e nessa tarefa, ele descobre-se ajudado, sustentado e amado (Juan Ambrósio) (cf. AMBRÓSIO, J. 2005).

“A EMRC deve contribuir, de uma maneira específica, na formação do ser humano e na construção da história. Ela não esgota, certamente, a missão da educação, mas sem ela podemos correr o sério risco de que a própria educação não esgote todas as suas potencialidades. O que defendemos claramente é o contributo de um referencial de leitura, de sentido, aberto e pensado a partir da dimensão religiosa. Não nos atrevemos a dizer que uma educação que não se abra a esta dimensão seja uma má educação, mas dizemos, com toda a clareza, que uma educação que não esteja atenta à dimensão religiosa, certamente não abre o ser humano a todas aquelas potencialidades que lhe são características e tipificantes” (AMBRÓSIO, J. 2005:158).

#### **3.4. Identidade e missão do professor de educação moral religiosa católica**

É o testemunho do professor de EMRC que o identifica e lhe inspira confiança no conhecimento e compreensão dos outros, através do diálogo aberto e franco. Este diálogo fará com se aproxime dos alunos e mantenha uma relação pessoal

que facilite o desenvolvimento intelectual e moral dos mesmos, que depois chegará às famílias e à comunidade.

No seu relacionamento com os alunos, estará sempre disposto a uma compreensão crítica, levando a sério as suas questões e experiências.

Interpretando-se como um construtor de pontes e não de muros, o professor de EMRC afirma-se numa “relação respeitosa e compreensiva, que permite aos alunos manifestarem-se com espontaneidade e naturalidade, sem a necessidade de manipular a própria identidade para ‘ganhar’ a aceitação e o apreço do mestre”. (ROVIRA, J. 1995:259)

O professor de EMRC tem de ser alegre, disponível aos outros, e envolto em muito amor e compreensão. Daí a necessidade da sua firmeza na fé e na esperança, e a consciência, sempre presente, da missão recebida. É ser com os outros e para os outros.

#### **4. PERFIL DO PROFESSOR DE E.M.R.C.**

Sendo um mestre e um educador o professor de E.M.R.C. sabe que o seu trabalho tem a dimensão de uma vocação que é chamamento de Deus a um compromisso e a uma plenitude de vida. Há que cuidar e potenciar como o melhor talento que se recebeu. É uma vocação que possui muito de generosidade e doação, pois a sua tarefa é sobretudo dar.

É ajudar a encontrar sentido para a realidade humana envolvente, onde cada um se desenvolve como pessoa solidária.

É viver a alegre experiência da entrega de si mesmo na tarefa diária da educação do aluno e do todo da comunidade, respeitando a todos como ser pessoal com uma dignidade única e irrepetível; potenciando a sua sede de absoluto, o seu desejo de bem, a sua fome de verdade e a sua necessidade de realização no mundo.

Esta relação há de estar marcada pela gratuidade, pelo apreço e interesse por cada um, pelo respeito da sua liberdade e por um compromisso com as suas preocupações mais profundas. O aluno é uma pessoa em crescimento constante, com dúvidas, conflitos e esperanças, que necessita de uma referência para se confrontar e aprender, necessita ser interpelado e ajudado a optar pelo bem e pela verdade.

O professor de E.M.R.C. reconhece-se, assim, como servidor e sementeiro de fraternidade.

O seu trabalho, dentro e fora da aula, está marcado pelo amor cristão, pela serenidade, pela verdade, pela fidelidade, pela mansidão, pela solidariedade e pela alegria.

O professor de E.M.R.C., ao serviço da formação integral dos alunos, apresenta na escola a boa notícia de Jesus Cristo com todas as suas possibilidades. O Evangelho suscita e oferece respostas às grandes perguntas do ser humano, ilumina a existência humana, nas suas fragilidades e dramas e orienta o sentido da vida.

A proposta da fé em diálogo com a cultura exige do professor o conhecimento dos elementos que constituem a cultura moderna, assim como a atualização dos conteúdos teológicos que tornam possível uma síntese vital em ordem à formação integral dos alunos.

Ele está atento às experiências e às problemáticas dos alunos, às dinâmicas e projetos educativos da escola, às propostas e aos modelos de vida que a sociedade projeta. Pressupõe, escuta e pesquisa, tempo de silêncio e tempo de estudo

Precisamos de nos treinar a voar como Ícaro, só que não em direção ao Sol, mas em direção à luz do Sol. Precisamos de aprender a ver a realidade total em todas as suas manifestações, e é à luz dessa mesma realidade que devemos construir a nossa escola em toda a sua potencialidade. “Voar sem ver é uma abstração inútil. Voar com destino fixo é um mero percurso. Voar para ver o mundo em que vivemos e transformá-lo, é a nossa verdadeira vocação como educadores” (CABRAL, R., 1993: 79).

Metamos a mão na nossa consciência. Qual foi a última vez em que verdadeiramente aprendemos alguma coisa? Qual foi a última vez em que nos debruçámos, sobre a banca de ensaio da vida, e estudamos cientificamente um problema, uma questão? Quando foi a última que pensámos na palavra possível e na capacidade de antecipar o futuro? Temos parado para coordenar a atividade dos nossos alunos e da escola para um mundo completamente diferente em que nós próprios começámos a caminhar: um mundo agora complexo, descontínuo, incerto, paradoxal, um mundo emergente? A recriação de nós mesmos como educadores aprendizes, não pode acontecer na solidão das nossas pessoas como indivíduos. “Não há aprendizagem na solidão, só no convívio com os outros. O projeto educativo pessoal como processo de aprendizagem apresenta-se nos assim como um duplo objetivo: a recriação de nós próprios como educadores e a recriação da escola como

um centro de aprendizagem” (CABRAL, R. 1993: 118). Quer isto dizer que a partilha de vida com os outros, que a interdependência nos faz escolher e ser escolhidos. O ser escolhidos depende em larga medida da nossa capacidade de entrega e essa entrega é uma opção da nossa vontade. É essa entrega como opção da vontade aquilo que o Professor Pedro da Cunha uma vez chamou o dom de si mesmo. Esse dom que marca a fronteira entre o prazer efêmero da conquista e a felicidade. Não tenhamos dúvidas de que a felicidade é a consequência vista da entrega e não fruto da conquista; que a felicidade é fruto de um projeto que dá verdadeiro sentido às nossas vidas (cf. CABRAL, R. 1993).

Se as raízes nos ancoram na realidade percebida, as asas libertam-nos para perseguir a realidade possível. O neoliberalismo amoral e o endeusamento dos mercados parecem, neste momento, um desafio difícil de enfrentar. Um abismo nos separa já, das massas anónimas que vegetam nas pobreza e nos chamados terceiros mundos. A re-humanização dessas pessoas não se alcança apenas com igualdades de oportunidades garantidas em decretos, mas esquecidas em práticas do dia-a-dia. O caminho faz-se com o nosso caminhar. Temos que construir as nossas próprias veredas como um processo de aprendizagem para não sermos parte do problema mas sermos agentes da solução.

O professor de EMRC é um crente, herdeiro de uma mestria e membro de uma comunidade ensinante – a Igreja.

A fé cristã define-se como encontro com uma Pessoa, o Filho de Deus morto e ressuscitado, que (re) constrói o homem na sua totalidade. Esse encontro, porque percurso, é já, ele próprio, uma educação, uma paideia.

A fé de facto, presume a abertura ao Outro e pressupõe aceitar a proposta radical e envolvente de ir ao encontro dos outros.

A educação cristã radica-se nas Escrituras. Desde sempre, a religião da Bíblia caminhou a par com a educação. O cristianismo é, por excelência, uma religião que ensina, e a história do seu crescimento é, em grande medida, a história das suas escolas. No Antigo Testamento a educação começa com Deus o qual continuamente ensina o seu povo. Os profetas, os pais, a casa, a sinagoga, os sacerdotes, os levitas, os escribas contribuíram para uma sistematização do “sistema escolar” israelita. O *Shemà* tornou-se o grande princípio educativo, a *Torah* e o Livro dos Provérbios, os manuais de educação mais antigos nos quais se centra a educação do povo.

Coerente com as suas raízes vetero-testamentárias, o Cristianismo é uma religião que ensina e Jesus é reconhecido como o maior entre todos os mestres. No seu ministério o ensino ocupa lugar de destaque e o seu grande mandato “ide e ensinai” obriga os seus seguidores a proporem, a todos, a boa-nova.

A difusão do cristianismo suscitou, sempre, modelos de educação formal e o dinamismo da Evangelização é ainda, hoje, a missão essencial da Igreja; tarefa e missão que as mudanças da sociedade atual tornam urgente.

É neste dinamismo do anúncio da Boa-Nova que a Igreja se empenha com entusiasmo e rigor na Educação Moral e Religiosa Católica.

Neste processo de crescimento intelectual e moral a EMRC, confessional quanto aos conteúdos e aos docentes, enquadra-se no projeto educativo da Escola. Não tem como meta o de fazer crer, mas, respeitando o processo de fé como dom de Deus, possibilita que cada aluno, crente ou não crente, possa exercer responsabilmente a liberdade de escolha. É um contributo para a resposta às questões fundamentais e dizer (comunicar) aquela que Jesus Cristo nos oferece, num quadro de pluralismo cultural e religioso assumindo uma linguagem que privilegia o humano, o cultural, o social e o ético.

Assumindo a necessidade da formação integral dos jovens, o professor de EMRC abraça a educação em e para valores como espaço privilegiado do desenvolvimento pessoal e social, onde surge a necessidade de integrar o facto religioso, enquanto dimensão intrínseca da pessoa.

A fé cristã é um encontro pessoal com Jesus Cristo. Uma pessoa de fé, um cristão nota-se no seu empenho, no seu serviço, na sua serenidade e seriedade, na sua alegria transformadora, na sua liberdade libertadora do ser e do agir.

Não tenhamos medo de ser isto para os nossos alunos e as comunidades que servimos e assim seremos capazes de infundir vitalidade e esperança ao nosso agir educativo. Será o nosso contributo para a gesta da Evangelização ao suscitarmos respostas adequadas aos sinais dos tempos, às necessidades das nossas comunidades, aos novos cenários culturais promovendo com novo ardor, uma identidade pessoal e social e fornecendo pistas para a construção de uma existência com sentido e um sentido para a existência. Serão a esperança, o entusiasmo, a alegria e o acolhimento a dar razões ao acontecimento libertador que é ser professor de EMRC.

A esperança manifesta-se na ousadia da paciência e do sonho e, por isso, não esmorece perante um aparente insucesso. A esperança, para nós cristãos transporta-nos para a tomada de consciência do amor de Deus que ilumina incessantemente um mundo às escuras (ou pouco iluminado) e nos dá a coragem de viver, de reviver e de agir anunciando e denunciando.

As contínuas mudanças em curso, no sistema educativo, são terreno fértil para afirmarmos a nossa vocação de profeta ao afirmarmos que não há um verdadeiro humanismo se não estiver aberto ao Absoluto, no reconhecimento de que o ser humano não se realiza a si próprio senão transcendendo-se. É necessário afirmarmos que a Escola é, por excelência, um espaço consagrado ao conhecimento completo e variado onde para além do enriquecimento cultural dos alunos, no respeito pela identidade nacional que mergulha nos valores humanistas e culturais do Cristianismo, é necessário suscitar de forma serena e rigorosa a questão de Deus independentemente da resposta pessoal de cada um. Possibilitar uma atitude reflexiva do fenómeno religioso é urgente para que o Projeto Educativo tenha uma dimensão de totalidade e a dicotomia profano-sagrado, religioso-santo deixem de fazer sentido para passar a existir uma relação onde a EMRC tem a tarefa de promover o desenvolvimento da dimensão da personalidade religiosa necessária para a construção da pessoa e da história.

#### **4.1 . Pedagogia diferenciada e inclusiva baseada em Jesus Cristo**

Para sermos sal e fermento é necessário sermos missionários. E, ser missionário significa debruçarmo-nos, como bom samaritano, sobre as adversidades de todos. Para o cristão, para nós professores de EMRC, o próximo não é aquele que está junto de mim, mas aquele que precisa e de quem eu me aproximo. Ao aproximar-me do outro promovo e desenvolvo uma “pedagogia do encontro”. O exemplo do encontro de Jesus com Zaqueu, com a samaritana e a mulher abusada são exemplo desta pedagogia do encontro: encontro pessoal com cada pessoa que se torna momento verdadeiramente libertador e que oferece a libertação a todos. Esta pedagogia do professor de EMRC assenta não na pergunta “merece?”, mas na pergunta “precisa?”

O professor de EMRC tem de apostar numa relação pedagógica de qualidade porque tudo o que é racional também deve ser relacional. Atitude de atenção/ /escuta ativa, acolhimento libertador, fazedor de pontes e profeta da alegria e da esperança.

Conquistar o território do afeto e depois abrir a janela da inteligência e do conhecimento.

#### **4.2. Deixo um propósito:**

A exemplo de Jesus, no ambiente familiar de Betânia, também todo e qualquer aluno, todo e qualquer membro da nossa comunidade, se sinta por nós, escutado, acolhido, reconhecido e servido. Reconhecer em cada um, dos que conosco se cruzam, o rosto de Jesus Cristo é a certeza de que, tal como em Betânia, e apesar da dor, há ressurreição e vida, nas nossas atitudes e opções escolares.

#### **Nas nossas escolas,**

– Não sejamos como os escribas e fariseus: repetidores de normas e cansadas doutrinas e moralismos que se arrastavam na torrente de uma velha e gasta tradição. Recitavam e proclamavam o vazio. Ousemos ser, à maneira de Jesus promotores de um vendaval manso de graça e de bondade. Provoquemos estremecimentos quando acolhemos e dignificamos os excluídos da nossa comunidade educativa. (cf COUTO, A. 2012)

#### **Professores de EMRC**

- Sejam capazes de nos colocarmos no lugar dos outros e perceber as suas dores.
- Sejam ousados e criativos promovendo o conhecimento, como uma grande aventura e capazes de gerar a fascinação e o rigor pela aprendizagem e pela vida.
- Sejam empreendedores na construção da paz, atitude ativa e transformadora de relações frias em dimensões libertadoras;
- Sejam amantes da verdade procurando sempre o maior bem para o maior número de pessoas;
- Sejam sinais de comunhão e amor: no grupo disciplinar, no todo da escola, nas zonas, na diocese, no todo do país.
- Sejam capazes de recusar a fazer sozinhos, aquilo que pode ser feito em conjunto
- Sejam presença transformadora, em todos os nossos gestos, chorando com os que choram e rindo com os que riem;

- Sejam abertos ao novo, apostados em relações de qualidade construtoras de um clima de escola humano e saudável;
- Sejam simples, sem ser ingénuos capazes de ver as nossas funções e carreiras como consequência de um serviço;
- Sejam corajosos e fortes, apesar de nos sabermos frágeis;
- Sejam profetas; pelo anúncio e testemunho de um presente e um futuro melhor em Deus, assumindo todas as responsabilidades que nos são confiadas;
- Sejam testemunhas de um Deus que nos ama e todos irmana, na certeza de que quem não vive para servir, não serve para viver.

## BIBLIOGRAFIA

AMBRÓSIO, Juan (2005). *Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Católica*. in: Fórum de EMRC. Lisboa. Secretariado Nacional da Educação Cristã. 151-161.

CABRAL, Ruben (1993). *O Novo Voo de Ícaro. Discursos sobre Educação*. Lisboa: ESE João de Deus.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (2002). Carta Pastoral Educação, Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (2006). Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa.

COUTO, António (2012). *Homilia na tomada de posse*. In Lumen nº1 Janeiro/ Fevereiro 2-3.

KECHIKIAN, Anita (1993). *Os filósofos e a educação*. Lisboa: Ed. Colibri.

MAGALLI, Antonio (1986). *Escuela, in: Dicionario enciclopédico de teología moral*. Madrid: Ed. Paulinas.

MARTINI, Carlo Maria (1996). *A onde vais família? Reflexões sobre a vida familiar*. Lisboa: Ed. São Paulo.

*A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual*

ROVIRA, Josep (1995). *La educacion Moral en la enseñanza obligatorio*.  
Barcelona: Ed. Horsori.

SERRALHEIRO, Deolinda (1996). *O acto educativo, religioso e moral*. Lisboa:  
Secretário Nacional da Educação Cristã.

VIDAL, Marciano (1983). *Mural de Atitudes I*. Aparecida: Ed. Santuário.

# **A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual**

## **Testemunho pessoal, enquanto professor de EMRC**

ADRIANO MOURA E SILVA (\*)

Quando fui convidado para participar neste fórum foi-me pedido um testemunho de vida enquanto professor de EMRC.

É sempre difícil expormo-nos perante o juízo de valor dos outros, principalmente quando do outro lado está quem era capaz de fazer muito melhor que nós.

No meu caso em concreto não tenho um currículo relevante, não sou nenhum orador brilhante nem fui proposto para professor do ano. O meu humilde contributo vai no sentido de vos transmitir aquilo que sou e o que faço na simplicidade e na ousadia de pensar que faço o melhor que sei.

Aceitei o convite porque tenho uma dívida de gratidão muito grande...

Trago-vos a experiência de ser amado!

Não trago cajado nem alforge

Não trago duas túnicas para o caminho

Tenho os pés descalços e as mãos cheias de nada mas...

Trago-vos a experiência de ser amado!

Pois bem. Sou um leigo da diocese do Porto, casado e pai de duas meninas.

---

(\*) Professor PQND da Escola Básica Vallis Longus, Valongo.

Sou professor de Educação Moral e Religiosa Católica e aqui, se me permitem, recorro às palavras do Dr. Queirós Ribeiro (nas quais me revejo) que no ano de estágio nos dizia: **ser professor faz parte do meu ser enquanto pessoa; do âmago da minha existência**. Esta foi, para mim, uma escolha pessoal e intencional...

Sou professor há 17 anos e já desempenhei a minha profissão em 4 escolas diferentes. Aos 20 anos e sem ter terminado ainda a faculdade, fui substituir uma professora a quem tinha sido concedida licença de maternidade. **Foi um desastre!** Um desastre no mais amplo sentido da palavra. Sem estágio, sem pessoas que me pudessem orientar, a imagem que tinha do professor era a de quando era aluno.

Ao fim de alguns meses de trabalho pensei seriamente abandonar a profissão e dedicar-me ao jornalismo... Felizmente no ano seguinte entrei em estágio e esta formação inicial deu-me uma outra perspetiva da profissão docente. A partir daí **apaixonei-me** pelo mundo da educação e hoje, ainda cá estou.

Ao preparar esta minha intervenção fui colocando questões a mim mesmo e esta primeira parte do meu testemunho será uma resposta a três delas:

1. Onde ensino?
2. A quem ensino?
3. Como ensino?

### **1 – Começamos pela primeira...**

Sou professor do Agrupamento Vallis Longus mais concretamente da escola básica Vallis Longus, em Valongo.

Uma escola superlotada, degradada pelo tempo, numa eterna espera por uma remodelação das instalações... Dou aulas na cantina, na sala de professores, na sala do clube de madeiras e onde o espaço se possa ajustar para haver aulas. Embora exista um bom relacionamento com a direção, é um desafio...

Na verdade, para mim, ser professor de EMRC tem sido sempre **um permanente desafio...** mas, ao olhar para trás vejo que a experiência que adquiri em diferentes escolas me foi muito útil. Fez-me **crescer** na tentativa de um padrão **profissional de excelência**. Nós, facilmente, cristalizamos quando adquirimos um certo patamar de conforto profissional...

*Dizem* que as dificuldades indicam sempre uma oportunidade de **mudança** e a **esperança** é a virtude estratégica dos tempos de crise. Por isso, penso que enquanto professores de EMRC, não somos uma inutilidade num mundo já feito mas obreiros de um mundo a construir. Desta forma, para mim o maior de todos os desafios tem sido, assim, o de estar... O de **estar presente!**

Há um certo preconceito em relação aos professores em geral: “quem sabe faz; quem não sabe ensina!” ou, então, nos tempos que correm, basta ver a hostilidade com que são olhados... mas, o *pecado* ainda é maior se for professor de EMRC.

Em alguns contextos dá direito a uma espécie de *apedrejamento público* desvalorizando e desprezando por inteiro esta figura.

Quando digo “estar presente” não me refiro apenas fisicamente mas, **como profissional de ensino**, capaz de falar a linguagem da escola. Sem complexos. Sem sotaque. Com o mesmo **rigor científico e brio profissional** que os outros profissionais de ensino. Capaz de ser diretor de turma, secretário, membro do conselho pedagógico ou do conselho geral. Integrar diferentes equipas de trabalho ou de dinamização de atividades. Ter voz ativa (ainda que ponderada) mas sem de demitir ou ter vergonha das suas origens, da sua matriz cristã.

## **2 – Segunda questão: a quem ensino?**

Os alunos do contexto educativo em que estou inserido são **brilhantes** (como aliás todos os alunos). Uma boa parte das dificuldades está na retaguarda: famílias desestruturadas, desemprego, bairros sociais, baixas expectativas, uma socialização primária deficitária, dependência de subsídios, falta de valorização do trabalho...

À semelhança do resto do país o religioso é afastado para as **margens**, o **analfabetismo religioso** é crescente e a cultura é marcadamente **pós-moderna**. O **tecnológico** e o **científico** ganham relevo em detrimento do humanismo e dos valores universais; a **autoridade do professor** é constantemente posta em causa; A par disso, as **alterações** legislativas são constantes e nós enquanto docentes somos chamados a assumir os mais diferentes papéis...

Na verdade, a escola vê-se, também ela, perante uma **mutação profunda**, onde a passagem de testemunho deixou de ser linear, onde os problemas deixaram de estar *extra-muros* para invadirem a sala de aulas. Todos estes processos não são lineares mas emergentes e complexos.

**Ser professor de EMRC neste contexto é desafiante e exige alguém que viva profundamente apaixonado por aquilo que faz.**

Vivemos como diz o Doutor Adriano Moreira uma “**realidade nublada**”<sup>1</sup>... Temos uma sociedade da informação e do saber mas que esqueceu a **sabedoria**, isto, é os **valores que nos devem orientar**. Deste ponto de vista é urgente **restaurar a confiança** das pessoas na viabilidade da educação como polo de desenvolvimento tendo a consciência da transmissão às gerações futuras de valores universais.

Vem-me à memória as palavras do padre Tolentino Mendonça que questiona: **“Que ensina a sabedoria bíblica aos nossos tempos conturbados? Ensina, sem dúvida, que a esperança é mais importante de que a saudade; e que a promessa humilde que, quotidianamente, nos coloca a caminho é bem mais preciosa que os paraísos que nos deixam parados a olhar para trás.”**<sup>2</sup>

Neste contexto a minha preocupação tem sido a de seguir os ensinamentos de S. Mateus<sup>3</sup>: procuro estar **atento e vigilante**... atento à realidade, aos sinais, aos rostos. Atento à legislação, às mudanças conceptuais e de paradigma. Atento porque exerço a mais nobre das profissões e como refere Sebastião da Gama no seu Diário – ***para ser professor, também é preciso ter as mãos purificadas. A toda a hora temos de tocar em flores. A toda a hora a poesia nos visita. O aluno acredita em nós e não deve acreditar em vão (...)***

---

<sup>1</sup> Ensaio publicado no jornal “Público” “sobre os tempos” e “que valores para 2013” de Adriano Moreira (edição do dia 2.1.2013).

<sup>2</sup> José Tolentino Mendonça - Diretor do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura. In semanário *ecclesia* <http://www.agencia.ecclesia.pt/semanario/revista/#/page/5>

<sup>3</sup> Mt 25, 1-13

### 3 - Terceira questão: Como ensino?

Enquanto professor procuro ser exigente comigo mesmo (uma exigência que começou no ano de estágio). Uso os manuais da disciplina como **instrumentos de trabalho** o que me obriga a desenhar permanentemente ambientes de aprendizagem, rentabilizando os diferentes espaços onde se produz conhecimento.

Procuro ser recetivo às solicitações é à partilha cultivando o sentido de colegialidade. Defendo a **identidade e a relevância da disciplina** num diálogo com rosto. **Só a atenção ao rosto pode causar a rutura e a ousadia necessárias a quem se aventura nos caminhos do novo**<sup>4</sup>.

Aqui não tenho medo nem vergonha do plágio porque a minha chave de acesso a esse mundo da educação é o maior de todos os pedagogos: Jesus Cristo.

Jesus tinha **paixão** pelo ensino e isso cativava desde logo quem o escutava; Jesus **ensinava** em todas as ocasiões e tinha **visão ampla** de ensino: estimulava o pensamento, envolvia os sentidos, fazia perguntas e exigia respostas abrindo sempre espaço para uma resposta/opção pessoal.

Uma vez mais deparamo-nos com um desafio: ainda existe nas nossas escolas a ideia generalizada de que a disciplina se identifica com uma catequese escolar. A **distinção e a complementaridade**<sup>5</sup> em que cada uma delas tem a intencionalidade própria do seu espaço de intervenção tem de ser divulgado junto dos pais, dos professores e dos alunos.

---

<sup>4</sup> BAPTISTA, Isabel (1998) – Ética e Educação. Porto: Universidade Portucalense, pp. 66-67.

<sup>5</sup> Catequese e Educação Moral e Religiosa Católica – Cfr. EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA. UM VALIOSO CONTRIBUTO PARA A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE - NOTA DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Fátima, 27 de abril de 2006.

A Catequese e a EMRC não são atividades em alternativa: “A relação entre o ensino religioso escolar e a catequese é uma relação de distinção e complementaridade” (8). Cada uma delas tem a intencionalidade própria do seu espaço de intervenção. Por isso, a Catequese não deve transformar-se numa aula e vice-versa.

Certa confusão entre Catequese e EMRC conduz, frequentemente, a uma maior sensibilidade de muitos pais por aquela em detrimento desta, com consequências negativas para a matrícula em EMRC. A Catequese “tem em vista transmitir a Palavra de Deus que revela o Seu desígnio de salvação realizado em Jesus Cristo de modo a despertar a fé e a conversão ao Senhor e a viver em comunhão com Ele” (9).

Pretende formar e educar discípulos de Cristo pelo amadurecer da fé inicial, de modo a que vivam numa comunhão íntima com Ele. Isso supõe o ensino orgânico e sistemático da doutrina cristã e “o testemunho vivo de uma comunidade cristã” (10), na qual o catequizando se insere progressivamente.

Neste contexto procuro que o **diálogo** seja **franco e aberto**, procurando aprofundar o **rostro escolar da disciplina**, seja com os alunos, com os colegas de trabalho ou com os encarregados de educação.

Por outro lado, a relação com o conhecimento exige de mim uma **permanente atualização e formação** a todos os níveis, não descorando mesmo ou olhando com desconfiança para as tecnologias de informação e comunicação. Este desafio de uma constante formação ao longo da vida faz a ponte para a segunda parte da minha intervenção (será mais breve). Aqui procurarei situar o meu testemunho na escola como ator de uma comunidade educativa ou como membro de um corpo alargado.

O *munus* docente que me foi confiado passa por **assumir a responsabilidade de dar testemunho** de autêntica vivência cristã. E aqui, é necessário que venha ao de cima a capacidade de **acolhimento**, numa **atitude dialogante**.

Com consciência da “missão” recebida procuro dar cumprimento à frase evangélica de Mateus: ***Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus***<sup>6</sup>.

Enquanto professor de EMRC, Deus é a minha referência fundamental e está sempre em primeiro lugar; mas isso não significa que viva à margem do mundo e me demita das minhas responsabilidades na construção de uma escola melhor. O professor de Moral deve ser um professor **exemplar**, que **cumpra** as suas responsabilidades e que **colabora** ativamente na construção da comunidade educativa.

---

A EMRC tem uma natureza diferente da Catequese, quanto às finalidades, aos destinatários e aos conteúdos. Além disso, exerce-se num ambiente também diferente.

Situada na escola, a EMRC insere-se nas suas finalidades, utiliza os seus métodos e tem uma especificidade própria: “O que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes” (11).

A EMRC tem em vista a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa.

<sup>6</sup> Mateus 22.21.

Neste contexto, continuo a acreditar que o ensino escolar da religião dá ao Homem as chaves da interpretação da cultura em que vivemos. O **analfabetismo religioso** equivale à falta de cultura e à perda das nossas raízes. Como referiu Régis Debray, **se nos faltarem os códigos de reconhecimento sociais e artísticos, as expressões culturais ficam como as pesadas portas de um museu.**

Daí que as propostas de atividades que todos os anos apresentamos ao conselho pedagógico procuram ser motivadores sem desvirtuar a sua identidade. Procuramos que tenham algum impacto na comunidade educativa; que sejam abrangentes e se possível interdisciplinares.

Por fim apenas uma última nota para dois projetos que durante anos me ajudaram a crescer: a formação inicial enquanto orientador de estágio e a formação contínua da qual sou responsável na diocese do Porto, que tem um protocolo com a universidade católica. **Não sou tão pobre que nada possa dar nem tão rico que nada possa receber.**

Mas o que recebo é imparavelmente mais do que aquilo que dou. A todos os níveis, em todos os campos de atuação: a oportunidade que me é dada de realização pessoal; de poder ver os alunos a crescerem; de me aceitarem nas suas vidas...

E os amigos! Meu Deus quantas amizades eu já fiz neste mundo da educação? ...

Recordo, com alegria, Fernando Pessoa: **O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.**

O trabalho com estagiários obrigou-me a refletir, a reescrever, a planificar. Tornou-me mais metódico e atento ao pormenor.

A experiência que tive, no início da minha carreira, fez-me lembrar da importância do acolhimento, da motivação e do saber. Essa foi uma das minhas preocupações enquanto orientador de estágio que procurava ajudar outros a integrarem-se no ensino e a apaixonarem-se pela profissão e pela especificidade de serem professores de EMRC.

Aqui ganham sentido os versos do romancista alemão (Hölderlin) que Gonçalo Tavares usou no seu ensaio publicado no *jornal Público* do dia três deste mês.

“Difícilmente abandona / o seu lugar aquele que mora perto da origem.”

E o comentário de Heidegger a estes versos:

“De modo inverso, quem facilmente abandona o lugar comprova que não tem origem e se limita a estar presente como que por acaso.”

Em suma: **Vivo apaixonadamente** este mundo da educação, porque enquanto professor de EMRC tenho uma dívida de gratidão muito grande para com todos aqueles que Deus coloca todos os dias no meu caminho. E porque na verdade acredito que **um encontro dos olhos e dos gestos é de cinza se não tiver a bênção do amor que tudo move.**<sup>7</sup>

A responsabilidade de ser professor de EMRC só pode ir na linha de não nos demitirmos desse **eis-me aqui**, próprio de quem vive neste tempo que foi o que Deus nos deu para vivermos.

**O pouco que damos, torna-se infinito aos olhos de Deus** como dizia a Madre Teresa de Calcutá que se tornou o símbolo mais venerado de uma tradição cristã de solidariedade concreta. E isto tem-me servido de conforto...

Também, Rubem Alves, um pedagogo que aprecio particularmente diz que **Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver, naqueles cujos olhos, aprenderam a ver o mundo, pela magia da nossa palavra. O professor não morrerá jamais.**

Quem sabe, um dia talvez me seja concedida a honra de ser reformado, enquanto professor de Moral e poder dizer como o velho Simeão: **Agora Senhor deixareis ir em paz o vosso servo**<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Cunha, Jorge – O segredo murmúrio dos personagens. Letras e Coisas, 2006, p.34.

<sup>8</sup> Lc 2, 29.

## **A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual**

JAIME MILTON (\*)

Em 1º lugar, o agradecimento ao Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC) por esta iniciativa do FORUM de EMRC, que conta já com algumas edições, a primeira das quais ocorrida em 1997, na qual tive muito orgulho em poder participar e de também organizar, dado que se verificou num dos anos em que estava destacado no SNEC. É, por isso, uma iniciativa já com alguma história, que faz parte do património desta disciplina.

Depois, o agradecimento aos muitos colegas da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), alguns dos quais, por motivos vários, já não estão connosco e que muito deram à Igreja, à disciplina e à Escola. Foram, indubitavelmente, excecionais no serviço, extraordinários na abnegação e até na discrição com que exerceram o seu múnus. Com eles, aprendi a ser professor e a ser professor de EMRC.

Mas, nestes agradecimentos englobo ainda muitos dos colegas das outras disciplinas, a quem e ao longo destes trinta e um anos responsabilizo pelas muitas oportunidades que tive em poder tomar parte de tantas experiências e realizações profissionais.

Durante todos estes anos exerci quase tudo quanto é possível a um professor: desde representante de grupo disciplinar a coordenador de departamento curricular; desde delegado de instalações a diretor de turma, passando ainda por coordenador dos diretores de turma. Igualmente, e em termos de gestão escolar, fui vogal de Comissão Instaladora, secretário de

---

(\*) Docente de EMRC, diocese de Lisboa. Diretor do Departamento de EMRC, SNEC, de 1995 a 2001 CONFIRMAR DATAS

Conselho Diretivo, presidente de Conselho Pedagógico e, nos últimos anos presidente do Conselho Geral Transitório e presidente do Conselho Geral.

Por diversas vezes, estive destacado. Na Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo - Coordenação Educativa/Equipa de Apoio às Escolas de Lisboa Ocidental. Na antiga Direção Geral do Ensino Básico e Secundário, participei na redação e experimentação dos programas de EMRC. Exerci ainda funções como orientador de Estágio e estive, conforme já foi dito, destacado durante vários anos no Secretariado Nacional de Educação Cristã.

Contudo, nada disto teria sido possível se, em primeiro lugar, não fosse professor de EMRC e, por outro lado, graças ao contributo e às oportunidades que muitos colegas desta e de outras disciplinas me proporcionaram. Foram eles, realmente, os principais responsáveis por estas vivências.

### **A Educação/Escola, A EMRC, o professor de EMRC**

Convém recordar que esta intervenção se trata de uma partilha de experiências não tendo, por isso mesmo, qualquer veleidade de fornecer alguma receita ou qualquer espécie de orientação.

No início da minha atividade de docente, a Escola era muito diferente na organização pedagógica e administrativa, bem como ao nível da organização curricular. Viviam-se ainda os tempos do Ensino Unificado. Alguns dos que estão nesta sala bem se lembram, pois foram contemporâneos e coparticipantes em muitas destas vivências.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, ou melhor, de Religião e Moral, como então era designada, apesar da distância no tempo, tinha um enquadramento de alguma forma semelhante com o atual, ou seja, também nessa altura não existia qualquer disciplina que se apresentasse em alternativa. Por isso, a Religião e Moral era, muitas vezes ou quase sempre, um acrescento, um apêndice ao conjunto de disciplinas que constavam do currículo. A avaliação não era, também, uniforme: uns expressavam-na de forma qualitativa (com menções classificativas muito diferentes de escola para escola). Outros, porém, exprimiam-na de forma quantitativa, a exemplo das demais disciplinas.

Os programas estavam igualmente organizados de forma diferente. A(s) metodologias subjacentes eram ou não adotadas. Aliás os próprios programas, reconhecidos pelo Ministério de Educação, eram ou não seguidos pelos professores. Muitos docentes, porque não se sentiam identificados com eles, criavam os seus próprios programas. Alguns com excelentes resultados em termos de participação dos alunos nas aulas e do seu envolvimento e/ou compromisso eclesial e social. Apesar de não ter sido um indefetível adepto desta postura, como admirei e ainda admiro estes colegas! Trabalharam muito, sabe-se lá em que condições. Tudo faziam pela grande paixão e amor à Igreja e à disciplina.

O perfil dos alunos era bastante diferente. As suas famílias eram muito diferentes dos atuais. E isso faz a diferença. Eram mais comprometidas, mais intervenientes, mais preocupadas com a vida e o com processo escolar dos seus filhos.

O professor de Religião e Moral tinha um estatuto bastante distinto do atual. O ordenado era como que calculado “à cabeça”: com cem alunos ganhava-se cem; com cinquenta alunos ganhava-se cinquenta. Por outro lado, e essa era uma questão determinante que nos distinguia dos outros docentes, o professor de Religião e Moral não podia pertencer a um quadro de escola, pois era sempre contratado. O contrato era válido por um ano, ao fim do qual, a escola (caso houvesse horário) poderia solicitar a sua recondução. Não havia estágios/ /profissionalização para estes docentes.

Existia ainda um quase impedimento do professor Religião e Moral exercer determinados serviços. Muito poucos conseguiram desempenhar, por exemplo, as funções de diretor de turma e raros, muito raros, foram aqueles que puderam exercer funções numa direção da escola.

Trabalhávamos muito, preocupados, sobretudo, com a afirmação da disciplina que, sistematicamente, era relegada para um plano secundário. Ainda assim, o número de alunos matriculados contrariava as espetativas e eventuais intenções daqueles que desejavam banir com a “Moral” das nossas escolas.

Os finais dos anos 80, princípios dos anos 90 (1989-1990) trouxeram grandes mudanças no sistema educativo português. A chamada Reforma de Roberto Carneiro criou novos cenários à escola em Portugal e, particularmente,

à Educação Moral e Religiosa Católica, o novo nome com que se passou a designar a Religião e Moral. O Decreto-lei 407/89 foi disso o mais eloquente sinal. Os professores de EMRC puderam profissionalizar-se (profissionalização em serviço/estágios pedagógicos) e, conseqüentemente, foram criados lugares de quadro nas escolas. Passa a haver novas possibilidades para o exercício da profissão, ou seja, o professor adquire um estatuto, muito semelhante aos demais professores, reconhecido de forma institucional pela própria legislação.

Outra das conseqüências da nova situação prende-se com o facto de um maior número de docentes de EMRC passarem a desenvolver na escola novas e diferentes funções, tanto ao nível da gestão escolar, como também na orientação/supervisão pedagógica.

### **Experiências de referência**

Em primeiro lugar, destaco as que vivi **como professor de Educação Moral e Religiosa Católica**. Sempre o afirmei, pois sempre disso tive plena convicção, que por ser professor de EMRC se sucederam as outras oportunidades e/ou experiências. Entre estas, saliento **as vividas no domínio da gestão escolar** - pertença a uma Comissão Instaladora de escola e a um Conselho Diretivo; presidência do Conselho Pedagógico; presidência do Conselho Geral Transitório e, depois, do Conselho Geral.

Todas estas situações surgiram, num primeiro momento, por convite e, posteriormente, para aqueles serviços que assim o exigem, através da consulta da comunidade escolar e/ou de parte dela. Em todas estas experiências esteve sempre bem vincado a pertença a uma comunidade educativa e, conseqüentemente, a assumpção de determinados valores, como sejam: o serviço, o respeito pela diferença (todos somos diferentes em muitos aspetos e ainda bem que assim o é), o reconhecimento e a defesa do que é e também há de comum.

**O Destacamento no SNEC:** foram seis anos extraordinários. A formação inicial dos docentes tinha evoluído muito. Havia um maior número de docentes com habilitação própria para a lecionação da disciplina, generalizados a todo o país. Igualmente, a oferta formativa era maior e melhor distribuída por todo o país/dioceses.

Sucederam-se vários eventos que colocaram a disciplina noutros níveis da opinião pública. A este propósito, lembro o primeiro FORUM da EMRC e o primeiro ( e até agora o único) Congresso de Professores de Educação Moral e Religiosa Católica. Recordo ainda outras iniciativas promovidas pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã ou que contaram com o seu com o seu patrocínio. Assim, e aquando da Expo 98, o concurso de trabalhos dirigido aos alunos inscritos na EMRC, que teve o apoio da Direção Regional de Educação de Lisboa, bem como a colaboração do Comissariado do Ministério da Educação para a EXPO 98 e ainda do Comissariado do Pavilhão da Santa Sé naquele certame.

Tenho, também, presente a série de encontros reflexivos que congregaram diferentes personalidades de referência e com autoridade no domínio da educação e ainda o início da edição conjunta com a Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de uma coleção de livros dedicada à disciplina e/ ou a temáticas de natureza educativa.

A Educação Moral e Religiosa Católica assumia um protagonismo diferente, o qual, era bem necessário para que fossem satisfeitos muitos dos legítimos anseios dos seus docentes. O principal passava pela revisão do Decreto-lei 407/89, que, ao fim de alguns anos de vigência, já se mostrava desadequado face à realidade então existente. E foi possível alterá-lo, apesar de vários anos de trabalho muito intenso ao nível da sensibilização de alguma opinião pública para esta problemática e de negociação, quase permanente, com o Ministério da Educação.

Esta experiência no Secretariado Nacional de Educação Cristã, sobretudo a cooperação com todos os que nele trabalhavam (os diferentes diretores, os coordenadores dos diferentes departamentos existentes, os funcionários administrativos) permitiu um melhor conhecimento da disciplina ao nível nacional. Fizeram-se coisas extraordinárias com poucos recursos e quando eles existiram não se desperdiçaram. Envolveram-se muitas pessoas e algumas instituições no acompanhamento da disciplina

Mais tarde, surgiu, por convite, o destacamento na Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo, que se traduziu na integração de uma então recente equipa de apoio às escolas, os antigos CAE, e que permitiu:

- o conhecimento de diferentes realidades escolares (quatro concelhos e mais mil escolas para acompanhar);

*A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual*

- saber do funcionamento dos vários níveis de ensino (alguns, caso do pré-escolar e do 1º ciclo em que o conhecimento era muito insuficiente);
- participar em diferentes momentos de estudo e de reflexão com personalidades de referência.

Assim, e à aplicação de experiência já acumulada, fruto de anteriores vivências profissionais, acrescentaram-se os novos conhecimentos adquiridos, através e sobretudo, do contacto com muitas e variadas unidades escolares, com muitos docentes de diferentes áreas

Termino como no começo desta intervenção, agradecendo aos muitos colegas desta disciplina que me têm ensinado a ser, em primeiro lugar, professor e professor de Educação Moral e Religiosa Católica. Depois, estendo esta gratidão aos colegas das outras disciplinas, que tão simpaticamente me proporcionaram diferentes vivências e experiências, transmitindo-me, também, que a atitude essencial quando somos chamados a fazer algo é a do serviço, isto é, de humildemente nos dispormos a trabalhar, acreditando que nos outros o seu melhor é muito maior que o nosso.

Por fim, não esqueço os alunos, que tão pacientemente me têm acompanhado, e que afinal, são os principais destinatários da nossa ação educativa.

## **A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual**

ROSA RALO (\*)

Saúdo e agradeço o amável convite que me foi dirigido pelo SNEC e felicito todo o executivo pela iniciativa de promover este encontro, particularmente, esta mesa redonda dedicado ao tema “**A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual**”.

Chamo-me, Rosa Ralo, sou professora de EMRC e desde o ano letivo 2004/05 “abraçei” o projeto da gestão do agrupamento de Escolas Luís de Camões, primeiro enquanto vice-Presidente, depois Presidente do Conselho Executivo e, atualmente, Diretora. Este agrupamento é constituído por duas escolas, a **Escola sede EB2,3 Luís de Camões**, inserida geograficamente no Areeiro, em Lisboa, na freguesia de S. João de Deus e a **Escola do 1º ciclo EB1 O Leão de Arroios**, inserida geograficamente no centro de Lisboa, no Largo do Leão, na freguesia de S. Jorge de Arroios. Com cerca de **900 alunos** tem, no total, 36 turmas do 1º ao 9º anos de escolaridade. É ainda **Agrupamento Sede de Intervenção Precoce (IP)** - Lisboa Norte - (acompanhamento, integração e desenvolvimento da criança dos 0 aos 6 anos de idade, com deficiência e ou em risco, no seu contexto familiar e comunitário) possuindo, ainda, uma **Sala de Apoio Especializado à Multideficiência (UAE)**.

Funciona, aos sábados, a “Escola Romena de Sábado” – protocolo com a paróquia Ortodoxa Romena.

Quanto ao assunto que aqui nos reúne hoje, gostaria de vos apresentar, muito sumariamente, a opção que fiz. **Num primeiro momento**, uma reflexão partilhada sobre o ser professor de EMRC: oportunidade e

---

(\*) Docente de EMRC. Diretora do Agrupamento de Escolas Luís de Camões, Lisboa.

possibilidade e num **segundo momento** a missão e a busca de sentido do professor de EMRC, enquanto “fazedor” de pontes, dito de outra forma, como participante ativo da gestão da escola/agrupamento de escolas.

Face ao quadro que vos apresentei é fácil compreender que a grande meta deste Agrupamento é a de alcançar e assegurar uma educação de base com qualidade para todos, entendendo-a como o início de um processo de formação ao longo da vida, o que implica uma particular atenção às situações de exclusão, através de um trabalho de constante clarificação de exigências quanto às aprendizagens e aos modos como estas se processam.

Vivemos num contexto de uma sociedade globalizada em que mudanças são exigidas em todos os âmbitos na busca da melhoria da qualidade de vida das pessoas. Paralelamente aumenta a parcela dos excluídos e com isso o discurso da inclusão social toma conta dos debates políticos e educacionais. A escola, como um segmento da sociedade, também se tem deparado com a tarefa de oferecer uma educação de melhor qualidade a todas as crianças.

Pretende-se, antes de mais, fazer da escola/agrupamento um projeto. A Escola, em si mesma, não pode e não deve deixar de assumir a responsabilidade de reconhecer a aprendizagem como valor do desenvolvimento humano.

Educar é desenvolver o sentido de responsabilidade pessoal e formar para a cidadania. É receber os conhecimentos (a memória) de uma comunidade, interpretar o quotidiano e projetar o futuro pessoal e social. Tudo isto acontece não de uma forma neutra mas inserido numa tradição viva de valores que confere identidade própria a qualquer projeto educativo.

A formação para a cidadania aliada ao desenvolvimento da própria personalidade são dois eixos estruturantes da LBSE<sup>1</sup> português (Lei nº 44/86, de 14 de Outubro). Considerada num sentido dinâmico, a pessoa é processo de construção que se realiza no tempo e na história, entre um passado e um futuro sempre em contínuo e progressivo desenvolvimento, isto é, assenta, necessariamente, numa “reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos” (LBSE, art.º 3º, b).

---

<sup>1</sup> LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo.

A própria UNESCO, no seu Relatório sobre a Educação para o século XXI diz que, «a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade».

Jacques Delors afirmou que a educação é, sem dúvida, «uma arte difícil que pede criatividade e dedicação».

Esta afirmação de Jacques Delors serve para a educação em geral e especificamente para a disciplina de EMRC. É meu entendimento que a disciplina de EMRC no espaço escolar promove, para além de outros, dois objetivos fundamentais:

1. Possibilita a abertura a valores positivos – atitude de integração fundamental para o diálogo entre fé e cultura;
2. Contribui para o discernimento dos valores que dignificam o ser humano e também para aqueles que o ameaçam.

A disciplina de EMRC presta, ainda, um valioso contributo na formação da personalidade porque:

- Propõe aos alunos uma interpretação integral da existência pessoal e do compromisso pessoal;
- Orienta os alunos na definição de um projeto de vida enriquecido pelos valores do Evangelho que dão conteúdo à liberdade e fundamento à dignidade e à responsabilidade pessoais.
- **Promove o desenvolvimento global da pessoa** (ideia corroborada pelos princípios gerais que a LBSE consagra quer na educação pré-escolar quer para o ensino básico e ensino secundário).

Falemos, agora, do professor de EMRC enquanto “fazedor” de pontes.

***A minha grande interrogação é: como criar desafios com sentido?***

Cada ano letivo que chega tem de ser entendido não como um retomar de um simples percurso que uma pausa (férias) interrompeu, mas acima de tudo com a certeza de ter ganho uma distância crítica e criativa, isto é, arriscar a olhar o novo ano como se fosse a primeira vez... um recomeço. Não com um olhar saudoso dos ganhos de ontem, nos saberes adquiridos de um ano de trabalho ou nas experiências anteriormente vividas. Mas, considerar que estou a viver sucessivos pontos de partida. Assim, o modelo

de gestão encontrado foi o de uma gestão participada. É preciso saber como introduzir inovações e como instituir novas práticas.

A mudança de uma cultura organizacional da escola é um processo complexo no qual influem a história de vida das pessoas, modos de pensar e agir já consolidados, atitudes de acomodamento e a resistência a mudar práticas. ***Por isso a introdução tem de ser feita de modo planeado, cuidadoso, implicando ações e procedimentos muito concretos e sempre, sempre num clima de confiança, transparência e de respeito pelas pessoas.***

Na conceção democrático-participativa, os profissionais que trabalham na escola precisam desenvolver e pôr em ação competências profissionais específicas para participar das práticas de gestão. Por exemplo:

***a) Desenvolver capacidade de interação e comunicação entre si e com os outros de modo a saber promover, participar ativamente de um grupo de trabalho ou de uma discussão.***

Essas capacidades envolvem um conjunto de habilidades, tais como: bom relacionamento com colegas, disposição colaborativa, saber expressar-se e argumentar com propriedade, saber ouvir, partilhar interesses e motivações. Segundo o investigador português Rui Canário (1997), o professor é, em primeiro lugar, uma pessoa, o que significa que a sua atividade se define tanto por aquilo que ele sabe quanto por aquilo que ele é.

Por isso, ganha importância a competência interativa, na qual se destacam as habilidades de comunicação, expressão e escuta. Esse tipo de competência é requerido não apenas para a participação nas práticas de organização e gestão da escola mas, também, para a condução da sala de aula.

***b) Desenvolver capacidades e habilidades de liderança.***

Entendo a liderança como a capacidade de influenciar, motivar, integrar e organizar pessoas e grupos a trabalharem para a consecução de objetivos. Numa gestão participativa, não basta que haja na equipa certas pessoas que apenas *administrem* a realização das metas, objetivos, recursos e meios já previstos. É preciso que se consiga da equipa a partilha de intenções, valores, práticas, de modo que os interesses do grupo sejam canalizados para esses objetivos, e que as várias pessoas possam assumir a liderança

e desenvolver essas qualidades. Trata-se da liderança cooperativa que envolve determinados requisitos como: capacidade de comunicação e de relacionamento com as pessoas, saber escutar, saber expor com clareza as suas ideias, capacidade organizativa (saber definir um problema, propor soluções, atribuir responsabilidades, coordenar o trabalho, acompanhar e avaliar a execução).

***c) Compreender os processos envolvidos nas inovações organizativas, pedagógicas e curriculares.***

A introdução de inovações precisa de ser feita de modo planeado, cuidadoso, implicando ações e procedimentos muito concretos. O melhor meio de promover a gestão participativa consiste em implantar a prática da participação num clima de confiança, transparência e respeito pelas pessoas. Independentemente da importância dos membros da equipa tomarem consciência da necessidade da participação, é a prática que possibilita o alargamento dessa consciência e o sentido da participação na construção de uma nova cultura organizacional.

***d) Aprender a tomar decisões sobre problemas e dilemas da organização escolar, das formas de gestão e da sala de aula.***

A gestão participativa é um modo de fazer funcionar uma organização em que se criam formas de inserir todos os membros da equipa nos processos e procedimentos de tomada de decisões a respeito de objetivos, critérios de realização desses objetivos e encaminhamento de solução para problemas.

***e) Conhecer, informar-se, dominar o conteúdo da discussão para ser um participante atuante e crítico.***

Ninguém pode participar plenamente de uma equipa se não estiver bem informado sobre os assuntos tratados. A participação num grupo e nas reuniões exige que os membros conheçam o assunto e se familiarizem com a problemática discutida. Há três campos de conhecimento em relação aos quais os professores precisam estar muito bem informados: a legislação, os planos e diretrizes da tutela; as normas e rotinas organizacionais; as questões pedagógicas e curriculares.

**f) Saber elaborar planos e projetos de ação.**

Os professores são responsáveis pelo projeto pedagógico-curricular e outros projetos das suas disciplinas. É imprescindível que todos desenvolvam competência para realizar diagnósticos, definir problemas, formular objetivos, gerar soluções e estabelecer atividades necessárias para alcançar os objetivos.

**g) Aprender métodos e procedimentos de pesquisa.**

A pesquisa é uma das formas mais eficazes de detetar e resolver problemas. O professor-pesquisador é um professor que sabe formular questões relevantes sobre sua própria prática e tomar decisões que apresentem soluções a essas questões, pelo que necessita dominar alguns procedimentos básicos da pesquisa. A pesquisa é uma forma de trabalho colaborativo para a solução de problemas da escola e da sala de aula e tem como resultado a produção de conhecimentos pelos professores sobre o seu trabalho. É uma das formas mais eficazes de articular a prática e a reflexão sobre a prática, ajudando o professor a melhorar a sua competência profissional, já que importa melhorar a qualidade das aulas para que a aprendizagem dos alunos seja mais efetiva.

**h) Familiarizar-se com modalidades e instrumentos de avaliação do sistema, da organização escolar e da aprendizagem escolar.**

A avaliação caracteriza-se sempre por ser uma visão retrospectiva do trabalho. É uma etapa necessária a qualquer plano ou projeto, no âmbito da escola ou da sala de aula. Todas as pessoas que trabalham na escola e que participam dos processos de gestão e tomada de decisões precisam dominar conhecimentos, instrumentos e práticas de avaliação. A ampliação e eficiência dos meios de comunicação, o carácter de instantaneidade que os factos adquiriram, as inúmeras mediações que provocam um sorvedouro de estímulos que povoam a mente dos alunos desencadeiam enorme ampliação da prática profissional, aumentando-se a complexidade da profissão, exigindo-se conhecimentos mais refinados para uma atuação produtiva.

Os tópicos que vos enunciei indicam, somente e no meu entendimento, conhecimentos e práticas que podem auxiliar os professores a participar ativamente dos processos e práticas da organização e da gestão da escola/

/sala de aula. Eu penso que, deixaram de existir na educação – se é que já existiram - factos simples. A cada dia requerer-se uma formação mais sólida, mais ampla e mais flexível para que o professor seja capaz de ir compondo sempre melhor as suas respostas, profissionalizando-se.

A organização deste “Fórum” lançou-me este desafio: um testemunho pessoal da minha vida na escola, articulado com a minha experiência na gestão. Não é fácil, pois a resposta a este repto situa-se, a meu ver, numa “dinâmica da ação e da esperança”. Serve tudo isto para dizer que partilho, afinal, dos vossos anseios. Não posso, porém, esquecer a oportunidade e a possibilidade de continuar, enquanto professora de EMRC, a “fazer pontes”. É esta a minha missão. Compartilho, finalmente, convosco a ideia de dois grandes pensadores que muito admiro. **Nelson Mandela**, “*Lições de liderança*”, aquando o seu nonagésimo aniversário. Dizia ele:

- A coragem não é a ausência de medo, mas a capacidade de inspirar outros a superá-lo;
- Liderar no topo, sem nunca esquecer a base;
- Liderar de trás e deixar que os outros acreditem que estão à frente;
- Manter os amigos por perto e os inimigos ainda mais perto;
- A aparência conta e não nos podemos esquecer de sorrir;
- Nada é preto ou branco, nada é ou/ou;
- Renunciar também é um tipo de liderança.

Afinal, como dizia, **Fernando Pessoa** «...é preciso ter coragem para ouvir um “não”. Ter coragem para receber uma crítica, mesmo que injusta. Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou conseguir construir um castelo.» Fim de citação.

É esta a missão do professor de EMRC, na escola atual, ser construtor de um qualquer castelo.



# Relação pedagógica

ANTÓNIO ESTANQUEIRO (\*)

Sou professor “praticante”, há quase 40 anos. Sem pretensões académicas, proponho-me partilhar aqui algumas boas práticas educativas, que fui aprendendo enquanto professor e formador. São práticas que revelam equilíbrio entre a tradição e a inovação. Manda o bom senso que não se deite fora o que funciona bem, para correr atrás de modas pseudopedagógicas.

Sei que não há fórmulas mágicas para ensinar, nem há um perfil único de bom professor. Mas há certamente características comuns aos bons professores.

O que fazem os bons professores?

Vou tentar responder, destacando algumas boas práticas da relação pedagógica. A qualidade das relações do professor com os alunos é essencial para o processo de ensino e aprendizagem.

## 1. Respeitar a diferença

Os professores competentes respeitam a diferença de aptidões dos alunos, diversificando as metodologias de ensino, os recursos utilizados e os instrumentos de avaliação das aprendizagens.

Em escolas massificadas, com turmas demasiado heterogéneas e muitos alunos por turma, o ensino individualizado é uma utopia. Mas os bons professores esforçam-se por conhecer e valorizar as capacidades, os saberes, os interesses, o estilo e o ritmo de aprendizagem dos seus alunos.

---

(\*) Licenciado em Filosofia. Professor do Ensino Secundário. Autor de obras várias no domínio da educação.

É injusto obrigar todos os alunos a realizar as mesmas tarefas, da mesma maneira, ao mesmo tempo. Os alunos são diferentes no modo de aprender. Valorizar a diversidade de aptidões dos alunos é um caminho para a motivação e o sucesso.

## **2. Dosear as dificuldades**

É uma arte “colocar a fasquia” no sítio certo. Os bons professores sabem dosear as dificuldades e o ritmo de trabalho, propondo objetivos concretos e tarefas estimulantes, que estejam ao alcance do aluno e, ao mesmo tempo, ponham à prova as suas capacidades. Cada aluno tem de ser desafiado a desenvolver gradualmente as suas potencialidades, a dar o seu melhor, na conquista do sucesso.

O aluno experimenta o sentimento de competência quando atribui o sucesso a fatores pessoais (capacidades, esforço e método), não à facilidade das tarefas ou à benevolência do professor. O sucesso tem de ser conquistado com esforço e persistência, passo a passo, em tarefas desafiantes. As vitórias difíceis são mais saborosas e fortalecedoras da autoestima e da motivação.

## **3. Promover a cooperação**

A escola deve preocupar-se com a formação pessoal e social do aluno, não só com os conteúdos programáticos e as classificações. Pretende-se que os alunos aprendam a tratar-se como companheiros e não como rivais, resolvendo eventuais conflitos de forma construtiva.

Na escola, não é legítimo usar a lógica do desporto ou dos negócios, onde só contam os resultados e onde impera a “lei do mais forte”. Num clima de competição, uns ganham e outros perdem. Num clima de cooperação, de partilha de saberes e experiências, todos ganham, aprendendo juntos e construindo relações de tolerância, respeito e apoio mútuo.

Com a ajuda do professor, cada aluno deve aprender a competir consigo mesmo e a cooperar com os outros.

#### **4. Oferecer bons elogios**

Os bons professores, tal como os bons líderes, não poupam elogios. Eles sabem que as repreensões e os castigos podem travar um comportamento incorreto, mas só os elogios podem acelerar a aquisição de uma conduta desejável. As investigações não deixam margem para dúvidas: um bom elogio (concreto, oportuno e sincero) ajuda a aprender mais e melhor. O grande inimigo do aluno é a indiferença do professor.

Como qualquer aplauso, o elogio deve ser oferecido ao aluno, após o sucesso numa tarefa difícil ou após um bom esforço. Quanto mais novos, inseguros e inexperientes são os alunos, mais precisam de palavras de encorajamento, para reforçar a sua autoestima e a sua autoconfiança.

A alma do elogio é a sinceridade. Os alunos, como todas as pessoas, têm sede de aprovação e reconhecimento. Mas gostam de sentir que o elogio é sincero e honesto e não um simples reбуçado pedagógico, embrulhado em duvidosas intenções. Se o aluno sentir que o elogio é exagerado ou falso, perde a confiança no professor.

Há professores que criticam muito e elogiam pouco, com medo de perderem a sua autoridade. Precisam de mudar de atitude. Com elogios sinceros, o professor cativa a simpatia do aluno e da turma, tornando mais cordial a atmosfera da aula e mais forte a sua influência pedagógica. Quem gosta do professor, mais facilmente gostará da matéria que ele ensina.

#### **5. Cultivar expectativas positivas**

Os comportamentos do professor diferem, consoante as expectativas. Com uma expectativa positiva, o professor interage mais com o aluno, solicita mais a sua participação, espera mais tempo pelas suas respostas, oferece-lhe mais incentivos e tende a ser mais benevolente na correção dos testes e dos trabalhos. Com uma expectativa negativa, acontece o contrário.

Não há uma relação direta entre expectativas e níveis de sucesso. As expectativas não determinam, mas condicionam, de modo significativo, as aprendizagens.

Cultivar expectativas positivas é uma forma de otimismo pedagógico. Só por si, não transforma todos os alunos fracos em bons. Mas gera um clima favorável à motivação e contribui decisivamente para a eficácia da ação educativa.

Sem otimismo, a profissão docente não faz sentido. Com otimismo, salvam-se alunos considerados “casos perdidos”, fazem-se autênticos milagres. Quem confia nos alunos, corre o risco de se enganar. Sem confiança, é impossível educar.

## **6. Ensinar com entusiasmo**

A motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos. Se um professor gosta de ensinar, poderá despertar, mais facilmente, o gosto de aprender. Se um professor anda desmoralizado, como poderá motivar os alunos?

Evidentemente, há professores desanimados, com vontade de abandonar a profissão, devido à sobrecarga de funções e responsabilidades, ao excesso de burocracia e à indisciplina dos alunos. Em certas escolas, o ambiente é pouco motivador para o ensino e para a aprendizagem.

A profissão docente precisa de ser mais valorizada pelos governantes, pelas famílias e pela sociedade. Sem dúvida! Mas um professor competente e com brio profissional sabe que não pode esperar as condições ideais, para depois se empenhar.

Um professor dedicado influencia a motivação dos alunos e alimenta a sua própria motivação. O professor entusiasma, se estiver entusiasmado. O entusiasmo faz a diferença!

## **7. Dar espaço à participação dos alunos**

A transmissão de conhecimentos por parte do professor é necessária para ajudar o aluno a adquirir a herança cultural da humanidade, ou seja, os saberes já constituídos nos domínios científico, tecnológico, literário e artístico. Mas não é suficiente para a aprendizagem.

De acordo com o pedagogo Paulo Freire, o aluno não deve ser encarado como um “banco” que recebe e guarda passivamente os “depósitos” oferecidos pelo professor. O aluno aprende melhor aquilo que pesquisa e discute com outros.

Abrir a aula à participação dos alunos reforça a motivação e promove a aprendizagem. Atualmente, muitas informações chegam ao aluno pelas mais diversas fontes, sobretudo a televisão e a Internet. O papel do professor é ajudar

o aluno a selecionar e organizar essas informações desconexas e a refletir criticamente sobre a realidade, promovendo a sua autonomia no processo de aprendizagem.

Alguns professores dão pouco espaço à participação dos alunos, essencialmente por três razões: medo da indisciplina, valorização excessiva do programa e dificuldades na avaliação.

### **8. Fazer perguntas**

A qualidade da comunicação na sala de aula depende muito da qualidade das perguntas do professor. As boas perguntas, capazes de facilitar o diálogo e desenvolver a criatividade na aula, são claras, abertas, positivas e desafiantes.

Depois de dirigir uma pergunta a um aluno, é necessário saber esperar pela resposta. Uma estratégia para melhorar a comunicação na aula é prolongar o tempo de espera pela resposta, sobretudo se as perguntas são dirigidas aos alunos considerados mais fracos.

Um bom professor insiste nas perguntas como estratégia para estimular a comunicação na sala de aula, respeitando o aluno, mesmo quando ele responde errado. Um professor demasiado crítico e severo em relação ao erro inibe a participação oral.

### **9. Incentivar as perguntas dos alunos**

Um bom professor encoraja as perguntas dos alunos, dando-lhes espaço e tempo para que exponham as suas dúvidas, perante toda a turma. A curiosidade de alguns contribui para a motivação e a aprendizagem de todos.

Muitas vezes, na educação, interessam mais as perguntas do que as respostas. Os bons alunos dão boas respostas. Os melhores alunos fazem boas perguntas.

O interesse dos alunos em fazer perguntas depende do modo como o professor reage. Uma resposta positiva, dada com boa vontade, sem dogmatismos, é um estímulo para a participação do aluno com perguntas interessadas, concretas e oportunas.

## **10. Organizar debates**

Os debates na sala de aula permitem aprofundar conhecimentos e desenvolver competências de comunicação. Além disso, são uma ótima estratégia para a educação moral e cívica dos alunos.

Nos debates, a palavra deve ser distribuída democraticamente entre os alunos. Todos precisam de tempo e espaço, para exprimir com liberdade as suas ideias. A desigualdade no tratamento dos alunos gera conflitos.

Há três tipos de alunos que dificultam o debate nas aulas: os tímidos, os faladores e os agressivos. Que pode fazer o professor? Estimular os tímidos, disciplinar os faladores e controlar os agressivos.

No modo como escuta e fala, nas palavras e nos gestos, o professor é um modelo de comunicação para os alunos. Desde a primeira aula, deve usar o estilo de comunicação afirmativo, não o estilo passivo, nem o estilo agressivo. Compete-lhe criar um clima de tolerância e respeito.

## **11. Prevenir a indisciplina**

A criação de um ambiente de disciplina na sala de aula, condição necessária para ensinar e aprender, não é uma tarefa simples. É uma tarefa possível, se as turmas difíceis tiverem menos alunos e mais apoio, se houver uma liderança forte e motivadora nas escolas e se cada professor fizer tudo o que está ao seu alcance para prevenir a indisciplina.

Os melhores professores não são os que sabem controlar a indisciplina. São aqueles que sabem preveni-la, ensinando cada aluno a orientar a sua vida de acordo com três princípios fundamentais: respeito por si mesmo, respeito pelos outros e responsabilidade pelos seus atos.

Na prevenção da indisciplina, o papel do diretor de turma é explicar as regras da escola aos alunos, promover o diálogo entre os professores e envolver os pais na vida escolar dos filhos. Cada professor deve cuidar especialmente as primeiras aulas, saber gerir as relações interpessoais e negociar acordos com os alunos, desde que não contrariem o regulamento interno da escola.

A sala de aula, mais do que espaço físico, é um espaço relacional. Os melhores professores mantêm uma boa relação com todos os alunos, prevenindo ou resolvendo conflitos, através do diálogo.

## **12. Usar um estilo de liderança eficaz**

O professor pode usar dois estilos de liderança eficazes para exercer a sua autoridade e influenciar o desenvolvimento dos alunos: o estilo diretivo e o estilo participativo ou democrático. Os bons professores usam um ou outro dos estilos, de acordo com os alunos e as circunstâncias, dando atenção às tarefas e às relações humanas. Quanto mais novos são os alunos, mais decisiva é a componente relacional.

Há quem acredite que a liderança participativa traz sempre mais benefícios do que a liderança diretiva. Esta crença não tem fundamento na investigação, nem na prática docente.

A liderança é uma arte que exige flexibilidade e bom senso. Os professores com autoridade sabem usar estilos diferentes para alunos diferentes e até estilos diferentes para o mesmo aluno, de acordo com as circunstâncias. Acima de tudo, evitam os extremos do autoritarismo ou da permissividade.

Em educação, a rigidez não funciona. É indispensável equilíbrio entre o controlo e a liberdade, a razão e a emoção, a distância e a proximidade, a firmeza e o afeto.

## **13. Comunicar com os pais**

A relação pedagógica ganha se houver uma boa comunicação entre a escola e a família. A comunicação previne a indisciplina, reforça a motivação e promove o sucesso dos alunos.

Os pais, como primeiros educadores, devem acompanhar os filhos em casa e comunicar com a escola, sempre que necessário, não apenas quando são chamados. Aos diretores de turma compete manter os pais informados, dialogar com eles e pedir-lhes colaboração para atividades curriculares e extracurriculares.

O diálogo com os pais serve para dar e receber informações. Serve ainda para concertar estratégias de ação, que facilitem a prevenção ou a resolução de eventuais problemas de aproveitamento ou comportamento. O que se pretende é garantir uma boa integração do aluno na turma e na escola e promover a sua formação integral.

Pais e professores têm papéis diferentes, mas devem cooperar. A participação ativa dos pais na vida escolar dos filhos, com respeito pela autonomia pedagógica dos professores, contribui para aumentar a qualidade da educação.

### **Conclusão**

Os bons professores sabem que a sua competência científica e pedagógica é um fator decisivo para a qualidade da educação nas nossas escolas. Por isso, investem na formação contínua. Refletem, de forma crítica e sistemática, sobre as suas práticas. Partilham saberes e experiências. E mostram abertura à inovação e à mudança.

Os bons professores acreditam na importância da profissão docente para a construção de uma sociedade melhor, alicerçada em conhecimento e valores (éticos, estéticos e religiosos). Apesar das dificuldades, sentem orgulho na sua missão de formar pessoas, despertar vocações e construir futuros.

Haverá profissão mais importante?

Texto adaptado do livro  
*Boas Práticas na Educação*, Ed. Presença, 2012.

# Relação pedagógica

JOÃO MENDES (\*)

## **Apresentação**

Aprendi mal como dar aulas, não tive um estágio convencional e por isso tenho algumas lacunas que tenho tentado colmatar no diálogo com outros colegas e nas formações contínuas.

Não sou um professor modelo, não sou propriamente um inovador. Chego a pensar que venho fazer uma figura parecida com um entrevistado numa rábula dum programa do Herman José, que penso que se chama “É mais bolos” (youtube - <http://youtu.be/kOoQNo3pf6l>).

Depois de ouvir palavras tão sábias nestes dias e nas mesas redondas, vejo as minhas limitações, tenho muito pouco para vos dar, mas partilho algo da minha experiência na sala de aulas.

## **A Relação Pedagógica: com os alunos**

Costumo chegar à sala antes do toque de entrada para preparar a parte técnica (nessa fase já entram alguns alunos, colocam as mochilas e começamos a falar da semana, dos testes, das chatices e zangas que tiveram,...).

Como nalgumas turmas a própria entrada na sala era um terramoto, resolvi negociar com eles uma estratégia. Assim que toca, projeto uns vídeos cómicos durante 3 ou 4 minutos e eles entram em silêncio relativo, posicionam-se nas carteiras, tiram os materiais e escrevem o sumário (que está no quadro).

---

(\*) Docente de EMRC. Membro do Secretariado Diocesano de EMRC de Coimbra.

Explico depois, resumidamente, como vai ser a aula (como vamos trabalhar, que estratégias se vão usar, que tempo vamos ter para cada momento) e o que vai ser importante saber no fim da aula.

Mas, como temos hoje uma população difícil de motivar, que exige muita inovação, nem sempre é fácil conseguirmos mobilizar a turma para o processo ensino-aprendizagem.

Atualmente, mesmo numa sociedade tecnologicamente avançada, com escolas relativamente equipadas, não se consegue motivar sem um grande esforço. Estou convencido de que, se fosse no nosso tempo de alunos, e com as possibilidades de hoje, teríamos feito grandes brilharetes.

Em conversa com um colega – doutra disciplina e já reformado – acerca destes assuntos, sobre o uso de toda, e mais alguma, estratégia e tecnologia, para motivar para a aprendizagem, disse-me: “não imaginas, no meu tempo quando um professor trazia um giz de cor ficávamos maravilhados e atentos, aquilo era um espanto!” (Eram racionados, cada professor guardava-os religiosamente).

Durante as aulas procuro mobilizá-los para o trabalho, ora usando o manual, ora usando PowerPoint ou pequenos filmes, para serem explorados. Por vezes, há trabalhos de grupo, analisam-se letras de canções, notícias recentes, promovem-se debates. Lemos textos, partilhamos experiências.

Mas, nalgumas turmas, a indisciplina não ajuda (sobretudo quando são alunos que formam um grupo proveniente de turmas diferentes). Muitas vezes, parece haver uma certa competição, uma espécie de marcação de terreno,...

Por vezes é-me difícil gerir a situação. Dado o carácter facultativo da disciplina, é-me difícil ser, também, muito rigoroso. Penso que se formos muito duros e rígidos correremos, provavelmente, o risco de, no ano seguinte, os alunos não se inscreverem.

Em turmas mais difíceis, tenho tentado trabalhar as regras. Já passei um filme chamado “Ritmo e sedução”<sup>1</sup>; elaborámos, depois de o vermos, um

---

<sup>1</sup> Título Original: “Take the Lead” (2006). Realização de Liz Friedlander, argumento de Dianne Houston. Conta a história de um professor de dança (António Banderas) apaixonado pela profissão, que convence a Diretora de uma escola pública a deixá-lo ensinar um grupo de alunos problemáticos, que lidam diariamente com o crime ou a pobreza. O filme mostra a teimosia do professor em abrir novos horizontes a jovens difíceis de educar, a amizade que estabelece com eles e a descoberta que os últimos vão fazendo (N.E.).

conjunto de regras a cumprir. Criei uma grelha e combinou-se que, após três advertências, o aluno sairia da sala com uma tarefa a realizar. O clima melhorou, mas, mesmo assim, alguns têm de realizar a tal tarefa.

Procuro que todos participem, sobretudo peço aos que têm mais dificuldades que respondam às questões mais fáceis.

Tento antecipar possíveis dificuldades, tempos mortos, providenciando trabalhos alternativos (outras fichas do manual, ...) quando alguns acabam primeiro, senão começa logo a algazarra.

Procuro elogiar os seus progressos e aproveitar os erros para dizer que estamos ali para aprender e só não erra quem não faz ou não participa.

Procuro criar na aula um espaço de respeito e partilha.

Quando me colocam questões, por vezes, tento devolvê-las a alguém da turma.

Procuro, também, terminar as atividades um pouco antes do toque para fazermos um resumo da aula. Depois, tento motivá-los, dizendo o que vamos fazer na aula seguinte.

Como gosto de ensinar, procuro fazê-lo com entusiasmo, eu próprio invisto e realizo-me na própria preparação das aulas. Gosto de ensinar e também de aprender, o saber dá-me prazer.



# Notas sobre relação pedagógica, após leitura do texto de António Estanqueiro

TERESA GRANCHO (\*)

1. A relação pedagógica é mais importante do que as inovações tecnológicas

a) A MOTIVAÇÃO dos alunos

- Diferença de aptidões dos alunos;
- Cooperação, partilha de saberes e experiências - relações de tolerância, respeito, confiança e apoio mútuo;
- Elogio - a alma do elogio é a sinceridade;
- Expetativa positiva - professor interage mais com os alunos,- professor gosta de ensinar - postura descontraída, tom de voz firme, ritmo de fala animado, gestos vivos, contacto visual com os alunos, brilho nos olhos e bom humor.

O ENTUSIASMO AUTÊNTICO É CONTAGIANTE “ Quem sou eu para vós?” (Jesus Cristo)

b) A COMUNICAÇÃO na sala de aula

Ensinar é comunicar - conhecer aquilo que se comunica, que se ensina - ninguém fala com clareza daquilo que não sabe “se fizermos aquilo que podemos, fizemos aquilo que devíamos”

- qualidade das perguntas - facilita o diálogo e desenvolve a criatividade na aula;

---

(\*) Docente de EMRC da diocese de Aveiro.

- debates - estimular os tímidos, disciplinar os faladores e controlar os agressivos.

c) A AUTORIDADE do professor

Usar estilos diferentes para alunos diferentes e até estilos diferentes para o mesmo aluno.

Os professores de EMRC são peregrinos da fé:

Fé – dom, caminho e meta;

Fé – o nosso coração plasmar com a graça de Deus;

O sentido da fé é a renovação.

A fé aprende-se na escola com o testemunho dos professores. A fé lê-se mais no brilho do olhar e na vida do que em muitas palavras: gestos, atitudes, lágrimas, presença, solicitude. Mais do que vidas que ensinam é importante as vidas que se dão.

O perigo do vazio é o de vivermos com pessoas sem o brilho da densidade – muito para dar mesmo sem terem muito para distribuir; precisamos de gente com densidade nesta era do vazio: “O que faz por gosto descansa-me e é por isso que descanso em Deus” ( St. Agostinho).

Acredita no que lês.

Vive o que acreditas.

Ensina o que vives.

A melhor maneira de aprender é ensinar.

Se vivêssemos melhor a nossa fé o mundo seria melhor: ajudar os alunos a desenhar o seu projeto de vida - vocação; educar na e para a verdade:

**“MAS HÁ QUE CONSTRUIR A VERDADE,  
COMO O AMOR, COMO A INTELIGÊNCIA.”<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> «La vérité est toujours à construire, comme l'intelligence, comme l'amour», Daniel Rondeau in : «Camus ou les promesses de la vie», 2005, sobre o escritor.

Fomentar o compromisso com a procura da verdade e levar a compreender que a verdade é necessária para a vida, para a convivência e para a educação. A verdadeira natureza da educação carrega consigo a procura da verdade. O processo educativo implica o conhecimento das diferentes explicações e possíveis direções a tomar na vida, ao mesmo tempo que aprendemos a situar-nos perante elas e a decidir autónoma e livremente.

Por isso, descobrir e sensibilizar acerca da verdade são, para nós, dois desafios educativos incontornáveis. “A verdade reside em todo coração humano, e cada um deve procurar por ela lá, e ser guiado pela verdade assim que a veja.”<sup>2</sup> “A Verdade é o que Deus é”, a verdade é que descobri a não-violência procurando a verdade” – a procura da verdade e a não violência são propostas educativas e sem dúvida, é a nossa prática educativa.

Do ponto de vista metodológico, este princípio da procura da verdade está claramente em confronto com a imposição, o autoritarismo ou o endoutrinamento. Pelo contrário, a procura da verdade, implica uma proposta pedagógica assente no, e para, o debate, o diálogo, a escuta ativa, a comunicação empática, a indagação, a não discriminação e o respeito pela autonomia das pessoas.

Por isso, a procura da verdade exige ser realizada em democracia; quando o sistema pedagógico e/ou social não é democrático, condenamos as pessoas, ou pelo menos parte delas, a tornar clandestina a sua procura da verdade. Por conseguinte, a procura da verdade tem mais a ver com o método socrático de colocar perguntas para que os alunos procurem as respostas das mesmas do que com a “revelação”, seja de que tipo for.

Os docentes, de qualquer nível educativo, devem suscitar, pois, muitas perguntas, repetidamente, porque esta procura é um processo constante que não se encerra numa determinada etapa da vida. “As perguntas são a devoção, a oração do pensamento humano.”<sup>3</sup>

O objeto do ensino deverá ser o estímulo da dúvida construtiva, o amor pela aventura intelectual e o sentimento de descobrir novos mundos através de audaciosas iniciativas didáticas. Neste sentido, o professor não dita ou impõe a sua verdade, mas antes oferece o exemplo vivo de como se procura; ensina

---

<sup>2</sup> M. Gandhi.

<sup>3</sup> Steiner.

a clareza do pensamento, a paixão pela verdade e o respeito pelos outros, que é inseparável desta. O mestre é assim porque, mesmo afirmando as suas próprias convicções, não quer impô-las ao seu discípulo; não procura adeptos, não quer formar cópias de si próprio, mas sim inteligências independentes, capazes de seguirem o seu próprio caminho.

É um mestre só enquanto sabe entender qual é o caminho adequado para o seu aluno e souber ajudar a encontrá-lo e a percorrê-lo, a não atraiçoar a essência da sua pessoa:

“O verdadeiro critério de uma pedagogia ativa, baseia-se na forma de adquirir a verdade: não existe verdadeira atividade enquanto o aluno aceitar a verdade de uma afirmação apenas porque é transmitida pelo adulto à criança / adolescente..., graças à autoridade explícita ou implícita da palavra do mestre ou do texto do manual; por outro lado, existe atividade quando o aluno descobre por si próprio ou reconstrói o que é verdadeiro através de ações materiais ou interiorizadas que consistem em experimentar ou em raciocinar por si mesmo”

Resumindo, a procura da verdade deve ser uma das referências prioritárias de todo o sistema educativo numa sociedade democrática. “Numa democracia, o primeiro objetivo da educação é fundamentar virtudes como tolerância, integridade, dizer a verdade, imparcialidade, fraternidade, o uso da razão crítica, virtudes sem as quais a “reprodução social consciente” poderia revelar-se impossível e que são princípios fundamentais do modo de vida democrático.

A verdade é uma das chaves da liberdade humana. Daí que a noção de verdade seja algo mais do que uma simples referência teórica. Educar na e para a esperança (“A esperança é a exigência ontológica dos seres humanos.”<sup>4</sup>) A esperança guia-nos nas nossas metas de futuro e dá-nos ânimo e energia para continuar.

Sem luta não há esperança e a esperança mantém a luta. E isto é assim porque a esperança tem uma componente proativa, contrária à passividade ou à resignação. Neste sentido, a esperança fica também ligada com o compromisso. “Se assumirmos que não há esperança, garantimos que não haverá esperança. Se assumirmos que há um instinto para a liberdade, que há

---

<sup>4</sup> Paulo Freire.

oportunidades para mudar as coisas, então há uma possibilidade de podermos contribuir para construir um mundo melhor”. A educação da esperança carrega, portanto, consigo o ter em conta e examinar os estados de desesperança que no plano individual e coletivo se podem gerar para, a partir daí procurar alternativas a nível positivo.

A esperança carrega consigo a alegria. As pessoas com esperança costumam ser pessoas mais alegres e otimistas. A alegria é igualmente necessária e imprescindível na vida e, conseqüentemente, também na educação. De facto, para além de ser um lugar para o esforço, a disciplina, a aprendizagem, entre outros, o sistema educativo deve ser também um espaço de alegria. De alegria pela descoberta, pelo conhecer - pessoas e conteúdos -, pelo estabelecimento de novas relações humanas, pelo perceber progressos nos estudantes, por usufruir do trabalho bem feito, ...

E alegria, também pelo humor, necessário nas relações humanas. Não se trata de cair na obsessão de divertir nem significa que os professores tenham que ser palhaços... trata-se de tornar as aulas atrativas, de interessar, de cativar para o saber e para a cultura.

“Moralmente a escola deveria ser um lugar de alegria, de alegria cultural”<sup>5</sup>, entendendo a alegria da cultura como “reforço da confiança em si mesmo, da confiança na vida; amar mais o mundo, senti-lo mais estimulante, mais acolhedor.

A educação é, por definição, um projeto de futuro. Uma entrega aos outros para construir e reconstruir caminhos e possibilidades. A esperança de melhoria que o educador ou educadora têm para com os seus educandos é uma característica intrínseca ao ato de educar.

Como requisito profissional os professores “devem ter confiança e esperança nos seus alunos, nas suas possibilidades de aprendizagem como uma condição inerente e presente no seu trabalho. Entregamo-nos a eles e a elas com a esperança de que cresçam como pessoas, que se desenvolvam em todas as suas facetas, que melhorem em todos os sentidos, que contemplem e descubram novos horizontes. Nesse processo crescemos como pessoas e como profissionais, e nesse processo e nos seus resultados obtemos a nossa melhor recompensa, a nossa maior alegria.”

---

<sup>5</sup> Snyders.

Daí que educação, esperança e alegria estejam tão estreitamente unidas que separá-las não deixa de ser um erro de consequências imprevisíveis.

Um educador que não vibre com os seus alunos que converta a sua profissão num ato burocrático, que não albergue nenhuma esperança nem no seu trabalho nem nos alunos, é uma pessoa que para além de mau profissional, está a fazer um mal enorme a si próprio, aos que com ela partilham a sua tarefa profissional – colegas e pais – mas, muito especialmente, aos alunos que, definitivamente, são o nosso objeto de profissão e pelos quais recebemos um salário.

Enquanto educadores não nos resta outro remédio senão ser otimistas.

Pode escrever-se com verdadeiro pessimismo contra a educação, mas o otimismo é imprescindível para a estudar...e para a exercer. “Os pessimistas podem ser bons domadores, mas não bons mestres”<sup>6</sup>.

Faço minhas as palavras de Paulo Freire “ Ser utópico não é ser apenas idealista ou pouco prático, mas antes perseguir a DENÚNCIA e a ANUNCIAÇÃO”. Por isso, o carácter utópico da nossa teoria e prática educativa é tão permanente quanto a educação em si, que para nós constitui uma ação cultural.

## COMO PODEMOS EDUCAR E EDUCARMO-NOS NA E PARA A ESPERANÇA?

- a) A esperança constrói-se através da procura da verdade - necessidade de olhar a realidade através da luz da verdade como fonte de esperança.
- b) Alfabetização afetiva - a educação das emoções como mecanismo para facilitar a segurança e confiança em si próprio e como passo prévio para desenvolver a esperança e confiança nos outros ... “combinar o exercício da autoridade com uma grande disposição afetiva, abertura emocional, que nada tem a ver com a inconsistência das normas”. Devemos dedicar tempo para melhorar a comunicação dentro da turma, rompendo com medos, resistências e timidez, favorecendo a participação, fomentando a sociabilidade, organizando atividades de ajuda e colaboração entre os alunos, praticando jogos colaborativos, dedicando tempo a escutar os alunos, ...

---

<sup>6</sup> Savater.

- c) Alfabetização nos processos de luta social não-violenta e na confrontação não –violenta dos conflitos.
- d) O próprio compromisso do docente em projetos de mudança e melhoria (participação em ONGs, associações, tomadas de posição perante determinados conflitos sociais) e a sua coerência entre os valores que defende e a sua prática profissional e social (fator essencial para gerar esperança e compromisso).
- e) Aceitação da diferença e compromisso com os mais necessitados - aprender a conviver significa conjugar a relação entre igualdade e diferença. Como proclama a Declaração Universal dos direitos Humanos, somos iguais em dignidade e direitos, mas as pessoas também são diferentes, diferentes por diferentes motivos e circunstâncias, diferenças que podem ser positivas e fomentadas e, noutros casos, diferenças que são negativas e, portanto, devem ser eliminadas.
- f) Estruturar o trabalho educativo da aula e da escola em projetos comunitários e de melhoria – portanto, proporcionar práticas solidárias de compromisso social através de parcerias escolares com outras escolas, campanhas de sensibilização, apoio a determinadas coletividades, e outros.

(...) SÓ É VERDADEIRAMENTE EDUCATIVO O QUE DE BELO SE ENSINA, O QUE SE SABE E SE MOSTRA OPORTUNAMENTE SABER, E O QUE SE REALIZA COM AMOR PELOS OUTROS”.

“ SE A ARTE É BELEZA, SOU LEVADO A PENSAR QUE TUDO QUANTO SE PODE ENSINAR É RECONHECER O QUE É BELO. Só a beleza devia inspirar os educadores. SÓ O QUE É BELO EM CONTRASTE COM O QUE NÃO É, DE VIA SER ENSINADO.”

“Faz da tua vida um lugar de beleza”,  
( Bento XVI, ao mundo da cultura, em Portugal.)

Bibliografia:

Jares, Xésus (2012) *Educar para a Verdade e a Esperança*, Lisboa, Edições ASA.

Carvalho Branco, M.E. (2000) *Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos*, Lisboa, Livros Horizonte.

Educação Emocional, cadernos de criatividade (2002), Associação Educativa para o Desenvolvimento da Criatividade

Estanqueiro, A. ( 2012) *Boas práticas na Educação*, Lisboa, Editorial Presença.

.....

*O ensino da EMRC aos olhos dos alunos*

Encaro a educação moral como uma vivência. Uma vivência tão forte, que a considero a de mais valor no crescimento de um jovem. Digo, com toda a certeza, que nada contribuiu para a minha formação como aquelas aulas. Aí experienciei um convívio genuíno e verdadeiro. Uma real cumplicidade entre alunos e professor. Vi muitos a chorar, a rir ou apenas a ouvir os outros. Isso tudo devido à partilha que se achava entre nós. Lembro-me dos exercícios de confiança, dos momentos de reflexão, em silêncio ou a dialogar... Das experiências de Taizé... Lembro-me também de partilhar as minhas questões e dúvidas e de me sentir à vontade para o fazer... Muitos momentos felizes que um texto não consegue, de maneira alguma, descrever. No fundo, o que acho realmente importante é que haja destes momentos, que nos provoquem sentimentos, emoções, amizades, e tanta coisa mais através da interação entre as pessoas. Isso automaticamente desenvolve em cada um o BOM espírito crítico, o saber escolher, o poder da reflexão, o dom da generosidade, da partilha... E esses é que são, a meu ver, os verdadeiros ensinamentos que a igreja deve transmitir a um adolescente, ajudando-o a caminhar para a idade adulta. Por tudo isto, vejo EMRC como algo que tem de ser vivido e não aprendido. Estou certo que o cativar reside na inovação da transmissão dos valores que já referi. Embora ache que o “ensino” desta disciplina não é para todos, tive a sorte e a graça de encontrar alguém extraordinário. A

relação única que fui adquirindo com a professora, fez com que passasse a ser minha madrinha e a uma das pessoas que mais estimo e acarinho. Todos os valores, a paz, a força e a bondade que me transmitiu são uma das maiores graças que me já me deram. Foi esta experiência de 3 anos e tudo o que dela veio por acréscimo que deu a maior das contribuições para hoje eu ser um melhor jovem, cidadão e cristão.

José Ribau Esteves | 13jan2012

Entre as diversas componentes que constituem a formação dos alunos, mais conhecidas no universo educacional como disciplinas, há que destacar uma em particular, que em muitos aspetos difere das restantes. É opcional, e no caso do Ensino Secundário, ocupa 90 minutos no horário semanal dos alunos.

Trata-se de Educação Moral e Religiosa Católica. Aqui, enquanto alunos, somos convidados a participar numa vertente mais dinâmica do nosso percurso educacional. Através de simples atividades e da realização de projetos direcionados para a temática da religião e dos valores do dia-a-dia, interiorizamos e processamos valores e atitudes. Tudo isto tem a finalidade de trabalhar o comportamento a ser tomado nas diversas situações do dia e, se possível, levar à descoberta das dimensões do ser humano, e ao seu crescimento em todas essas dimensões, com base em perspetivas relacionadas com a espiritualidade e com os valores. Com o passar do tempo em que estivemos envolvidos na disciplina torna-se evidente que estas perspetivas ocorrem naturalmente e são trabalhadas mediante envolvimento nas atividades propostas em EMRC. É, para nós, claro que a participação ativa na disciplina origina o desenvolvimento de uma mente mais aberta, de um carácter mais próprio, e de uma vivência mais saudável das experiências da vida.

Como é que isso acontece? Como funcionam as aulas de EMRC?

Para mim as aulas de EMRC são como uma forma de me aconselhar, ou sentir aconselhado, seja na vertente emocional, mental, ou espiritual, sem que no entanto sinta que estou a fazer uma visita ao psicólogo, dado que as aulas de EMRC são algo totalmente diferente...

João Nolasco

Fui aluna de EMRC do 5ºano até ao 12º, tive quatro professores diferentes nesse percurso.

No fim do 7º ano de escolaridade mudei de escola para a Secundária José Estêvão e, devido às minhas experiências passadas, decidi que não me iria matricular em EMRC. Talvez pela idade e agitação inerente, os quarenta e cinco, posteriormente noventa, minutos que dedicava por semana à disciplina pareciam-me infrutíferos – falavam-me de coisas que eu tão pouco compreendia e a minha única atividade era ouvir. A maioria dos meus colegas ia desistindo e o número de ouvintes era, com o decorrer do tempo, cada vez mais diminuto.

Apesar de tudo isto a minha decisão só durou uma semana, pois assim que entrei na nova escola percebi que estava a pisar um chão diferente, uma realidade dinâmica e cativante.

Ao entrar na primeira aula de teatro – 8º ano – conheço a professora de EMRC que lecionava as duas disciplinas e entendo que ali, naquela escola, as aulas de moral eram completamente o oposto daquilo a que todos estávamos habituados. Nessa mesma primeira semana assisto a uma aula e fico estonteada, sendo a única coisa a fazer dirigir-me à secretaria e matricular-me. Assim fiz, e a partir daí iniciei um percurso essencial para o meu crescimento, uma marca importante na minha vida, que me ajudou a desenvolver diversas capacidades que acompanham no dia-a-dia, na minha relação com o outro, que me ajudam a aproximar-me da minha fé.

Nestas novas aulas de educação moral e religiosa encontrei uma vasta plateia e todo um conjunto de atividades estimulantes, projetos para abraçar, novas maneiras de fazer chegar a mensagem.

Uma imagem frequente era que ao toque ninguém se apressava para sair, era um processo lento, sendo comum os alunos ficarem para falar sobre qualquer situação; tal como as visitas de antigos alunos, ou de alunos só de passagem, ou de pessoas de outras escolas que vinham para assistir, ou de alunos que não tinham EMRC e acabavam sempre por ficar.

Naquela antiga (a chamada sala de teatro), naquela aula de moral, mais que uma professora e quatro paredes, encontrávamos uma professora-amiga sempre atenta a todos os presentes, capaz de notar os problemas dos seus alunos no seu olhar e que não deixava ninguém sair sem dar uma palavra de conforto; encontrávamos uma professora próxima dos seus alunos, que conhecia cada um pelo seu nome, que sabia e acompanhava o seu crescimento

pessoal e espiritual – ali, na velhinha sala de teatro tudo podia acontecer em noventa minutos.

Nas aulas, por norma, estávamos dispostos em círculo, e, mesmo sendo uma turma que abarcava alunos de várias outras turmas, éramos um grupo, ouvíamos com gosto tudo aquilo que tínhamos que ouvir, e realizávamos as atividades com o mesmo gosto com que nos eram transmitidas.

Aprendi muito mais do que aquilo que vinha no livro, aprendi coisas que nunca poderiam vir nos livros. A professora Teresa transmitia-nos diariamente uma positividade e uma força ao encarar o mundo que se revelava contagiante para os todos os seus alunos (os seus muitos alunos); tudo o que se passava no ambiente de aula era vivido intensamente, desde jogos de confiança verdadeiramente desafiantes, a jogos de cadeira quente em que tínhamos que nos abrir diante dos nossos amigos, sendo confrontados com a nossa própria posição na vida.

Ao longo de 5 anos tivemos inúmeros projetos, dos quais destaco as preparações dos vários inter-escolas; um projeto de ajuda ao Rafael, que se prolongou durante praticamente um ano letivo e abrangeu toda a escola; as várias estátuas humanas com mensagens e símbolos que fazíamos durante os intervalos, o que chamava a atenção de toda a escola; as viagens a Taizé onde fomos apresentados a um mundo de paz e reflexão, de encontro com Deus e connosco mesmos; orações de Taizé organizadas pelos alunos na escola; a semana de EMRC que todos os anos encanta os corredores da José Estêvão com as mais variadas atividades; Santiago de Compostela; a Gala de Natal; o esculpir a cara dos nossos colegas em barro, conhecendo-lhes os traços; os trabalhos de grupo e as várias discussões que animaram tantas vezes conversas pós-aula sobre temas da disciplina, que talvez de outra forma não fossem existir.

A minha passagem por EMRC foi inesquecível, foi extremamente marcante e só espero nunca me esquecer de tudo aquilo que ali aprendi e que tento continuar a aplicar e desenvolver, sabendo, tal como todos os outros, que a porta da sala tem sempre uma pessoa, do outro lado, pronta a nos receber com um enorme sorriso e a palavra certa.

Gabriela Lacerda

Ao longo de 7 anos letivos como aluno da professora, tanto na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica como na de Oficina de Teatro, tive a oportunidade de ver um método pedagógico muito singular na forma como é apresentado e posto em prática.

Sendo um elemento militante do Movimento Católico de Estudantes (MCE) da Diocese de Aveiro, baseio fortemente as minhas dinâmicas de trabalho e reflexão em toda a metodologia que aprendi com as aulas de EMRC. Posso mesmo dizer que a minha integração e participação no MCE deve em muito a tudo o que me foi lecionado com o método da professora, facilitando em muito a compreensão do método em qual o MCE tem fundamentos, o método de 'ver-julgar-agir'. Considero este método um elemento pedagógico que deveria ser constituído como parte integrante do ensino português tamanha a sua importância no cenário social atual.

O facto de que é apresentado ao aluno propostas de trabalho para um bem comum ou com aspeto solidário, só de si já torna diferente a disposição do aluno, quebrando barreiras que por vezes são difíceis de quebrar num método mais comum. Claro que há trabalhos que envolvem parte teórica e nos quais se insere a parte de catequética, mas o aluno é levado a procurar e a conhecer de forma autónoma a Bíblia. É por isto que quem assiste a apenas a uma aula destas, seja ela de quarenta e cinco minutos ou noventa, não percebe o porquê de estar a decorrer um 'jogo' onde vemos alunos em cima de cadeiras e estabelecer uma determinada ordem ou estarem num 'jogo' de expressão mímica. Estes 'jogos' ou dinâmicas, como são denominadas, são o quebra-gelo e o que permite criação de laços de amizade e confiança entre alunos, permitindo assim uma maior facilidade na elaboração de trabalhos tanto na aula como quando para expô-las à comunidade escolar ou extra-escolar.

A relação professor-aluno torna-se assim bastante pessoal, uma do género em que não se encontra em praticamente mais nenhuma outra disciplina e que assim promove um ambiente mais íntimo tal como Jesus Cristo se apresentava com os seus apóstolos. Foram eles que fizeram, de uma maneira ou outra, chegar a nós a mensagem de Cristo, a mesma mensagem que os alunos transmitem e que traduzem a toda a escola, por via de expressão artística ou de forma ativa.

É a concretização destas atividades, a atitude e dinâmicas apresentadas que caracterizam a metodologia da professora, algo de vanguarda dentro do sistema de ensino português e que permitem uma sempre crescente valorização e reconhecimento da mesma dentro da sua própria área e em áreas do ensino e religião paralelas.

Tiago Peixinho

# Inovação e relação pedagógica

HÉLDER PIRES (\*)

No início deste debate de ideias, era interessante introduzir uma das variáveis começando por refletir sobre a pertinência e a atualidade da inovação educativa.

Fazendo uma breve alusão ao conceito de inovação, deparamo-nos que nesta matéria há poucos estudos nesta área da inovação educativa. Isto mostra que temos uma fraca tradição de investigação em educação.

Deparamo-nos com mudanças na educação quase que anualmente... mesmo em matérias de fundo... quer ao nível das metas curriculares, quer ao nível dos exames... mas essas reformas são feitas de forma empírica... sem base científica... e sempre com a dúvida se esse será o caminho mais indicado. Tal forma de trabalho, tem-nos saído caro e os efeitos são hoje particularmente penosos... Vemos a falta de autoridade dos professores, vemos um sistema burocrático e pouco funcional... vemos que o nosso trabalho é colocado à prova diariamente, precisando por isso de justificar tudo que fazemos...

E portanto o que interessa dizer, é que essas mudanças têm de ser mais pensadas, com bases o mais rigorosas possíveis, tanto empíricas, como reflexivas.

Tendo em conta uma sociedade cada vez mais exigente, cabe, em particular, à educação um papel fundamental no que respeita à inovação, quer se tratem de comportamentos quer de atitudes.

A inovação é, pois, uma das exigências prioritárias do presente.

---

(\*) Docente de EMRC. Membro do Secretariado Diocesano de Educação Moral e Religiosa Católica, diocese de Bragança-Miranda.

Mas afinal o que é isto de inovar?? É dotar as salas de Pc's e quadros interativos?? E modificar as aulas e passar a passar filmes e coisas engraçadas para os meninos gostarem das aulas??

O termo inovação nem sempre é utilizado na sua aceção mais correta. Ele é frequentemente utilizado como sinónimo de mudança, ou de renovação ou de reforma, sem contudo se tratarem de realidades idênticas.

A inovação não é uma mudança qualquer. Ela tem um carácter intencional, afastando do seu campo as mudanças produzidas pela evolução “natural” do sistema. A inovação é, pois, uma mudança deliberada e conscientemente assumida, visando uma melhoria da ação educativa.

A inovação não é uma simples renovação, pois implica uma rutura com a situação vigente, mesmo que seja temporária e parcial. Inovar faz supor trazer à realidade educativa algo efetivamente “novo”, ao invés de renovar que implica fazer aparecer algo sob um aspeto novo, não modificando o essencial.

O conceito de inovação é, pois, bastante mais rico e abrangente do que os conceitos de mudança, renovação ou de reforma, atrás mencionados.

De uma forma sintética podemos enumerar alguns dos seus atributos. A inovação pedagógica traz algo de “novo”, ou seja, algo ainda não estreado; é uma mudança, mas intencional e bem evidente; exige um esforço deliberado e conscientemente assumido; requer uma ação persistente; tenciona melhorar a prática educativa; o seu processo deve poder ser avaliado; e para se poder constituir e desenvolver, requer componentes integrados de pensamento e de ação (Cardoso, 1992).

Apesar da consciência que, de uma forma geral, todos parecem ter da inovação como uma das exigências prioritárias, é surpreendente constatar a inércia, ou quando muito, a lenta transformação dos sistemas educativos. Vejamos que as escolas persistem em continuar enquadradas por um modelo escolar tradicional que teve a sua razão de ser há alguns séculos atrás, que se adapta mais a um mundo permanente e estático do que a um mundo em mudança.

Não deixa de ser também interessante constatar que os formadores, que se identificam como «práticos inovadores» têm de ser capazes de assumir o risco da mudança, o que a maioria acaba por desistir para não ter de correr esse risco.

Num estudo feito em França, a quase totalidade professores inquiridos estão de acordo com a ideia de que o problema da mudança não se coloca tanto no como e em o que ensinar mas sobretudo no «como mobilizar os professores». Coloca-se, então a hipótese de que por detrás da mudança profissional se esconde uma mudança pessoal que envolve profundamente a personalidade do professor.

O universo organizacional e cultural do professor deve, pois, alimentar as suas iniciativas, patrociná-las, favorecendo a aprendizagem pessoal e profissional do professor.

No nosso país, em particular na última década, têm-se desenvolvido numerosos esforços tendentes à implementação de experiências inovadoras, nomeadamente no âmbito da reforma curricular. Só agora começamos a ter os resultados das primeiras investigações empíricas preocupadas em analisar os efeitos desta reforma.

No entanto, e de uma maneira geral, podemos afirmar que estes projetos não têm sido muito bem sucedidos e que o seu impacto fica bastante aquém do desejável. Isto mesmo transparece na opinião de Albano Estrela (1996) acerca da atual reforma curricular e do seu real impacto na educação, em Portugal: Embora a reforma fosse guiada por uma ideia tão clara e tão simples como a da centralização do currículo na aprendizagem e no aluno, a concretização não foi assim tão perfeita, não foi feita em termos de aprendizagem ou da formação dos professores como facilitadores da aprendizagem. Tudo se centrou no ensino enquanto atividade do professor. A estrutura tradicional das cadeiras manteve-se. É que não houve reforma curricular (Abrantes, 1996, p.15).

Uma conclusão importante a reter é, pois, a de que a legitimação política ou a racionalidade científica dos projetos inovadores não constituem garantia de êxito da sua implementação. A inovação tem revelado tanto de aliciante quanto de problemático e de complexo!

Esta partilha sobre inovação pretende mostrar por um lado, realçar a complexidade inerente ao processo inovador e, por outro lado, perspetivar/ compreender a inovação pedagógica de uma forma abrangente.

Ao refletir sobre a minha prática profissional verifico que tenho um longo caminho a percorrer. Visto um profissional da educação se encontrar

constantemente exposto a variadas solicitações e aprendizagens, terá que ser reflexivo para que, pondere se, as suas práticas são as mais adequadas e, caso não sejam, ajustá-las às necessidades dos seus discentes. Através dessa prática reflexiva, o professor coloca-se a si próprio, bem como às suas práticas pedagógicas, em constante avaliação.

Considero como aspeto positivo da minha metodologia de ensino o meu esforço em proporcionar aos meus alunos atividades lúdicas, dinâmicas e ativas, mais ainda numa disciplina como a de EMRC, de forma a motivá-los pois penso que a motivação destes é fundamental e crio aulas dinâmicas em que os alunos são sujeitos ativos na aprendizagem.

Tento sempre adequar as minhas metodologias e estratégias aos alunos a que se destinavam. “O professor para atuar com eficácia, deve esforçar-se por conhecer as características de cada aluno e as da classe considerada no conjunto para poder aperceber-se das correntes de simpatia ou de antipatia, de trabalho ou de preguiça, distinguir os dirigentes e guiá-los para procederem de acordo com o interesse geral, para criar uma “consciência coletiva” favorável à atividade de todos.” (DOTTRENS, Robert; 1974 : 55).

Utilizo rigor na operacionalização das atividades assim como tento sempre com que as atividades que proponho tenham sequência, de forma a facilitar a aprendizagem. Promovo também, sempre que isso se revela oportuno, debates com os alunos de forma desenvolver a sua expressão oral e também de forma a saber as suas opiniões sobre determinados temas.

“Desenvolver ambiente estimulante para aprendizagem é uma das responsabilidades primordiais do professor. Este precisa aceitar as experiências passadas que os jovens trazem à situação de aprendizagem e depois fornecer material, acontecimentos e circunstâncias que possam ter relação com elas” (MIEL Alice; 1997:162).

Mantenho uma boa relação com os meus alunos, pois considero que esta é fundamental para a existência de um bom ambiente na sala de aula, uma vez que “ Os alunos e os professores passam praticamente metade do tempo que estão acordados no contexto social a que chamamos sala de aula e, como em todas as situações sociais, interagem entre si.” (ARENDS, Richard; 1995:109).

Relativamente ao método ou modelo pedagógico utilizado, tenho sempre o cuidado de envolver os alunos em todas as atividades pois considero

que o aluno implicado, envolvido e interessado aprende com uma energia incomparável. O aluno tem que ser um sujeito ativo e participativo no processo de ensino-aprendizagem e não um mero recetor dos conhecimentos transmitidos pelo professor. Para que tal aconteça, é preciso tornar os saberes significativos e interessantes. O aluno precisa compreender o real valor daquilo que aprende e existem vários caminhos para se construir a necessidade de aprendizagem, no entanto é necessário que a cada objetivo a alcançar se dê o tempo e as oportunidades para que o aluno compreenda a sua importância e como esses conhecimentos se articulam com outros da vida real.

Um professor que, na preparação das suas aulas, atende a relações da aprendizagem com motivação, utilização de métodos ativos, interação entre a estrutura intelectual pré-existente e os novos conhecimentos a adquirir, fases da abordagem psicológica da realidade, regras da planificação didática, qualidade da relação pedagógica, etc., terá naturalmente maiores probabilidades de conseguir que os seus alunos sejam bem-sucedidos.

Assim, na minha opinião quando se inicia uma nova aprendizagem deve-se ir buscar o elo inicial às vivências do aluno. Relacionar os interesses e valores destes com a aprendizagem e descrevendo as suas aplicações futuras e só assim os alunos conseguirão realizar aprendizagens significativas.

Desta forma a relação pedagógica que estabeleço com os alunos é boa.

- Procuro estar atento às suas dificuldades e progressos, mostrando-me sempre disponível às suas solicitações;
- Procuro criar um clima de responsabilidade, respeito mútuo, entreajuda dentro e fora da sala de aula;
- Tento perceber quais são os interesses escolares e pessoais dos alunos, para poder ir ao seu encontro e cimentar uma relação pedagógica baseada na interação, na partilha, na entreajuda e na construção significativa de conhecimento por parte dos alunos;
- Procuro adequar as estratégias de ensino e aprendizagens às necessidades de cada aluno, com recurso a matérias didáticos e sempre que possível à utilização das novas tecnologias;
- Promover a melhor participação e conseqüente sucesso dos alunos procuro criar um ambiente na sala de aula descontraído mas que seja propício à aprendizagem.

## *Inovação e relação pedagógica*

- Procuro que as minhas aulas sejam o mais dinâmicas possível e em muitos dos casos não passasse pela sala de aula.
- Procuro que a minha inovação passe também pelo rigor na planificação das atividades lectivas;
- Na realização das atividades letivas tenho a preocupação de os recursos / instrumentos / estratégias utilizados foram os seguintes: manual do aluno, recursos áudio e vídeo, peddy-papper's, apresentações em PowerPoint;
- Relaciono os conteúdos abordados na disciplina com situações do quotidiano dos alunos;
- Desenvolvo situações de aprendizagem conducentes à promoção de autonomia e auto-estima, procuro usar uma linguagem adequada ao nível etário dos alunos. De uma maneira geral, mantenho um clima de descontração responsável e disciplinado, favorável ao processo ensino/ aprendizagem.

Penso que a nossa missão passa pelos alunos mas devemos também que passe pelos professores. O professor de EMRC tem de ser um testemunho na comunidade educativa. Deve ser um elemento congregador, usando do diálogo nos problemas que surgem

- procuro envolver-me nos projetos e atividades planeadas.
- Procuro estar sempre disponível e participativo no seio da vida escolar.

Considero que a educação deve desenvolver nos alunos todas as suas potencialidades e valorizar todos e quaisquer conhecimentos dos mesmos, partindo deles para depois lecionar os conteúdos programáticos. No entanto, o professor deve ter sempre bem presente que não lhe cabe só transmitir os conhecimentos que leciona: cabe-lhe também, paralelamente, desenvolver as capacidades intelectuais dos alunos o que dependerá, em boa parte, dos métodos e dos recursos pedagógico-didáticos que utiliza.

Os instrumentos pedagógicos utilizados por mim foram muito diversificados e na maioria das vezes, construídos para o efeito e para cada aula.

Utilizei sempre muito os manuais dos alunos, pois considero que os alunos devem utilizá-los o mais possível. Mas, tentei sempre que possível utilizar outro tipo de auxiliares de aprendizagem, como por exemplo a projeção multimédia. Com recurso a canções de artistas do nosso tempo, apresentações

de PowerPoint, histórias com um fim moral. Esta foi sem dúvida uma boa estratégia que motivou bastante os alunos por ser algo diferente do que estavam habituados.

Assim, considero que todo o professor tem que apostar em novas estratégias que surpreendam e motivem os seus alunos para a aprendizagem.



**METAS CURRICULARES  
DE  
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA  
CATÓLICA**



# Metas Curriculares de Educação Moral e Religiosa Católica

## *Pressupostos teóricos*

### 1. Sobre as Finalidades da disciplina de EMRC

As **Finalidades** de uma disciplina definem, em *termos ideais*, o que se pretende que um aluno adquira com a sua frequência, a partir da sua experiência como pessoa em crescimento e em desenvolvimento, no contexto de uma determinada sociedade e de um dado sistema de ensino, se cumprir as várias **Metas**, determinadas para o conjunto dos Ciclos (ou níveis) de ensino em que a disciplina é oferecida e pode, portanto, ser frequentada. Refere a Conferência Episcopal Portuguesa, que tutela a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, conforme previsto na Lei de Bases (Lei n.º 46/86 de 14 de outubro):

«A Educação Moral e Religiosa (católica ou de outras confissões) é uma disciplina que se insere nos currículos dos ensinos básico e secundário, desde o 1º ao 12º ano de escolaridade<sup>1</sup>. ... O currículo programa-se, tendo por base a articulação orgânica de três fatores fundamentais<sup>2</sup>: *a sociedade*, que tem uma história, instituições, valores dominantes, necessidades próprias e opções económicas, culturais e políticas; *os conhecimentos científicos*» (conteúdos) «de toda a ordem, que se transmitem ou se utilizam a partir das disciplinas científicas ligadas ao currículo, das ciências da educação e das diversas áreas da psicologia; *o aluno*, com as suas características próprias, no estágio de desenvolvimento físico e psicológico<sup>3</sup> em que se encontra, inserido num determinado ambiente sócio-cultural. ...

---

<sup>1</sup> No 1º ciclo não se utiliza a designação *disciplina*, mas a designação correspondente *área curricular disciplinar*.

<sup>2</sup> cf. Tanner, D., e Tanner, L. (1980). *Curriculum Development: Theory into Practice*. Londres: Collier McMillan Publishers. Adaptado por João Pinhal in *Apontamentos das aulas de Didática Geral e Desenvolvimento Curricular*. Universidade Católica Portuguesa (ano letivo de 1990/1991).

<sup>3</sup> Consideram-se as diversas áreas de desenvolvimento: intelectual, emocional, social, moral e religioso.

Que razões justificam a inclusão da EMRC no currículo escolar?» nacional «e, qual é natureza e o alcance desta disciplina? São questões que envolvem princípios conceptuais, cujas respostas podem ser diferentes, dependendo das mesmas, o estabelecimento de finalidades para a EMRC, as quais, consequentemente, podem também elas ser diferentes. ...

Do ponto de vista da organização e da prática curriculares, o Estado atribui exclusividade à Igreja Católica quanto à orientação do ensino de EMRC, competindo-lhe a elaboração e revisão dos programas, a elaboração, edição e divulgação de manuais e de outros instrumentos de trabalho, bem como a apresentação de candidatos a professores. Respeitam-se as orientações gerais que regem o sistema educativo e que garantem a harmonia curricular entre todas as disciplinas... »<sup>4</sup> naturalmente salvaguardando, em liberdade, a configuração da natureza específica de EMRC, isto é, a sua confessionalidade, ao tratar-se de uma disciplina da responsabilidade da Igreja em meio escolar.

«Ainda, na linha dos grandes princípios que justificam a EMRC no currículo escolar e que inspiram a sua natureza específica, a Conferência Episcopal, no exercício da sua competência reconhecida pelo Estado, acrescenta as seguintes perspetivas que focalizam a EMRC como serviço à educação integral dos alunos<sup>5</sup>: (1) não há educação integral sem a consideração da dimensão religiosa, porque ela é constitutiva da pessoa humana; (2) a componente religiosa é um fator insubstituível para o crescimento humano em liberdade e responsabilidade; (3) o Evangelho ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida; (4) o Evangelho inspira valores de fé e de humanidade que tecem a história e a cultura da Europa; (5) a compreensão da realidade social, que a escola deve promover, requer, para ser verdadeira, o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências sociais.

As finalidades de uma disciplina constituem um dos elementos essenciais do currículo escolar. ... a partir das intenções da disciplina e dos professores que a lecionam; e a partir dos alunos, entendendo-as como as grandes metas a alcançar ou aquisições globais a adquirir por aqueles que frequentem a EMRC com continuidade e longa duração. ...

---

<sup>4</sup> D. Tomaz Silva Nunes, «Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética*, n.º5. Ano 2, maio-ago 2006, SNEC, Lisboa, 75-80, p.75-76, cf. Conferência Episcopal Portuguesa, (2006), *Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade*, n. 6 (Publicado em *Pastoral Catequética*, n.º5. Ano 2, maio-ago 2006, SNEC, Lisboa, 7-16).

<sup>5</sup> Ibid.

Na ótica dos Bispos portugueses, a EMRC tem como grande finalidade “a **formação global do aluno**, que permita o **reconhecimento da sua identidade** e, progressivamente, a **construção de um projeto pessoal de vida**. Promove-a a partir do **diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa**”<sup>6</sup>.»<sup>7</sup> ...

**São Finalidades da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica<sup>8</sup>:**

- «Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência».

---

<sup>6</sup> Conferência Episcopal Portuguesa. Ibid. n. 8.

<sup>7</sup> D. Tomaz Pedro Barbosa da Silva Nunes, op.cit., p.79.

<sup>8</sup> Conferência Episcopal Portuguesa. Ibid. n. 10.

## **2. Sobre a definição de Metas Curriculares para o Ensino Básico – Despacho 5306/2012 de 18 de abril**

«Tendo em atenção as prioridades estabelecidas pelo Ministério da Educação e Ciência para o ensino com vista a elevar os padrões de desempenho dos alunos é decisivo que o desenvolvimento do novo Currículo Nacional:

- Contenha padrões de rigor, criando coerência no que é ensinado nas escolas;
- Permita que todos os alunos tenham oportunidade de adquirir um conjunto de **conhecimentos** e de desenvolver **capacidades fundamentais** nas disciplinas essenciais;
- Garanta aos professores a liberdade de usar os seus conhecimentos, experiência e profissionalismo para ajudar os alunos a atingirem o seu melhor desempenho. ...

... Os **padrões** que se estabelecem devem ser traçados tendo em conta a formação integral dos estudantes e a relevância do ensino para o mundo real, refletindo o conhecimento e as capacidades que os nossos jovens necessitam de adquirir e desenvolver para o seu sucesso no futuro. Promove-se, assim, a elaboração de documentos clarificadores que dão prioridade aos **conteúdos fundamentais**, sendo o ensino de cada disciplina curricular referenciado pelos **objetivos e conteúdos** de cada programa oficial.

Desta forma, o desenvolvimento do ensino será orientado por **Metas Curriculares** nas quais são definidos, de forma consistente, os **conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir, nos diferentes anos de escolaridade ou ciclos e nos conteúdos dos respetivos programas curriculares**.

... A definição destas Metas Curriculares organiza e facilita o ensino, pois fornece uma visão o mais objetiva possível daquilo que se pretende alcançar, permite que os professores se concentrem no que é essencial e ajuda a delinear as melhores estratégias de ensino. Para cada disciplina e para cada etapa, devem identificar -se, de forma clara:

- Os **conteúdos fundamentais** que devem ser ensinados aos alunos;
- A **ordenação sequencial ou hierárquica dos conteúdos** ao longo das várias etapas de escolaridade;
- Os **conhecimentos e capacidades** a adquirir e a desenvolver pelos alunos;

- Os **padrões/níveis esperados de desempenho** dos alunos que permitam avaliar o cumprimento dos objetivos.

Deste modo, revela-se crucial a reformulação das Metas Curriculares para as diferentes disciplinas do ensino Básico e Secundário, passando estas a assumirem-se, por todos e em cada disciplina, como uma referência fundamental no ensino.

A reformulação das Metas poderá implicar uma revisão parcial de alguns programas curriculares, devendo apenas alterar-se o que é estritamente necessário e justificável.»

### **3. Determinação dos conceitos que sustentam as Metas Curriculares de EMRC e a sua articulação programática**

As **Metas Curriculares** definem o que o professor pretende que os alunos aprendam:

- **Metas Curriculares** – organização dos conteúdos programáticos da disciplina de modo que se evidenciem os seus conteúdos fundamentais e que estes possam ser objeto de uma ordenação sequencial e hierárquica ao longo das várias etapas da escolaridade. Essa ordenação deve ser orientada a partir de núcleos de conhecimentos e capacidades a adquirir e desenvolver pelos alunos e poderá culminar na definição ulterior de padrões de desempenho, se se julgar adequado às finalidades da disciplina.

**Para a disciplina de EMRC, as Metas Curriculares**, que enunciam expectativas gerais quanto à aprendizagem do aluno, **foram definidas a partir das Finalidades da Disciplina** (referidas em 1.), tal como enunciadas pela Conferência Episcopal Portuguesa, e consubstanciam-se num reordenamento programático (revisão parcial) que se alicerça em:

- **Domínios** – áreas de ensino que a disciplina compreende e que agregam logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer (campos de conhecimento, conteúdo) e do que o aluno deve saber fazer (processos ou competências); determinam-se a partir das suas **Finalidades** e do estatuto epistemológico da Teologia e das Ciências da Religião.

**Determinaram-se os seguintes Domínios:**

- Religião e Experiência Religiosa;
- Cultura cristã e visão cristã da vida;
- Ética e moral.

**Por Domínios, definiram-se as seguintes Metas Curriculares:**

**Por Domínios, definiram-se as seguintes Metas Curriculares:**

DOMÍNIOS	METAS
RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.
CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA	E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. G. Identificar os valores evangélicos. H. Articular uma perspetiva sobre as principais propostas da Igreja Católica. I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade. J. Descobrir a simbólica cristã. L. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso. M. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.
ÉTICA E MORAL	O. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. P. Promover o bem comum e o cuidado do outro. Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. R. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. S. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

Estas **Metas Curriculares**, atendendo à carga horária atribuída à disciplina (em média: 120 tempos letivos de 45 minutos, para o 1º Ciclo; 60 tempos letivos de 45 minutos para o 2º Ciclo; 90 tempos letivos de 45 minutos para o 3º Ciclo e 90 tempos letivos de 90 minutos para o Ensino Secundário) foram definidas para o total dos doze *Níveis de Ensino* (do 1º ao 12º anos) previstos pelo *Sistema de Ensino*, salvaguardando-se que, atendendo à sua complexidade, nem todas as Metas possam ser convertidas em Objetivos Programáticos no Ensino Básico. Entendeu-se, igualmente, que as Metas Curriculares só poderão ser totalmente atingidas pelos alunos após a conclusão de todo o percurso escolar, pelo que o docente deve lecionar tendo em consideração a necessidade de facilitar aos seus discentes a aquisição da totalidade dos *Objetivos* previstos para as várias *Unidades Letivas* de cada Nível de Ensino, pois é a aquisição cumulativa e interativa desses *Objetivos* que permite ao aluno familiarizar-se com e interiorizar

as **Metas Curriculares**. Assim, e em termos de proposta de reordenamento programático, para cada **Unidade Letiva**, as **Metas Curriculares** definem permitem a definição de um conjunto de **Objetivos Programáticos** e estes articulam-se em torno de um conjunto de **Conteúdos**.

- **Objetivos Programáticos** – enunciados do tipo de resultados de aprendizagem que se esperam da lecionação de determinados conjuntos de conteúdos, descrevem a intenção do professor em relação ao desenvolvimento e à mudança pretendidos no aluno; redigidos a partir das ações que os alunos devem concretamente realizar, são mensuráveis através dos instrumentos de avaliação adequados; organizam-se a partir das **Metas Curriculares** tal como organizadas para os **Domínios** definidos.

A definição de Objetivos Programáticos permite determinar com precisão o comportamento que o aluno deve adquirir e que o professor aceitará como prova da aprendizagem, a situação de teste e o critério de desempenho. Os Objetivos Programáticos/ de aprendizagem também dão aos alunos uma mensagem clara do que se espera deles, favorecendo a aprendizagem e a autonomização progressiva dos alunos.

O Programa de EMRC organiza-se por *níveis de ensino* e para cada nível de ensino foram determinadas **Unidades Letivas**. Cada uma das Unidades Letivas desenvolve-se em **Objetivos Programáticos de Unidade** que operacionalizam a aprendizagem dos **conteúdos específicos** do tema de cada **Unidade Letiva**. A articulação de Objetivos e Conteúdos deve conduzir o professor à adequada determinação de estratégias/atividades de aprendizagem e fornecer os elementos necessários à seleção e elaboração dos instrumentos de avaliação. Para tal, poderá ser necessário definir:

- Padrões de desempenho.

#### **4. Revisão do Programa decorrente da elaboração das Metas Curriculares**

A revisão parcial do programa justifica-se pela identificação das seguintes necessidades pedagógicas:

- Favorecer a aprendizagem dos alunos promovendo uma relação mais estreita das suas capacidades, interesses e potencial desenvolvimental com os conteúdos das diversas Unidades Letivas;
- Melhorar a lecionação e a assimilação de conteúdos facultando elementos de estruturação programática mais definidos, tanto no interior de cada Ciclo como no de cada nível de ensino;
- Tornar o conjunto de conteúdos – em extensão, densidade e diversidade – mais adequado à carga horária da disciplina;
- Favorecer a preparação de materiais flexíveis e ajustados aos interesses e necessidade educativas dos alunos.

A revisão parcial do programa implicou, igualmente, e para seguimento das indicações da tutela (já referidas em 2.) a escolha de uma estratégia de desenvolvimento curricular que permitisse não só a indicada eliminação das Competências, como a estruturação dos Conteúdos indicados para cada Unidade Letiva em Objetivos de Aprendizagem (**Objetivos Programáticos de Unidade Letiva**). Como na edição de 2007 do Programa da disciplina as Competências Específicas se articularam com os Conteúdos através de uma Operacionalização de Competências (mantendo, pois, duas vias de definição identificadas com Competências, e permitindo que os conteúdos fossem apresentados apenas como suporte da aquisição das referidas Competências Específicas), a presente revisão parcial parte dos Conteúdos indicados e, à luz das Metas Curriculares definidas, sugere os Objetivos Programáticos necessários à aquisição dos referidos Conteúdos. Do mesmo modo, a definição das Metas e a redação dos Objetivos visa igualmente a aquisição de competências/capacidades diversas, estruturadas pelos Domínios definidos: de natureza essencialmente intelectual (Domínios da RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA e da CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA) e centrados no desenvolvimento social e moral, isto é, na aquisição de competências que facilitem e permitem um maduro agir moral (Domínio da ÉTICA E MORAL).

Também se procurou criar alguma *potencialidade de transição* entre as várias **Unidades Letivas** (que na versão de 2007 do Programa surgem totalmente

independentes umas das outras e sem pretensão de articulação temática no interior dos Níveis/Ciclos, embora se argumente que se pretende uma construção em espiral) no interior de cada *Nível de Ensino* e na passagem de um *Ciclo* a outro, o que foi operacionalizado com base sobretudo em argumentos de natureza teológica (coesão e coerência conceptual fornecida pela ancoragem em conteúdos provenientes ou tratados a partir da Teologia).

## **5. Edição Revista do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (2007), de 2013**

### **5.1. Unidades Letivas**

#### **5.1.1. 1º Ciclo**

- **1º Ano**

**UL1:** Ter um Coração Bom

**UL2:** Jesus nasceu!

**UL3:** Crescer em Família

- **2º Ano**

**UL1:** Ser Amigo

**UL2:** A Mãe de Jesus

**UL3:** A Páscoa dos cristãos

**UL4:** Cuidar da Natureza

**UL4:** Deus é Amor

- **3º Ano**

**UL1:** A Dignidade das Crianças

**UL2:** Ser Solidário

**UL3:** Diálogo com Deus

**UL4:** A Igreja

- **4º Ano**

**UL1:** Ser Verdadeiro

**UL2:** Crescer na Diversidade

**UL3:** O Perdão

**UL4:** A Bíblia

### **5.1.2. 2º Ciclo**

- **5º ano**

**UL1:** Viver juntos

**UL2:** Advento e Natal

**UL3:** A Família, Comunidade de Amor

**UL4:** Construir a Fraternidade

- **6º ano**

**UL1:** A Pessoa Humana

**UL2:** Jesus, um Homem para os outros

**UL3:** A partilha do Pão

### **5.1.3. 3º Ciclo**

- **7º ano**

**UL1:** As origens

**UL2:** As Religiões

**UL3:** Riqueza e sentido dos Afetos

**UL4:** A Paz universal

- **8º ano**

**UL1:** O Amor Humano

**UL2:** O Ecumenismo

**UL3:** A Liberdade

**UL4:** Ecologia e Valores

- **9º ano**

**UL1:** A Dignidade da Vida Humana

**UL2:** Deus, o grande Mistério

**UL3:** Projeto de Vida

### **5.1.4. Ensino Secundário**

No **Ensino Secundário** não foram suprimidas nem adicionadas **Unidades Letivas**. Tendo em consideração as necessidades educativas dos alunos, os conteúdos já adquiridos e as capacidades desenvolvidas em nove níveis de Escolaridade Obrigatória, as estratégias pedagógicas utilizadas habitualmente pelos docentes deste Ciclo de Ensino e a lógica editorial seguida pelos *Manuais*

produzidos para a lecionação do Programa na edição de 2007, decidiu-se manter todas as Unidades Letivas e fornecer aos docentes uma leitura dos muito ricos conteúdos apresentados de tal modo que possam definir-se os Objetivos Programáticos necessários à aprendizagem dos conteúdos e de modo que estes possam articular-se melhor entre si e com as Metas Curriculares definidas para a disciplina.

A articulação dos **Conteúdos** visa uma hierarquização e clarificação conceptual destes e um maior rigor na sua aprendizagem, o que pode implicar a alteração da ordem dos mesmos, a eliminação de conteúdos repetitivos, circunstanciais ou periféricos face ao tema a tratar e, mesmo, a adição pontual de algum conteúdo de natureza conceptual que favoreça a *coerência científica (teológica e das ciências da religião)* do desenvolvimento da Unidade Letiva. Do mesmo modo se procurou que, pelo tratamento prévio dado aos Conteúdos e, posteriormente, à forma como se redigiram os **Objetivos** de cada Unidade Letiva, fosse possível garantir a exata distinção dos *temas e aprendizagens* a garantir com cada Unidade Letiva, por vezes insuficientemente circunscritos, especificados e identificados. Também se procurou reforçar as oportunidades de aprendizagem que se relacionam com a aquisição de capacidades relativas ao estudo e interpretação do texto bíblico sempre que estas se consideraram insuficientes e/ou esporádicas uma vez que se considera não só um conhecimento transversal como potenciador da autonomização progressiva dos alunos na sua investigação e aprendizagem sobre o moral e o religioso.

Anexo 1 – Estruturação Programática para EMRC

Anexo 2  
EMRC - Domínios de aprendizagem segundo as Finalidades definidas

FINALIDADES	DOMÍNIOS	METAS
<p><b>I.</b> Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;</p>	<p><b>Domínio - Religião e Experiência Religiosa</b></p>	<p><b>A.</b> Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</p>
<p><b>II.</b> Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;</p>		<p><b>B.</b> Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p>
<p><b>III.</b> Adquirir uma visão cristã da vida;</p>		<p><b>C.</b> Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</p>
<p><b>IV.</b> Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;</p>		<p><b>D.</b> Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a elaboração entre os povos.</p>
<p>(Adquirir uma visão cristã da vida);</p>	<p><b>Domínio - Cultura cristã e visão da vida</b></p>	<p><b>E.</b> Identificar o núcleo central de cristianismo e do catolicismo</p> <p><b>F.</b> Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p> <p><b>G.</b> Identificar os valores evangélicos.</p>
<p><b>V.</b> Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;</p>		<p><b>H.</b> Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.</p>
<p><b>VI.</b> Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;</p>		<p><b>I.</b> Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.</p>
<p><b>VII.</b> Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;</p>	<p><b>Domínio - Ética e moral</b></p>	<p><b>J.</b> Descobrir a simbólica cristã.</p> <p><b>L.</b> Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.</p>
<p><b>VIII.</b> Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;</p>		<p><b>M.</b> Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>
<p>(Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social.);</p>	<p><b>Domínio - Ética e moral</b></p>	<p><b>O.</b> Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p><b>P.</b> Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p><b>Q.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>
<p><b>IX.</b> Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;</p>		<p><b>R.</b> Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p><b>S.</b> Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>
<p><b>X.</b> Aprender o fundamento religioso da moral cristã;</p>		<p><b>XI.</b> Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência».</p>

Anexo 2 - EMRC - Domínios de aprendizagem segundo as Finalidades definidas

Anexo 1 – Estruturação Programática para EMRC



